

NARRATIVAS AUTO (BIOGRÁFICAS)

PERCURSOS FORMATIVOS E RESISTÊNCIAS EM CONTEXTOS DE POBREZA E DESIGUALDADE SOCIAL

CÉLIA REGINA TEIXEIRA

FRANCYMARA ANTONINO N DE ASSIS

JOEL ARAÚJO QUEIROZ

JOSEVAL DOS REIS MIRANDA

MARIA VALDENICE RESENDE SOARES

VOLUME 1

NARRATIVAS AUTO (BIOGRÁFICAS):

Percursos Formativos e Resistências em
Contextos de Pobreza e Desigualdade Social



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA**

Reitora MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA MELO DINIZ
Vice-Reitora BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA



EDITORA DA UFPB

Diretora IZABEL FRANÇA DE LIMA
Supervisão de Administração GEISA FABIANE FERREIRA CAVALCANTE
Supervisão de Editoração ALMIR CORREIA DE VASCONCELLOS JÚNIOR
Supervisão de Produção JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO

CONSELHO EDITORIAL

Adailson Pereira de Souza (Ciências Agrárias)
Eliana Vasconcelos da Silva Esvael (Linguística, Letras e Artes)
Fabiana Sena da Silva (Interdisciplinar)
Gisele Rocha Cortês (Ciências Sociais Aplicadas)
Ilda Antonieta Salata Toscano (Ciências Exatas e da Terra)
Luana Rodrigues de Almeida (Ciências da Saúde)
Maria de Lourdes Barreto Gomes (Engenharias)
Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)
Maria Regina Vasconcelos Barbosa (Ciências Biológicas)

Célia Regina Teixeira
Francymara Antonino N. de Assis
Joel Araújo Queiroz
Joseval Dos Reis Miranda
Maria Valdenice Resende Soares
(Organizadores)

**NARRATIVAS AUTO
(BIOGRÁFICAS):**
Percurso Formativos e Resistências em
Contextos de Pobreza e Desigualdade Social

(Volume I)

Editora UFPB
João Pessoa-PB
2018

Direitos autorais 2018 - Editora UFPB
Efetuado o Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Todos os direitos reservados à Editora UFPB
É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do autor.

Impresso no Brasil. Printed in Brazil.

Projeto Gráfico Editora UFPB
Editoração Eletrônica Clemente Ricardo Silva
Design e Imagem de Capa Ana Gabriella Carvalho

CATALOGAÇÃO NA FONTE: Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba

N234 Narrativas auto (biográficas) : percursos formativos e resistências em contextos de pobreza e desigualdade social / Organizadores: Célia Regina Teixeira ... [et al.]. - João Pessoa : Editora UFPB, 2018.
Recurso Digital (1,5 MB)
Formato: ePDF
Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader
ISBN: 978-85-237-1364-5 (recurso eletrônico)
1. Desigualdade social. 2. Desigualdade econômica. 3. Educação.
I. Teixeira, Célia Regina. II. Título.

UFPB/BC

CDU: 177.5

EDITORA DA UFPB Cidade Universitária, Campus I – s/n
João Pessoa – PB
CEP 58.051-970
editora.ufpb.br
editora@ufpb.edu.br
Fone: (83) 3216.7147

Editora filiada à:



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
--------------------	----

1ª PARTE

CONCEPÇÕES DE POBREZA E DESIGUALDADE SOCIAL, SUAS MARCAS E MECANISMOS DE SUPERAÇÃO

1 CONCEPÇÕES DE POBREZA DAS PRODUÇÕES FINAIS DOS/AS CURSISTAS DO CURSO EPDS

Célia Regina Teixeira

Francymara Antonino N. de Assis

Joel Araújo Queiroz

Joseval dos Reis Miranda

Maria Valdenice Resende Soares14

2 CONCEPÇÕES DE DESIGUALDADE SOCIAL DAS PRODUÇÕES FINAIS DOS/AS CURSISTAS DO CURSO EPDS

Célia Regina Teixeira

Francymara Antonio Nunes de Assis

Joel Araújo Queiroz

Joseval dos Reis Miranda

Maria Valdenice Resende Soares35

3 MARCAS DA POBREZA DAS PRODUÇÕES FINAIS DOS CURSISTAS DO CURSO EPDS

Célia Regina Teixeira

Francymara Antonino N. de Assis

Joel Araújo Queiroz

Joseval dos Reis Miranda

Maria Valdenice Resende Soares47

4 MECANISMO DE SUPERAÇÃO DA POBREZA DAS
PRODUÇÕES FINAIS DOS CURSISTAS DO CURSO EPDS

Célia Regina Teixeira

Francymara Antonino N. de Assis

Joel Araújo Queiroz

Joseval dos Reis Miranda

Maria Valdenice Resende Soares62

2ª PARTE

NARRATIVAS AUTO (BIOGRÁFICAS) EM
CONTEXTOS DE POBREZA E DESIGUALDADE SOCIAL

1 RECORTES DE HISTÓRIA DE VIDA E
AÇÕES DO PROGRAMA CRIANÇA FELIZ
NO MUNICÍPIO DE SUMÉ - PB

Daniela Brito Ramos.....80

2 A COMUNIDADE ESCOLAR
VIVENDO COM A POBREZA: Trajetória de Vida
de Professores da Escola Américo Falcão – Lucena/PB

Débora da Conceição Sales da Silva94

3 NARRATIVA DE VIDA: superação de
uma difícil realidade de pobreza

Emanoel José Duarte..... 100

4 A DESIGUALDADE SOCIAL PRESENTE
EM MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA

Fabiane Apolinário da Silva..... 106

5 POBREZA: Desafios, Educação e Integração Social

Gessé Viana da Silva 113

6 PAIS NEGROS E ANALFABETOS, FILHO PROFESSOR: A Narrativa da Vida Acadêmica de Itamar Cosme <i>Itamar Cosme da Silva</i>	120
7 MEMORIAL DA VIDA ESCOLAR, ACADÊMICA E PROFISSIONAL: A Educação como Veículo de Transformação Social <i>Janaina Aguiar da Silva</i>	128
8 REFLEXÕES DA RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E UM COMUNIDADE EM UMA SITUAÇÃO DE POBREZA <i>Josenilda da Silva Falcão</i>	141
9 O IMPACTO DA EDUCAÇÃO: A vida de um filho de pescador <i>José Max de Lima de Brito</i>	149
10 DESIGUALDADE SOCIAL: O Óbice para Educação <i>Juliana Figueredo Pereira</i>	160
11 RELATO DE UMA TRAJETÓRIA: do sertão à capital <i>Khadidja de Brito Cartaxo</i>	164
12 MINHA EXPERIÊNCIA: falhas existentes na educação <i>Lívia Nascimento da Silva</i>	171
13 NARRATIVA DE VIDA: Marcas da Pobreza e da Desigualdade Social <i>Luciano Duarte da Silva</i>	177

14 REFLEXÃO DE UMA EDUCADORA: A Importância da Família no Contexto Educacional <i>Lucimares Sílvia da Cruz</i>	185
15 POLÍTICAS PÚBLICAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O COMBATE A POBREZA NO MUNICÍPIO DE JACARAÚ-PB <i>Maria das Dores de Oliveira de Carvalho</i>	192
16 TRAJETÓRIA DE VIDA: Pessoal, Acadêmico e Profissional <i>Maria de Fátima de Mascena Santos</i>	200
17 UMA MENINA QUE SE TORNOU EDUCADORA: Trajetórias Escolar, Acadêmica e Profissional em Conflitos com Situações de Pobreza <i>Maria José da Silva Cordeiro Gomes</i>	210
18 DESIGUALDADES SOCIAIS NA TRAJETÓRIA ESTUDANTIL: condições de pobreza no processo de ensino aprendizagem <i>Maria Sonali da Silva</i>	219
19 ENFRENTANDO A POBREZA: Combatendo a Desigualdade Social <i>Maria Neide de Figueredo Pereira</i>	226
20 DO TEXTO AO CONTEXTO: Uma estreita relação entre pobreza e educação <i>Mônica Cristina da Silva Santiago</i>	230
21 A POBREZA VISTA COM OUTROS OLHOS: Como o Curso Educação Pobreza e Desigualdade Social mudou minhas Concepções <i>Rayanne de França Fasseluan</i>	245

22 TRAJETÓRIA DE VIDA: Reflexões sobre Educação, Pobreza e Desigualdade Social <i>Rejane Sousa da Silva</i>	252
23 MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA MARCADA PELA POBREZA E A DESIGUALDADE SOCIAL <i>Simone Cosme de Farias Ferreira</i>	258
SOBRE OS AUTORES	264

APRESENTAÇÃO

O Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social (EPDS) sob Coordenação Geral de Acompanhamento da Inclusão Escolar, na Diretoria de Políticas de Educação em Direitos Humanos e Cidadania da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), do Ministério da Educação, em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), expõem os resultados dos trabalhos de conclusão dos cursistas.

Para isso foram organizados dois livros que apresentam o resultado final da implementação da Iniciativa Educação, Pobreza e Desigualdade Social da Universidade Federal da Paraíba, do Centro de Ciências Aplicadas e Educação, *Campus IV*, unidade Mamanguape.

O projeto teve início efetivamente em novembro de 2017 e a sua conclusão em dezembro de 2018. Ao término, teve duzentos e setenta e dois cursistas aprovados no Curso de Aperfeiçoamento. Os trabalhos desses cursistas foram organizados em dois livros.

Desses duzentos e setenta e dois trabalhos, foram selecionados os que dialogam na área das Narrativas, do Currículo, do Tempo, do Espaço e do Território, por serem os módulos selecionados para serem refletidos ao longo do Curso. A autoria de cada artigo é seguida pelo nome dos cursistas, do tutor e dos professores pesquisadores.

O primeiro volume, cujo título é **Narrativas Auto (biográficas): percursos formativos e resistências em contextos de pobreza e desigualdade social**, apresenta duas partes. *Na Primeira Parte* os professores pesquisadores analisam as produções dos cursistas e apresentam as concepções de pobreza e desigualdade social, suas marcas e mecanismos de superação registradas nas atividades executadas no curso. *Na Segunda Parte* estão organizados os relatos das trajetórias de vida dos cursistas. Estes incidem sobre aspectos específicos da formação e prática educativa, num determinado tempo e espaço históricos. Os escritos, que assinalam a

importância da compreensão dos atores sociais através da vida cotidiana, revelam as marcas da pobreza e da desigualdade social, bem como as estratégias de superação e resistência.

O segundo volume nominado de **Espaços Escolares: reflexões sobre pobreza e desigualdade social** aborda a questão da pobreza no âmbito das escolas públicas municipais e estaduais, a dimensão curricular e de organização do trabalho pedagógico.

O terceiro volume denominado **Espaços não Escolares: reflexões sobre pobreza e desigualdade social** traz os trabalhos que versam sobre as questões da Pobreza e Desigualdade social nos espaços não escolares como Espaços de Assistência as crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, Centro de Referências (CREAS); Centro de Referências e Assistência Social (CRAS) e Unidades de Saúde da Família (USF).

1ª PARTE

CONCEPÇÕES DE POBREZA E DESIGUALDADE SOCIAL, SUAS MARCAS E MECANISMOS DE SUPERAÇÃO

1 CONCEPÇÕES DE POBREZA DAS PRODUÇÕES FINAIS DOS/AS CURSISTAS DO CURSO EPDS



Retirantes, um dos painéis da série de mesmo nome, de Cândido Portinari (1944).

CÉLIA REGINA TEIXEIRA
FRANCYMARA ANTONINO NUNES DE ASSIS
JOEL ARAÚJO QUEIROZ
JOSEVAL DOS REIS MIRANDA
MARIA VALDENICE RESENDE SOARES

Ao iniciarmos o Curso de Aperfeiçoamento em Educação Pobreza e Desigualdade Social – EDPS entendemos que eram necessários aos/às cursistas a compreensão, o conhecimento e a reflexão crítica acerca do conceito de pobreza. Desse modo, ao trabalharmos no nosso curso,

em um primeiro momento, o módulo introdutório intitulado “*Pobreza, Desigualdades e Educação*”, organizado pelo professor Miguel Arroyo, buscamos por meio das leituras e atividades propostas que os/as cursistas extraíssem e construíssem o conceito de pobreza.

Sabíamos da necessidade de compreensão desse conceito para o prosseguimento das atividades no curso bem com a construção do trabalho final. Nesse sentido, as atividades propostas buscaram propiciar ao/à cursista a reflexão crítica sobre a realidade que envolve a pobreza, a desigualdade social e sobre as possibilidades postas pela educação para que essa realidade seja transformada.

Nesse sentido, Arroyo (2014) salienta sobre a visão da pobreza:

Interpretações reducionistas da pobreza e das desigualdades, como as citadas, terminam por ocultar o processo histórico de produção desses fenômenos e ignoram a questão social que os envolve. Aos(às) pobres são negados os direitos sociais mais básicos, como alimentação, teto, renda e trabalho, os quais é atribuição do Estado garantir. Logo, o reconhecimento dessas condições deve conduzir à estruturação de políticas sociais – das quais o Programa Bolsa Família é um exemplo – e de programas que busquem transformar essa realidade, sem incorrer em medidas meramente assistencialistas ou moralizantes (ARROYO, 2014, p. 14).

Assim, a seguir apresentamos os conceitos de pobreza que foram coletados por meio das várias produções realizadas pelos/as cursistas durante o Curso de Aperfeiçoamento em Educação Pobreza e Desigualdade Social – EDPS.

QUADRO 01: Síntese das Concepções de Pobreza das Produções Finais dos Cursistas do Curso EPDS

NOME DO/A CURSISTA	CONCEPÇÕES DE POBREZA
Almir de Farias Silva	<p><i>O cursista apresenta uma escola municipal localizada no município de Curral de Cima – Paraíba. Pretende apresentar as principais dificuldades vivenciadas pela comunidade escolar devido às condições sociais e econômicas dos alunos, evasão escolar, frequência e rendimento escolar. Apresenta citação de Arroyo sobre as concepções moralizantes da pobreza, mas não relaciona esse pensamento com o seu trabalho.</i></p>
Ana Maria Gomes Ribeiro	<p><i>"É preciso compreender a pobreza como um fenômeno complexo que envolve fatores sociais, econômicos, políticos e históricos e que nem sempre o sujeito consegue superar sem a contribuição do Estado".</i></p>
Ana Maria Jorge de Souza Carneiro	<p><i>A autora afirma que "a pobreza está associada à carência de elementos essenciais básicos, tais como saúde, educação, moradia, alimentação, segurança, renda e cidadania".</i></p>

<p>Andreia Galdino da Silva</p>	<p><i>A cursista reflete sobre o Projeto Político Pedagógico e sua relação com a situação de pobreza e desigualdade social dos alunos. Afirma que: “... a partir da temática o currículo escolar: um espaço para discussão da pobreza e da desigualdade social. Tive a oportunidade, ao realizar as atividades propostas pelo curso de aperfeiçoamento EPDS e enquanto professora da referida escola, de detectar no projeto político pedagógico vários pontos que deveriam ser repensados não apenas por mim, mas por todos os professores e demais funcionários que compõem a instituição educacional, e foi isso que ocorreu. Segundo a cursista: “o curso de aperfeiçoamento educação pobreza e desigualdade social, que teve como centralidade a formação continuada de professores da educação básica envolvidos com a educação de crianças, adolescentes e jovens que vivem em circunstâncias de pobreza ou extrema pobreza, pretende aproximar os estudos teóricos aos contextos sociais empobrecidos, reconhecendo que a pobreza não deixa de existir no momento em que esses sujeitos entram na escola e, é nesse sentido que o PPP precisa ser repensado”.</i></p>
<p>Daniela Brito Ramos</p>	<p><i>“Uma das características mais autênticas da sociedade contemporânea é a fragilidade dos direitos essenciais à vida e à dignidade humana. Tais direitos denotam primeiramente o deleite à vida, à liberdade e à igualdade de toda e qualquer pessoa pelo simples fato dela pertencer à espécie humana, daí a denominação Direitos Humanos”.</i></p>

Dayane Ribeiro da Silva	<i>A cursista adota a definição de Arroyo (2018) e afirma que a pobreza, para muitos, é entendida como algo referente ao estado em que o indivíduo se encontra, atrelando-se a não posse de bens necessários para sobreviver, mas ela não é somente isso, pois está ligada a vários aspectos, no qual, o mais primordial é a falta de Educação.</i>
Debora da Conceição Sales da Silva	<i>"A pessoa pobre sofre muito e se sente inferior, pois a pobreza o exclui, denigre a imagem e é reproduzida muitas vezes na própria escola. Contudo, pobreza é a ausência do que uma pessoa necessita para viver, ou seja, é quando uma pessoa não tem nada para se alimentar, para esta pessoa, falta o necessário para sua sobrevivência".</i>
Edilane Batista Ferreira	<i>A cursista faz uma reflexão sobre a pobreza a partir de sua própria trajetória de vida, no entanto, seu trabalho tenha o objetivo de visibilizar a situação de pobreza e desigualdades sociais presentes na escola pública Francisco Pessoa de Brito. A estudante afirma que: "A interpretação com a qual pude conviver foi a da pobreza como fruto da dinâmica social e injusta que precisava ser superada".</i>
Edinalva Clementino de Carvalho	<i>"Alunos em situação de pobreza, considerada nestas reflexões como o estado que incapacita o ser humano de usufruir dos benefícios básicos para sua sobrevivência, como alimentação, educação, bens materiais etc., são deixados à margem da sociedade, sem exercer sua verdadeira cidadania de maneira satisfatória".</i>

<p>Ednalvo Genuíno do Nascimento</p>	<p><i>"A palavra pobreza pode ter muitos significados de acordo com o ponto de vista de cada um. Quando falamos em pobreza fazemos uma relação direta com a falta de recursos financeiros e ao contexto social em que um determinado grupo está inserido. Assim, podemos dizer que pobreza é não ter o que alimento na sua mesa, é não ter uma moradia digna, é não ter saúde, escola, não saber ler. A pobreza para muitos é entendida como algo referente ao estado em que o indivíduo se encontra, ligando-se a não possuir bens necessários para sobreviver, mas ela não é somente isso, pois ela permeia por vários aspectos relevantes ao sobreviver humano".</i></p>
<p>Fernanda Figueirêdo de Carvalho Brito</p>	<p><i>A cursista afirma que: "a definição de pobreza pode depender do contexto de cada sociedade, ou seja, pode ser relacionada com recursos materiais, políticos, sociais e produtivos Mas podemos dizer, sim, que pobreza também está relacionada com a falta de uma educação de qualidade."</i></p>
<p>Girlanne Vicente dos Santos</p>	<p><i>O conceito de pobreza está relacionado a situações social e econômica, nas quais há privações das capacidades básicas do ser humano.</i></p>
<p>Iara Carmen de Souza Oliveira</p>	<p><i>A cursista afirma que: "a pobreza deve ser reconhecida como uma questão sócio-política, como um problema de Estado e que passa a exigir políticas de Estado capazes de alterar essa realidade".</i></p>

<p>Itamar Cosme da Silva</p>	<p><i>"A palavra pobreza não está apenas ligada a limitações de bens materiais, mas sim à pobreza de espírito e à forma como se encara as limitações impostas no dia a dia".</i></p>
<p>Ivone de Oliveira Silva de Lira</p>	<p><i>"Depende do contexto de determinada sociedade, ou seja, está relacionada aos seus recursos materiais, às políticas e desenvolvimento social e produtivo".</i></p>
<p>Ivoneide de Souza Lima</p>	<p><i>"Sem saneamento básico, os moradores são obrigados a conviver com precariedade no abastecimento de água e na coleta de lixo, vivendo na maioria dos casos em situação insalubre. A renda das famílias vem de trabalhos da construção civil e trabalhos informais. Os adultos, a maioria analfabetos ou analfabetos funcionais, chegando ao máximo a 3ª ou 4ª série do ensino fundamental".</i></p>
<p>Jailene de Souza Aquino</p>	<p><i>A cursista utiliza em seu trabalho Barros e Arroyo nos seguintes termos: "Barros et al. (2000) ressalta a dificuldade em se definir pobreza e desse modo afirma que a pobreza é um fenômeno complexo, que significa coisas diferentes para diferentes pessoas. Para Arroyo (2018a), em realidade, a caracterização dos(as) pobres como inferiores em moralidade, cultura e civilização tem sido uma justificativa histórica para hierarquizar etnias, raças, locais de origem e, desse modo, alocá-los(as) nas posições mais baixas da ordem social, econômica, política e cultural."</i></p>

<p>Jailza Maria Gomes da Silva</p>	<p><i>O trabalho da cursista pretende refletir sobre o currículo escolar envolvendo as questões da pobreza e da desigualdade social. Trabalha com os teóricos que abordam a temática em discussão, como: Arroyo (2018), Gadotti (2007), Moreira (1999). Afirma que: "... a mudança na forma de educar pode partir de um currículo que contemple as diferenças sociais sem excluir aqueles que vivem na pobreza, sabendo-se que esse estado de pobreza pode ser superado não com assistencialismo, mas com políticas públicas voltadas para uma educação de qualidade.</i></p>
<p>Janaina Aguiar da Silva</p>	<p><i>"É preciso que a pobreza seja compreendida como um fator social, que necessita de políticas colaborativas em que a efetivação dos direitos sejam direcionadas com igualdade para todos".</i></p>
<p>Joelson de Moraes Santos</p>	<p><i>"A pobreza [...] é ausência de tudo que seja essencial para a sobrevivência. É quando conceituamos no que é mínimo para um ser humano ter. Já pensando por um lado biológico, a pobreza parte dos requisitos mínimos da dieta alimentar. Portanto, pobreza é a carência, ausência ou falta do que é preciso para sobreviver".</i></p>
<p>José Romildo Araújo da Silva</p>	<p><i>O cursista relata a trajetória dos Potiguaras da Aldeia Três Rios, bem como a luta desse povo para a superação da situação de pobreza e desigualdade social causada, entre outros fatores, pela usurpação de seu território e apagamento de sua identidade. Aponta a educação e a recente construção de escolas indígenas potiguaras como ferramenta fundamental nesse processo.</i></p>

Josenilda da Silva Falcão	<i>"Considero que pobreza é a falta daquilo que é necessária a subsistência, ou seja, é uma situação social e econômica, caracterizada por uma carência, marcada na satisfação das necessidades básicas, como: educação, alimentação, moradia".</i>
Lindiane Lopes Regis	<i>"A pobreza é uma condição humana que inferioriza e ressalta a desigualdade entre as pessoas".</i>
Lívia Nascimento da Silva	<i>A cursista trata das dificuldades encontradas durante sua vida estudantil, discutindo sobre questões relacionadas à pobreza e à desigualdade social e seus impactos sobre o alunado das escolas públicas brasileiras.</i>
Luciano Duarte da Silva	<i>Em seu trabalho pretende compartilhar sua narrativa de vida e memórias em relação às marcas deixadas pela pobreza. Afirma que a "importância de aprender e compreender as limitações da educação frente a grande problemática da pobreza e da desigualdade social me levou a querer entender o outro como a mim mesmo, e querer dar meu melhor no âmbito profissional. Minhas limitações, meus anseios, meus desejos não podem ser maiores do que as oportunidades que devo oferecer aos meus alunos, pois estes também são marcados pela desigualdade social".</i>
Luciene Ribeiro da Assunção	<i>"Educação e pobreza estão intrinsicamente ligadas, abordar esse tema no chão das escolas é sem dúvida um desafio a ser vivenciado. Precisa-se superar as barreiras impostas explicita ou implicitamente a esse tema na vida escolar de crianças, jovens e adultos".</i>

Márcia Alves da Silva	<i>"A pobreza existe e está presente nas grandes e pequenas cidades, em nosso dia a dia. Fingir não enxergar essa realidade é se isolar num espaço paralelo ao que se vive. Temos vivido em um país que nem sempre se valoriza os direitos básicos do ser humano".</i>
Maria Ana Barbosa da Silva	<i>"A pobreza é um condicionante que dificulta a aprendizagem, mas existem outras vertentes que dificultam esse processo, sendo necessário um viés de comprometimento por parte de toda a sociedade para combater tal realidade dessa desigualdade social que atinge as escolas".</i>
Maria das Dores de Oliveira de Carvalho	<i>"Conceituar pobreza é algo extremamente complexo. Pode ser feita em termos relativos ou absolutos. Pode ser estudada sob o ponto de vista econômico, social, histórico, filosófico e político. A conceituação de pobreza é categorizada como "juízo de valor" quando se trata de uma visão subjetiva, abstrata, do indivíduo, acerca do que deveria ser um grau suficiente de satisfação de necessidades, ou do que deveria ser um nível de privação normalmente suportável em que tem seus direitos negados a alimentação, saúde e moradia se mostra pela falta de recursos".</i>
Maria de Fátima Caxias Nascimento	<i>A cursista trata de sua trajetória numa escola pública e afirma que pequenos atos praticados na escola mostram como ela era discriminada por ser filha de professora e por isso considerada "privilegiada".</i>
Maria Eduarda Mendes dos Santos	<i>O trabalho trata da importância da educação física relacionando-a aos espaços físicos das escolas públicas. Não há referência à pobreza.</i>

<p>Maria Gorete Vicente dos Santos</p>	<p><i>O objetivo geral foi analisar o espaço físico de uma instituição de ensino e suas influências no processo de aprendizado dos alunos. Não faz relação com a questão da pobreza.</i></p>
<p>Maria José da Silva Cordeiro Gomes</p>	<p><i>"Entender a pobreza como um problema multi-dimensional, condicionada por diversos determinantes para além dos exclusivamente econômicos, é considerar que serviços como escola, creche, esgoto sanitário, água encanada e saúde são dimensões intrínsecas e primordiais de uma política de combate à pobreza".</i></p>
<p>Maria José Vitória da Silva</p>	<p><i>A cursista apresenta uma escola de Curral de Cima- PB. Enfoca a realidade das dificuldades enfrentadas pelos alunos da referida instituição em relação à educação escolar, condições sociais e econômicas do alunado, evasão escolar, frequência e rendimento escolar. Afirma que os programas sociais ajudam a melhorar a condição de vida das pessoas.</i></p> <p><i>Afirma que: "A pobreza, de acordo com o que visualizei nos estudos promovidos, pode ter variadas definições, de modo geral, é a falta daquilo que é necessário à subsistência de um indivíduo".</i></p>
<p>Maria Kelly Santos da Silva</p>	<p><i>"Quando falamos de pobreza, nossa mente nos apresenta inúmeros conceitos, desde a pobreza social que se trata da falta de recursos para sobreviver, como também da pobreza de espírito que está presente em nossa sociedade, em que não se enxerga a pessoa do outro que precisa de ajuda".</i></p>

<p>Maria Sonali da Silva</p>	<p><i>A cursista apresenta uma narrativa de vida e abordar as principais dificuldades encontradas por ela e pela minha família no que diz respeito à vivência de pobreza. Afirma que: ao longo do curso, com as atividades e pesquisas propostas, pude observar que a questão de educação, pobreza e desigualdade social é bem maior do que eu imaginava; que a realidade foge totalmente das perspectivas que temos e que as condições de algumas pessoas são bem mais precárias do se imagina.</i></p>
<p>Marielze Fernandes do Nascimento</p>	<p><i>"A pobreza é uma condição, mas não natural e sim, condição amarga que a sociedade coloca através das desigualdades, isso precisa ser enfrentada e superada".</i></p>
<p>Marilene Barbosa Siqueira Dácio</p>	<p><i>"Conceituação de pobreza [...] pode ser distinguida por apresentar características voltadas à carência das necessidades básicas de um indivíduo para garantia de sua sobrevivência".</i></p>
<p>Mário Matias Matacajá Filho</p>	<p><i>Por fazer parte de uma região de clima semiárido que registra poucas chuvas e atravessa longos períodos de estiagem, acarreta-se uma influência negativa principalmente em suas atividades econômicas.</i></p>
<p>Mayara Carvalho da Silva</p>	<p><i>"A pobreza é muitas vezes compreendida de forma distorcida, pois para a maioria das pessoas essa condição inclui carências intelectuais e morais. Esse pensamento apenas reforça a concepção moralista impregnada culturalmente em nossa sociedade. Com base nesta concepção os pobres são tidos como preguiçosos, descomprometidos, acomodados, são responsabilizados por sua própria condição de pobreza".</i></p>

<p>Maylton da Silva Fernandes</p>	<p><i>"A pobreza não pode ser considerada como um fenômeno inerente e irremediável. Buscar por meios que possam diminuir sua influência na sociedade é dever de todos, não apenas dos poderes políticos ou organizações sociais. A educação e o acesso a esta [...] tem papel muito importante nessa luta".</i></p>
<p>Mayne Quintão de Souza</p>	<p><i>"[...] o conceito de pobreza, pode ser relacionado a diversos aspectos sociais, políticos e econômicos. Ser pobre é ser desassistido e não ter acesso às condições mínimas de sobrevivência que são educação, saúde, casa digna para morar, alimentação com todos os nutrientes necessários à manutenção da saúde inclusos, saneamento básico, água encanada, energia (luz). São pessoas sem oferta de emprego nem de qualificação profissional, que vivem na subsistência, que sobrevivem dia após dia com recursos mínimos e sem uma vida digna, em uma luta diária pelo sustento. Ser pobre é não conseguir comer para matar a fome, é viver em uma desigualdade social absurda e à margem da sociedade, sem segurança. São pessoas vulneráveis socialmente e economicamente, sem perspectivas políticas e cidadãs, porque a pobreza influencia diretamente no exercício de uma vida cidadã plena que vai além de ter documentos de identificação pessoal e votar".</i></p>
<p>Mérellym Gomes Guerra</p>	<p><i>"Muitas famílias dependem apenas de um salário mínimo ou somente da bolsa família, que muitas vezes compromete o rendimento escolar dos alunos".</i></p>

<p>Mewri Gláucia Calado Godói</p>	<p><i>"A pobreza é um fenômeno multifacetado, que nos faz refletir sobre muitas questões, dentre elas a mais importante é a relação que a educação tem diretamente com este tema. Neste curso de aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social, percebi que não devemos enxergar a pobreza tão somente como uma situação de indignação momentânea, mas ter consciência plena do nosso compromisso com esse fenômeno, enquanto educadores".</i></p>
<p>Micarla Lopes de Farias</p>	<p><i>"[...] a pobreza é um problema social e político, uma vez que, o que determina as situações de pobreza são as carências de direitos básicos essenciais para o desenvolvimento humano de cada indivíduo".</i></p>
<p>Milena Mendonça da Silva</p>	<p><i>"O conceito de pobreza é bem amplo, porém, de forma resumida, pode-se entender que é o estado no qual o indivíduo se encontra na esfera econômica, ou seja, é a condição de quem é pobre, de alguém que não possui as necessidades básicas que todo ser humano necessita para viver. Caracteriza-se como uma situação existencial, onde faltam as necessidades materiais como elementos de ordem psicológica, social, cultural e até espiritual. Contudo, a condição de pobre vai muito mais além do que apenas "não ter o que comer e vestir", essa condição refere-se a ser excluído, à desapropriação da sua dignidade e direitos humanos".</i></p>

<p>Mizael de Oliveira Neto</p>	<p><i>O trabalho do cursista pretende refletir sobre o currículo e as questões da pobreza e desigualdade social. Afirma que durante o curso: “Foi possível refletir e perceber que a educação é o ponto principal para combater a pobreza em suas várias facetas. Afirma também que a educação popular deve levar os sujeitos: “A reconhecerem que a pobreza e a desigualdade social são historicamente estabelecidas e alimentadas pelo próprio homem.”</i></p>
<p>Mônica Cristina da Silva Santiago</p>	<p><i>"Fomos, então, obrigados a morar debaixo de uma lona".</i></p>
<p>Noel Fernandes da Silva</p>	<p><i>O cursista trata da problemática da pobreza e desigualdades sociais e suas implicações no processo de aprendizagem dos estudantes de uma escola no município de Curral de Cima/PB. Afirma que: “... é comum associarmos a pobreza a termos como: fome, miséria, necessidade, falta de recursos financeiros e indigência. No entanto, a definição de pobreza depende do contexto de determinada sociedade, ou seja, está relacionada aos seus recursos materiais, às políticas e desenvolvimento social. Paralelo a isso, de modo geral, a redução da pobreza está relacionada a mudanças estruturais no sistema educacional que garantam acesso à educação de qualidade para todos”.</i></p>

<p>Raquel Figueiredo do Nascimento</p>	<p><i>O trabalho procura fomentar uma discussão sobre o conceito de pobreza partindo do pressuposto de que a pobreza vai muito além de questões econômicas, buscando perceber, a partir dos programas sociais criados pelo Estado, a relação entre a assistência social e a interferência da mesma na comunidade escolar. Acrescenta ainda a experiência como beneficiária, desde a infância até a adolescência, dos programas oferecidos pelo Governo Federal.</i></p>
<p>Rayanne de França Fasseluan</p>	<p><i>A cursista relaciona o conhecimento adquirido durante o curso com a sua trajetória de vida. Afirma que: “A pobreza, como nós sabemos, pode ser vista em vários sentidos, mas nesse momento, trato da pobreza de bens materiais e serviços básicos. No meu entendimento, eu apenas conhecia a pobreza enxergada no outro, porém, com as atividades realizadas ao decorrer do tempo e, com as reflexões proporcionadas a partir do Curso de Aperfeiçoamento, eu pude mudar alguns conceitos e rever mais apropriadamente como e onde se encontra a pobreza, inclusive na minha trajetória de vida, e que ela vai além do consumo básico de bens e serviços. Ela se estende para dentro das escolas de forma que os alunos por ela vitimados são pobres de conhecimento, de incentivo por parte da família, entre outros aspectos econômicos e afetivos.”</i></p> <p><i>“Desde muito nova tive experiência com a pobreza, naquela época, não me considerava pobre, pois somente via como pobre quem vivia na extrema pobreza. Hoje, mais velha e estudando, conheço as diferenças que envolvem a pobreza.”</i></p>

<p>Rejane Souza da Silva</p>	<p><i>"[...] entre vários posicionamentos, há destaque não só para a condição da manutenção das necessidades básicas, mas para o entendimento de que pobreza também se trata da falta de mobilidade e ascensão social; de garantia de direitos; de ausência de conhecimento; entre outros".</i></p>
<p>Ricardo Marques da Silva</p>	<p><i>"Há diversas definições para pobreza e podem ser entendidas em vários aspectos. Pobreza pode corresponder às necessidades básicas pessoais, como a falta de alimentação, de vestimentas, de assistência médica e de educação. Além disso, é símbolo, na sociedade atual, não apenas de carência material, mas também do lugar que o sujeito ocupa na sociedade. A pobreza é um fenômeno de várias faces, é a falta de recursos múltiplos que leva à fome e à privação".</i></p>
<p>Senildo Henrique da Silva</p>	<p><i>O cursista afirma que: "[...] a pobreza é uma situação social e econômica caracterizada por uma carência marcada na satisfação das necessidades básicas, ou seja, carência de condições básicas para garantir a sobrevivência com qualidade de vida e dignidade. Ainda, a pobreza pode se caracterizar por abranger diferentes aspectos da vida dos indivíduos, como por exemplo, a carência de bens e serviços essenciais para a vida".</i></p>

<p>Severina Florêncio da Silva</p>	<p><i>O trabalho apresenta uma experiência com alunos na fase de alfabetização de um espaço escolar inserido em condições de pobreza. Defende que: “[...] a pobreza, assim como a desigualdade, é uma condição imposta aos seres humanos que por meio de um sistema capitalista dominador é alijado de seus direitos de acesso à educação, saúde, moradia e o principal, a alimentação”.</i></p>
<p>Simone Cosme de Farias Ferreira</p>	<p><i>A cursista apresenta as principais dificuldades vivenciadas durante a trajetória de vida, procurando relacioná-la com a com os conhecimentos adquiridos no curso sobre educação, pobreza e desigualdade social. Afirma “[...] a pobreza como fenômeno que tira o futuro das crianças e dos jovens.” Coloca a educação como fator fundamental para a superação da pobreza em sua vida.</i></p>
<p>Sueine Pedro da Silva</p>	<p><i>A pobreza, infelizmente, é um mal presente em nossa sociedade, atingindo, inclusive, populações de cidades do interior e áreas rurais. A pobreza influencia, de forma negativa, o processo de aprendizagem de milhões de jovens, sendo a causa de atrasos ou ausência da inserção na escola e, por muitas vezes, até na desistência de alunos.</i></p>

<p>Valdete da Silva Marques</p>	<p><i>“Através das observações realizadas durante o curso de aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social nos aprofundamos e entendemos melhor a questão da pobreza. Inúmeras vezes marginalizamos pessoas por não compreendermos o que realmente significa tal condição. Dentro do âmbito escolar observamos inúmeros casos de alunos que procuram neste espaço um meio de acolhimento, e conseqüentemente, uma forma de sair de sua condição social através do que a escola possa oferecer, todavia, o ambiente institucional não está preparado, na maioria das vezes, para lidar com situações em saiam da rotina de seus currículos.”</i></p>
<p>Vangéssica de Lima</p>	<p><i>A cursista refere-se ao Projeto Político Pedagógico como uma possibilidade de formação de uma nova escola, capaz de sensibilizar-se diante da pobreza e da desigualdade social. Afirma que o “conceito de pobreza deve ser compreendido num contexto social, econômico, histórico e cultural. A pobreza está relacionada com a falta ou a má qualidade da educação e das políticas públicas ocasionando vulnerabilidade, ou seja, a falta de qualidade na saúde, nos transportes, moradia, na falta de recursos, na privação de lazer, e com isso nos deparamos com a exclusão social”.</i></p>
<p>Vera Lucia da Silva</p>	<p><i>A cursista aponta à importância do Programa bolsa família para as crianças e jovens da escola que investigou, mas critica a carência de infraestrutura da escola.</i></p>
<p>Viviane Roseno Tavares</p>	<p><i>A cursista discorre sobre o papel da família na educação dos filhos, sem estabelecer relações com a pobreza.</i></p>

FONTE: Produções dos/as Cursistas EPDS/UFPB, Campus IV, 2018.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Módulo Introdutório: Pobreza, desigualdade e educação.** In: BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – MEC. Brasília: DF, 2014.

PORTINARI, Cândido. Retirantes. 1944. 1 pintura, óleo sobre tela, 190 x 180 cm (série Retirantes). Disponível em: <[http:// www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2733](http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2733)>. Acesso em: 10 set. 2018.

Os ninguéns

As pulgas sonham em comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico de sorte chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chova ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura. Os ninguéns: os filhos de ninguém, os dono de nada. Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos: Que não são embora sejam. Que não falam idiomas, falam dialetos. Que não praticam religiões, praticam superstições. Que não fazem arte, fazem artesanato. Que não são seres humanos, são recursos humanos. Que não tem cultura, têm folclore. Que não têm cara, têm braços. Que não têm nome, têm número. Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local. Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.

Eduardo Galeano (2002).

2 CONCEPÇÕES DE DESIGUALDADE SOCIAL DAS PRODUÇÕES FINAIS DOS/AS CURSISTAS DO CURSO EPDS



FONTE: <<https://www.jornalabigorna.com.br/page/noticia/da-desigualdade-social-e-da-falta-de-humanidade>>. Acesso em: 10/10/2018.

*CÉLIA REGINA TEIXEIRA
FRANCYMARA ANTONINO NUNES DE ASSIS
JOEL ARAÚJO QUEIROZ
JOSEVAL DOS REIS MIRANDA
MARIA VALDENICE RESENDE SOARES*

Por meio das atividades desenvolvidas foi possível percebermos também o entendimento dos/as cursistas sobre as questões da desigualdade social, pois tínhamos o objetivo de possibilitar a apropriação de conhecimentos científicos a respeito da pobreza e das desigualdades sociais em suas relações com questões étnicas, raciais, de gênero e de espaço.

Nesses trechos selecionados podemos perceber o quanto as situações de pobreza e desigualdade social foram vivenciadas por vários dos/as cursistas. Esses elementos estão presentes e ficaram marcados nas suas subjetividades.

Em alinhamento as nossas reflexões Arroyo (2014) menciona:

Em realidade, a caracterização dos (as) pobres como inferiores em moralidade, cultura e civilização tem sido uma justificativa histórica para hierarquizar etnias, raças, locais de origem e, desse modo, alocá-los (as) nas posições mais baixas da ordem social, econômica, política e cultural. A empreitada catequética-educativa colonizadora e até republicana se orienta nessa visão de inferioridade moral, cultural, civilizatória dos Outros⁴ e no tratamento destes como inferiores, por serem diferentes. Persistem empreitadas antipedagógicas sempre que os(as) pobres – crianças, adolescentes – são pensados(as) como inferiores em valores e cultura (ARROYO, 2014, p. 12)

Assim, a seguir apresentamos o que disseram os/as cursistas.

QUADRO 02: Síntese das Concepções de Desigualdade Social das Produções Finais dos Cursistas do Curso EPDS

NOME DO CURSISTA	CONCEPÇÕES DE DESIGUALDADE SOCIAL
Alzenir Souza da Silva	<i>"As temáticas sobre Educação, Pobreza e Desigualdade Social se tornam tão relevantes, pois ao serem tratados na prática cotidiana de educadores, os alunos discutem e internalizam os conhecimentos escolares e extraescolares, uma vez que a escola deve estar comprometida com os projetos de vida das crianças e adolescentes que dela fazem parte".</i>
Andressa Rodrigues da Silva	<i>"É um tema bastante amplo e requer atenção do Sistema Educacional. Vivemos em uma sociedade com uma vasta desigualdade social, então cabe aos educadores quebrar esse paradigma dentro da escola, que seja um ambiente acolhedor e que busque a esperança dentro de cada aluno, assim como também fazê-lo entender sua realidade de vida, e saber compartilhar com os demais tipos de culturas de uma turma. Cabendo a escola zelar pelo respeito mútuo aos diferentes saberes, as suas origens".</i>
Daniela Brito Ramos	<i>"Aos dois anos de idade tive que entender que havia uma circunstância que me separaria da minha mãe e que me faria viver anos longe dela. Esta circunstância era social e econômica, que só pude entender anos mais tarde. Aos dois anos presenciei a partida de minha mãe em busca de melhores condições para mim, sem imaginar o quanto ela amargaria em uma cidade grande, sem conhecidos e que a segregaria por longos anos".</i>

Dayane Ribeiro da Silva	<i>Afirma que “a escola passa muitas vezes a excluir seu aluno ao invés de incluí-lo, o que contribui para a desigualdade social”.</i>
Edilane Batista Ferreira	<i>Menciona que “a criança em situação de pobreza tem na escola uma chance de mudar sua condição, visto que a desigualdade social, muitas vezes, se torna uma barreira para a educabilidade”.</i>
Edvânia de Oliveira Silva Chaves	<i>Traz à população pobre a falta de acesso a bens e serviços, trazendo dissensão e falta de oportunidades para que esta população alcance um melhor poder aquisitivo e consiga a inclusão social.</i>
Fabiane Apolinário da Silva	<i>Narrando a trajetória de sua família, afirma que: “Somos vítimas da desigualdade social e, ao refletir sobre isso, podemos compreender que não somos os culpados por nossa situação, são as circunstâncias criadas por essa mesma sociedade que nos colocam em situação de pobreza”.</i>
Gerlane de Oliveira Silva	<i>“A desigualdade socioeconômica é alarmante, a pobreza faz parte da nossa história constantemente, em suas múltiplas faces”.</i>
Girianne Vicente dos Santos	<i>“Espera-se das escolas e de seus profissionais uma nova postura referente à pobreza, à educação e à desigualdade. Almeja-se que esta seja capaz de transformar a realidade dos educandos, exigindo do estado, mais políticas públicas. Os profissionais da educação devem mudar o olhar perante esta situação. Deve-se refletir, diariamente, e pedagogicamente, pois os alunos precisam desse olhar diferenciado, uma vez que já são castigados, diariamente, pelo fenômeno social da pobreza”.</i>

Ivoneide de Souza Lima	<i>"As situações extremas estão atreladas a violência na qual os alunos se encontram vulneráveis, sendo as drogas, uma realidade cada dia mais presente. A escola enfrenta diariamente problemas de vandalismo, atribuídos à comunidade. Um dos principais desafios dentro dos muros da escola ocorre pela carência afetiva e econômica das famílias".</i>
Jailene de Souza Aquino	<i>Aponta a pobreza como uma das consequências da desigualdade social.</i>
Janaina Aguiar da Silva	<i>"[Este] espaço de tempo, entre o ensino médio e o ingresso à universidade, trouxe novas visões de sociedade e o meu papel dentro dela. A desigualdade social financeira apresentou-se naquele momento como um fator que poderia ou não determinar minha conquista. A princípio, se comparado aos alunos que tiveram seus estudos concluídos em escolas particulares, minhas chances de obter resultado positivo seria quase zero, mas, se analisados os fatores de experiências concretas e a busca dos ideais de forma consistente, logo, se faria possível que o meu objetivo foi alcançado e que me tornei mais focada na aprendizagem de novos saberes.</i>
Jarlson Carneiro Amorim da Silva	<i>"De forma semelhante ao que ocorre em outras escolas brasileiras, a escola em questão sofre com problemas locais e nacionais, como baixos índices de aprendizagem, e de desigualdades educacionais e sociais entre alunos mais abastados e pobres, brancos, negros e índios".</i>
Jean dos Santos Barros	<i>"A desigualdade social é um fenômeno que afeta um país, basicamente existente a partir da queda da economia nacional".</i>

Josilane Márcia Justiniano da Silva	<i>"Os pais mandam os filhos para a escola com o intuito de que eles mudem de vida no futuro, mas a realidade que seus filhos encontram é outra. Neste contexto constatamos que as pessoas do campo têm uma educação precária, que dificilmente mudará suas vidas. E com isso podemos afirmar que esse modelo de educação mantém as desigualdades sociais".</i>
Lívia Nascimento da Silva	<i>Afirma que a desigualdade social é decorrente, essencialmente, da má distribuição de renda.</i>
Luciano Duarte da Silva	<i>Faz referência "às oportunidades que deixamos de abraçar por causa da desigualdade social presente em nosso país".</i>
Lucimares Sílvia da Cruz	<i>"[...] alunos carentes filhos de pais envolvidos em drogas outros presidiários, outros pertenciam a mães solteiras, lares desestruturados, crianças que viviam na rua em contato com pessoas viciadas, eles usavam a escola pela merenda e brincadeiras".</i>
Maria das Dores de Oliveira de Carvalho	<i>"A pobreza relativa tem relação direta com a desigualdade na distribuição de renda, comparando com o padrão de vida da classe dominante da sociedade que define como pobres as pessoas situadas na camada inferior da distribuição de renda, sejam condições favorável de dinheiro ou poder".</i>
Maria de Fátima Caxias Nascimento	<i>Afirma que desigualdade social é imposta pela sociedade.</i>
Maria Gorete Vicente dos Santos	<i>Afirma que: "a pobreza traz a chamada desigualdade social".</i>

<p>Maria José Vitória da Silva</p>	<p><i>Afirma que a “ desigualdade social é tudo aquilo que contribui para a escassez de uma educação básica de qualidade, insuficiência de oportunidades de emprego, falta de estímulos para o consumo de bens culturais e, principalmente, ausência de direitos igualitários. A mesma está associada à má distribuição de renda e a falta de investimentos em políticas sociais”.</i></p>
<p>Mérellym Gomes Guerra</p>	<p><i>"A escola realiza visitas domiciliares, a saber, o motivo das ausências dos alunos na escola, dependendo do motivo e quando não conseguem contato com a família, fazem um documento enviando para o conselho tutelar, promotoria da infância e juventude, para encaminhamentos e providências cabíveis para a garantia dos direitos e deveres de cada um. Portanto, é relevante a importância da parceria da família junto a escola na valorização da educação para uma reflexão frente ao enfrentamento as desigualdades que perpassa na vida escolar, social e familiar da comunidade como um todo".</i></p>
<p>Mewri Gláucia Calado Godói</p>	<p><i>"A pobreza e a desigualdade social é uma característica marcante de nosso país. Desde os tempos de colonização sempre foi verificada uma distante estratificação social em nosso povo e apesar de atravessarmos séculos supostamente combatendo esta situação, ela ainda perdura e algumas épocas até se acentua".</i></p>

<p>Mikaela Pessoa da Silva</p>	<p>"[A pobreza] é um fenômeno que ocorre principalmente em países não desenvolvidos. As causas estruturais da pobreza não estão ligadas apenas ao nível de renda. É por isso que o conceito de desigualdade social compreende diversos tipos de desigualdades: de oportunidade, de escolaridade, de renda, de gênero ou acesso a serviços públicos, entre outras".</p>
<p>Mizael de Oliveira Neto</p>	<p><i>Afirma que "a educação é uma ferramenta muito importante no combate a pobreza e a desigualdade social".</i> <i>Expõe que é responsabilidade da escola levar os sujeitos a: "reconhecerem que a pobreza e a desigualdade social são historicamente estabelecidas e alimentadas pelo próprio homem".</i></p>
<p>Mônica Cristina da Silva Santiago</p>	<p><i>"Vi meus pais sofrendo, pela saúde do meu irmão, pela perda de amigos vítimas da violência, vi, aos poucos, a violência tomando conta daquele espaço que queria que fosse minha rua, onde pudesse brincar de bola com meus irmãos e amigos. Até que um dia essa violência bateu a minha porta, quando uma daqueles homens disse ao meu pai que me queria como filha e que iria me levar. Por que eu? Por que me tirar dos meus pais que me ensinavam a respeitar e a ser honesta, me tirar de quem me dava carinho e amor, por qual motivo?"</i></p>
<p>Rejane Souza da Silva</p>	<p><i>"A desigualdade social é caracterizada a partir de diferentes fatores, como a forma de viver, de morar, os relacionamentos, a forma de se vestir, de lidar com a vida, etc."</i></p>

<p>Senildo Henrique da Silva</p>	<p><i>Aponta que é “notória a discussão em fóruns, seminários, colóquios etc., sobre pobreza e desigualdade social entendido como fenômenos que não são puramente técnicos ou explicados pelas condições individuais de cada sujeito, mas como um problema de caráter estrutural, socialmente construído e não natural”.</i></p>
<p>Sueine Pedro da Silva</p>	<p>"[Pobreza] é o termo que qualifica a população excluída socialmente e os maiores fatores para isso são econômicos. Essa exclusão pode ser de direitos e/ou de privilégios. Em outras palavras, pessoas em condição de vulnerabilidade social estão desprotegidas".</p>
<p>Valdete da Silva Marques</p>	<p><i>Afirma que “sempre haverá desigualdade social, mas também sabemos que enquanto houver grupos de resistência aos modelos de organização social excludentes, conquistaremos espaços, e conseqüentemente desmistificaremos a ideia de marginalização pela condição da pobreza”.</i></p>

FONTE: Produções dos/as Cursistas EPDS/UFPB, Campus IV, 2018.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Módulo Introdutório:** Pobreza, desigualdade e educação. In: BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – MEC. Brasília: DF, 2014.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços.** Porto Alegre: LP&M, 2002.

Triste Partida

Patativa do Assaré

*Setembro passou
Outubro e Novembro
Já tamo em Dezembro
Meu Deus, que é de nós,
Assim fala o pobre
Do seco Nordeste
Com medo da peste
Da fome feroz*

*A treze do mês
Ele fez experiência
Perdeu sua crença
Nas pedras de sal,
Mas noutra esperança
Com gosto se agarra
Pensando na barra
Do alegre Natal*

*Rompeu-se o Natal
Porém barra não veio
O sol bem vermeio
Nasceu muito além
Na copa da mata
Buzina a cigarra
Ninguém vê a barra
Pois a barra não tem*

*Trabaia dois ano,
Três ano e mais ano
E sempre nos prano
De um dia vortar
Mas nunca ele pode
Só vive devendo
E assim vai sofrendo
É sofrer sem parar*

*Se arguma notícia
Das banda do norte
Tem ele por sorte
O gosto de ouvir
Lhe bate no peito
Saudade lhe molho
E as água nos óio
Começa a cair*

*Do mundo afastado
Ali vive preso
Sofrendo desprezo
Devendo ao patrão
O tempo rolando
Vai dia e vem dia
E aquela famia
Não vorta mais não*

*Distante da terra
Tão seca mas boa
Exposto à garoa
À lama e o paú
Faz pena o nortista
Tão forte, tão bravo
Viver como escravo
No Norte e no Sul*

*E vende seu burro
Jumento e o cavalo
Inté mesmo o galo
Venderam também
Pois logo aparece
Feliz fazendeiro
Por pouco dinheiro
Lhe compra o que tem*

*Em um caminhão
Ele joga a famia
Chegou o triste dia
Já vai viajar
A seca terrível
Que tudo devora
Lhe bota pra fora
Da terra natá*

*O carro já corre
No topo da serra
Oiando pra terra
Seu berço, seu lar
Aquele nortista
Partido de pena
De longe acena
Adeus meu lugar*

*No dia seguinte
Já tudo enfadado
E o carro embalado
Veloz a correr
Tão triste, coitado
Falando saudoso
Seu filho choroso
Exclama a dizer*

*De pena e saudade
Papai sei que morro
Meu pobre cachorro
Quem dá de comer?
Já outro pergunta
Mãezinha, e meu gato?
Com fome, sem trato
Mimi vai morrer*

*E a linda pequena
Tremendo de medo
“Mamãe, meus brinquedo
Meu pé de fulô?”
Meu pé de roseira
Coitado, ele seca
E minha boneca
Também lá ficou*

*E assim vão deixando
Com choro e gemido
Do berço querido
Céu lindo azul
O pai, pesaroso
Nos filho pensando
E o carro rodando
Na estrada do Sul*

*Chegaram em São Paulo
Sem cobre quebrado
E o pobre acanhado
Procura um patrão
Só vê cara estranha
De estranha gente
Tudo é diferente
Do caro torrão*

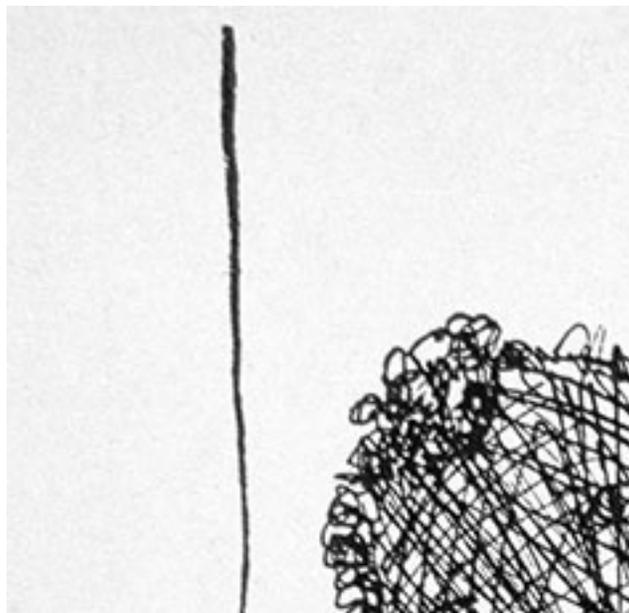
*Sem chuva na terra
Descamba Janeiro,
Depois fevereiro
E o mesmo verão
Entonce o nortista
Pensando consigo
Diz: “isso é castigo
não chove mais não”*

*Apela pra Março
Que é o mês preferido
Do santo querido
Senhor São José
Mas nada de chuva
Tá tudo sem jeito
Lhe foge do peito
O resto da fé*

*Agora pensando
Ele segue outra tria
Chamando a famia
Começa a dizer
Eu vendo meu burro
Meu jegue e o cavalo
Nós vamos a São Paulo
Viver ou morrer*

*Nós vamos a São Paulo
Que a coisa tá feia
Por terras alheia
Nós vamos vagar
Se o nosso destino
Não for tão mesquinho
Cá e pro mesmo cantinho
Nós torna a voltar*

3 MARCAS DA POBREZA DAS PRODUÇÕES FINAIS DOS CURSISTAS DO CURSO EPDS



Dois meninos, desenho de Cândido Portinari (1957).

*CÉLIA REGINA TEIXEIRA
FRANCYMARA ANTONINO NUNES DE ASSIS
JOEL ARAÚJO QUEIROZ
JOSEVAL DOS REIS MIRANDA
MARIA VALDENICE RESENDE SOARES*

Nesse capítulo os/as cursistas deixaram expostas as marcas das situações e reflexões de pobreza vivenciadas pelos/as mesmos/as. Os trechos que são apresentados a seguir foram coletados por meio do memorial construído ao longo do curso de aperfeiçoamento.

A realização do memorial possibilitou aos cursistas estabelecer reflexões das atividades realizadas, com suas impressões sobre a experiência vivenciada no processo formativo, destacando os desafios, as dificuldades, os avanços, os momentos difíceis, as dúvidas, etc. foi uma possibilidade de o/a cursista registrar seus sentimentos, reflexões estabelecidas, histórias vividas, descobertas, marcas da pobreza e desigualdades experienciadas, avanços e inquietações ao longo do seu processo constitutivo como ser humano.

Dessa forma, esse exercício do olhar para si, para o outro e para o contexto possibilitou ao/a cursista compreender que a pobreza e desigualdade social é um fenômeno complexo e multifacetado. Aqui são oportunas as palavras de Arroyo (2014) quando deixa explícito o processo de produção da pobreza:

Quando passamos a observar os processos sociais e políticos de produção da pobreza, somos obrigados (as) a nos indagar sobre que coletivos são submetidos a ela. Em nossa história, percebemos que os grupos que diferem da raça, da etnia, do gênero e da classe dominantes são os Outros, alijados do acesso a direitos básicos. Perpetuar a situação de pobreza desses coletivos tem sido, ao longo de nossa história social e política, a forma mais brutal de fazê-los permanecer nessa condição de inferiores, oprimidos, em desigualdade de acesso aos direitos sociais, políticos e econômicos. Essa é uma história que perdura desde a colonização. A produção dos (as) pobres é articulada e reforçada com os processos sociais que conferem assimetria à diversidade, reduzindo o diferente à condição de inferioridade. No contexto social e político, isso se deu pela expropriação violenta de suas terras, seus territórios, suas culturas, suas memórias, suas histórias, suas identidades, suas línguas, sua visão de mundo e de si mesmos (as) (ARROYO, 2014, p. 17).

Assim, a seguir expomos as marcas da pobreza dos/as cursistas.

QUADRO 03: Síntese das Marcas da Pobreza das Produções Finais dos Cursistas do Curso EPDS

NOME DO CURSISTA	MARCAS DA POBREZA
Daniela Brito Ramos	<i>"Aos 2 anos presenciei a partida de minha mãe em busca de melhores condições para mim, sem imaginar o quanto ela amargaria em uma cidade grande, sem conhecidos e que a segregaria por longos anos. Mas o carinho que recebia dos meus avós e dos meus tios, o gosto em correr de pés descalços nos "munturos" e de viver na liberdade do sítio cercada por tantos aprendizados, amenizava a saudade da minha mãe e o vazio de não ter havido uma proximidade com meu pai".</i>
Debora da Conceição Sales da Silva	<i>Relata a ocorrência de muitas mudanças de local de moradia, e conseqüentemente de escolas e diz a respeito das condições financeiras de sua família: "os meus pais nunca tiveram condições financeiras e sim muitas dificuldades, mas com muita fé e luta nunca deixaram passar sequer um dia de fome. Sempre acontecia um milagre".</i>
Douglas Soares Eleutério	<i>"A maioria das adolescentes em medida socioeducativa foram apreendidas por estarem envolvidas em atividades criminosas, principalmente o tráfico de drogas. O tráfico se torna nas comunidades que elas vivem, uma fonte de renda, ou seja, um trabalho".</i>
Edinalva Clementino de Carvalho	<i>"A pobreza é uma realidade com a qual convivemos, mas não é falada é velada e seus efeitos são sentidos por muitos indivíduos, que em seu silêncio demonstram a necessidade de mudanças".</i>

Emanoel
José
Duarte

"A direção escolar exigia que os alunos só poderiam entrar na escola de calça comprida e sapato fechado, mas não levavam em conta o local onde a escola estava situada. Uma comunidade carente e de classe baixa onde a população dali, sobrevivia com muito menos que um salário mínimo, os alunos, em sua maioria, não tinham condições de comprar esses tipos de fardamentos por que eram caros e o governo não dava, muitos só usavam porque recebiam doações da igreja católica. O início do fundamental II foi muito difícil, pois percorri várias escolas do município e em nenhuma havia vagas disponíveis. Mediante a essa situação busquei uma vaga na escola estadual de ensino fundamental e médio professor Luiz Gonzaga Burity na cidade de Rio Tinto em 1997, onde só estudei a 5ª série, pois estava muito difícil o transporte, a prefeitura havia retirado o ônibus dos estudantes, e por conta dessa situação, e também, para poder continuar meus estudos eu tinha de ir para a escola de bicicleta, em pleno meio dia, eu percorria em média 15 km de ida e volta num intervalo de tempo de aproximadamente 01h30min horas por dia de segunda a sexta, pois não tinha condições de ir no ônibus da linha. A minha família por ser de baixa renda não podia retirar da alimentação para investir em passagem, a situação era tão precária que não dava para comprar ao menos um caderno. Vários dias eu me deparava com os armários todos vazios, onde minha mãe e meus irmãos não tinham nem o que comer, foram momentos difíceis onde minha mãe, por ser doméstica e estar desempregada, chegou a pensar até em tirar sua vida pois não sabia mais o que fazer para ao ver os seus filhos pedindo o que comer e ela não ter".

<p>Fabiane Apolinário da Silva</p>	<p><i>"Lembro-me que durante a minha infância enfrentamos a vida com bastante dificuldade, porque não tínhamos uma boa situação financeira, mas meus pais sempre fizeram de tudo para não deixar faltar o alimento para nosso sustento. Quando fui para o Ensino Médio não tinha carro para ir à escola. À noite, meu pai levava eu e meu irmão para pegar o ônibus em outro sítio, mais de cinco quilômetros de moto. Às vezes, até com muita chuva. Às onze da noite ia nos buscar. Essa situação durou três anos comigo e mais um ano com o meu irmão, por isso foi um estudo muito sofrido. Mas consegui enfrentar, pois sempre tive o incentivo dos meus pais para concluir os estudos".</i></p>
<p>Gessé Viana da Silva</p>	<p><i>"Tenho algumas lembranças dos cinco aos seis anos de vida, de como a vida já era difícil, vivi por muitos anos, e toda família sofria com nossa situação econômica, minha mãe teve dez filhos, e os mais velhos a partir dos doze aos treze anos já acompanhavam ela e nosso pai para o corte e plantio da cana de açúcar, para a usina da cidade de Mataraca-PB, para que no final de semana tivesse ao menos o dinheiro para comprar alguns alimentos. E para muitos dos irmãos e irmãs que começavam a trabalhar cedo, perderam grande parte da sua infância, não tinham tempo para brincar nem tão pouco para estudar, já que não tinha tempo e nem condições de comprar o material básico para estudar".</i></p>

<p>Itamar Cosme da Silva</p>	<p><i>"Desistências da vida acadêmica em função das dificuldades financeiras. Muitas dificuldades fazem com que os estudantes desistam de sua vida acadêmica, seja por falta de incentivo familiar, governamental ou até mesmo pela falta de perspectiva no futuro, talvez espelhado por familiares, exemplo dos pais".</i></p>
<p>Janaina Aguiar da Silva</p>	<p><i>"Havia muita falta das coisas de ordem financeira, falta de saneamento básico, de água potável, entre outras coisas, mas, havia também muito mais desconhecimento, desvalorização e comodismo. As pessoas estavam acostumadas àquela vida e pior ainda, achavam normal que alguns tivessem muito e, muitos não tivessem nada. E foi pensando na transformação que minha professora ia nos ensinando a ler, escrever, e a pensar o porquê das coisas, suas aulas eram através de conversas, em baixo das árvores, na margem do Rio Mamanguape. Com essa diversidade de lugares, aprendíamos a cuidar da natureza porque entendíamos o seu valor".</i></p>

<p>Joelson de Moraes Santos</p>	<p><i>"A minha trajetória escolar foi iniciada aos cinco anos de idade e sempre passou por dificuldades para construir a minha aprendizagem. Os meus estudos começaram em um pequeno terraço de uma casa e com seis anos fui estudar em uma escola pública estadual, porém, fui bastante prejudicado com a existência de problemas enfrentados em nosso país, como greves, reformas no período das aulas e algumas paralisações. Durante toda a infância e juventude o jovem morou de aluguel, estava sempre sem endereço fixo porque as mudanças de bairros e casas eram constantes. Não está contemplado no texto. Filho de pais separados, ele não tinha apoio em casa e nem da família, era taxado por todos da sua família como "burro", porque passou quatro anos na antiga primeira série que hoje é o 2º ano".</i></p>
<p>Juliana Figueredo Pereira</p>	<p><i>"Aos quatro anos de idade minha mãe me matriculou em uma escola particular de um bairro comum, ela vendia tapioca e café para pagar a mensalidade, lá eu aprendi a ler e escrever aos cinco anos e em seguida fui estudar em uma escola pública onde sofri muita discriminação, como mainha não tinha mais condições de pagar, pois a cada passar de ano a mensalidade ficava mais cara, sendo assim a vivência na escola pública foi difícil, eu não tinha dinheiro pra lanche, se a escola oferece-se merenda eu merendava se não, tinha que esperar chegar em casa pra almoçar".</i></p>

<p>Lívia Nascimento da Silva</p>	<p><i>"Durante o período do ensino fundamental II a questão da pobreza e as desigualdades sociais foram cada vez mais frequentes na sala de aula. Lembro que muitas vezes fui desrespeitada por conta da cor da minha pele ou por minha condição financeira. Mas isso nunca me abalou, pois sempre fui apoiada por minha família para continuar minha vida acadêmica".</i></p>
<p>Luciano Duarte da Silva</p>	<p><i>"Minha mãe contava que naquela época meu pai saía para o mato e de lá conseguia trazer madeira para a construção da nossa pequena casa de pau-a-pique, e que quando todo o esqueleto já estava montado e coberto, ela nem mesmo esperou que fosse revestida de barro para que ela pudesse morar nela. Ela lembra que a primeira noite que dormiu lá com meu irmão mais velho era como se estivesse no 'céu', pelo simples fato de poder sossegar em seu próprio lar. Aos treze anos de idade, precisava me deslocar da zona rural para a cidade para poder estudar, para isso, era necessário fazer um percurso de 12 quilômetros a pé para pegar o ônibus que nos levaria para a escola. Lembro que um dia meu pai me apontou uma enxada [...] disse que se eu não estudasse, aquela enxada seria meu destino".</i></p>
<p>Lucimares Sílvia da Cruz</p>	<p><i>"Eu morava com meus avós, e na semana de provas fui forçada por meus pais a voltar para casa deles, eu não queria, e penso que tive uma depressão, uma tristeza profunda me invadiu durante muitas semanas. Meus pais passavam por dificuldades, neste ínterim estavam construindo uma casa com mais quatro filhos, meus irmãos, para educar e sustentar financeiramente era preocupante".</i></p>

<p>Márcia Alves da Silva</p>	<p><i>"Para muitos brasileiros, a falta alimento na mesa, a falta educação de boa qualidade, falta um pedaço de terra onde se possa firmar-se e construir uma vida honesta e justa. Quando se nega os direitos básicos, condiciona-se o ser humano a uma vida constante de precariedade".</i></p>
<p>Maria das Dores de Oliveira de Carvalho</p>	<p><i>"Eu sou de uma família pobre, filha de pais agricultores e morei muitos anos em uma casinha de taipa junto com eles e com meus dois irmãos, sei bem das dificuldades de uma pessoa com poucas condições financeiras, nunca passei fome graças a Deus, pois minha mãe era muito esforçada, trabalhava muito para conseguir nos manter alimentados e bem arumados. Lembro que ela chegava em casa doente devido passar o dia todo no campo".</i></p>
<p>Maria de Fátima de Mascena Santos</p>	<p><i>"Meu pai semianalfabeto que exercia suas funções laborais no Porto da Cidade de Cabedelo, com serviços braçais e minha mãe, analfabeta e do lar. Sou a terceira filha de uma família constituída por oito filhos, sendo seis homens e duas mulheres".</i></p>
<p>Maria José da Silva Cordeiro Gomes</p>	<p><i>"Lembro-me que minha vida de estudos não foi muito fácil, pois tive que começar a trabalhar muito cedo e conciliar o trabalho com os meus estudos, assim "estudar e trabalhar" fazia parte da minha vida como uma visão melhor para o futuro, não por prioridade, mas sim por uma necessidade real, porque naquele tempo era muito difícil de sobreviver e nossa renda era baixa".</i></p>

<p>Maria Kelly Santos da Silva</p>	<p><i>"Na cidade de Marcação-PB, eu estudei até a 3ª série, em seguida nos mudamos para Mamanguape-PB, onde meus pais me colocaram em uma escola pública do bairro onde morávamos, era um bairro localizado na região periférica da cidade, lá vi crianças que passavam por situações de carência extrema, que não tinham o que comer e até mesmo o que vestir, e percebi que ao longo dos anos que morei e estudei naquele bairro, muitos não se importavam com a situação das muitas famílias que moravam lá. Ouvi de muitos professores que aquelas crianças não tinham jeito, ou que não adiantava ensinar o melhor para aquelas crianças. Por outro lado, também existiram professores muito bons que acreditavam que muitas daquelas crianças precisavam ter esperança de um futuro melhor e por meio da educação isso é possível".</i></p>
<p>Maria Neide de Figueredo Pereira</p>	<p><i>"Minha infância foi marcada por limitações devido à grande pobreza em que vivíamos, as brincadeiras eram em cima de árvores ou no terreiro de um vasto quintal que rodeava a pequena casa de barro, sofri muito preconceito, pois éramos uma das famílias mais pobres que habitavam aquele sítio. Para ir para escola andava várias léguas se não iria crescer mais uma analfabeta em meio à grande multidão de analfabetos que moravam lá. Filha de pais ainda hoje analfabetos, minha mãe dona Terezinha após ter um filho e se recuperar sempre sumia de casa e nos abandonava, reaparecendo depois de três ou quatro dias e até hoje não sabemos por onde ela andava, enquanto isso meu pai seu Sebastião ficava nervoso e descontava nos filhos, nós apanhávamos muito era muita ignorância para um ser humano só."</i></p>

<p>Maria Sonali da Silva</p>	<p><i>"Meu pai era agricultor e minha mãe dona de casa beneficiária do Programa Bolsa Família (PBF). Essa renda a mais era um complemento para comprar apenas o necessário, que era o alimento. Morávamos, eu, meu pai, minha mãe e meu irmão em uma casa de taipa bem pequena, com apenas uma cozinha, uma sala e um quarto. Com o pouco que meu pai ganhava trabalhando na roça, tinha que pagar também a conta de luz e o gás. Comecei a estudar aos seis anos de idade, já era bem grandinha. Era uma escola pública da zona rural do Sítio Campinas, município de Curral de Cima, onde moro até hoje. Sempre tive o maior orgulho daquela escola e fazia tudo com a maior dedicação, pois sempre gostei muito de estudar, foi lá onde passei a minha infância, onde fui alfabetizada. Achava meus professores os melhores do mundo, e me recordo de cada um deles com muito carinho".</i></p>
<p>Marilene Barbosa Siqueira Dácio</p>	<p><i>"Por se tratar de uma sala de aula num assentamento na Barra de Gramame voltada para turma de alfabetização de Jovens e Adultos (EJA), algumas dificuldades são observadas na sua estrutura. Perguntado a professora sobre a necessidade existente, ela responde: "Ainda falta banheiro, água potável para beber e lanche aos alunos e professora. Levo uma garrafa térmica com água e o lanche por minha conta". Em contrapartida, a escola Antônio Santos Coelho Neto, possui estrutura com banheiro e todo aparato estrutural disponível aos alunos matriculados na escola, diferentemente dos alunos da Sala Anexa do Assentamento".</i></p>

<p>Mônica Cristina da Silva Santiago</p>	<p><i>"A violência já era tamanha na nossa comunidade. Criar os filhos para algo considerado "diferente" era uma afronta e uma forma de querer ser melhor que os outros. Por morarmos em uma comunidade não poderíamos estudar, não engravidar na adolescência, não usar ou ajudar no tráfico de drogas? Teríamos que crescer para fazermos parte das estatísticas de jovens envolvidos com o mundo do crime, ou mortos, ou grávidas? Não era isso que queria pra mim. Não era isso que meus pais queriam pra seus três filhos, e foi necessário fugir daquele lugar".</i></p>
<p>Raquel Figueiredo do Nascimento</p>	<p><i>"Venho de uma família de sete filhos, e na minha infância eu e meus dois irmãos mais novos fomos beneficiários do programa Bolsa Escola, depois passamos a ser beneficiários do Bolsa Família e, por isso, participei do PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil e do PROJOVEM - Programa Nacional de Inclusão de Jovens programas oferecidos aos beneficiários do programa pelo Governo Federal. Lembro-me com muita clareza o quanto necessitava na minha infância do dinheiro do Bolsa Escola, pois meus pais eram agricultores e nossa renda era pequena para custear todos os gastos de três filhos pequenos. Minha mãe cuidava do dinheiro e usava-o para comprar roupas, remédios, calçados e material escolar para nós três, e às vezes, ainda comprava comida".</i></p>

<p>Rayanne de França Fasseluan</p>	<p><i>"Quando criança vivi em circo até meus seis anos, como se sabe, a vida nesses locais não é muito agradável ou luxuosa, as moradias são barracas, a alimentação não tem hora e se vive uma constante mudança, a cada 20 dias, ou a cada mês, muda-se de cidade, e isso não permite que você tenha uma vida normal, porém, é melhor que estar ao relento ou largado em praças, como muitas pessoas sobrevivem".</i></p>
<p>Rejane Souza da Silva</p>	<p><i>"Migração da família (nordeste para o sudeste), em busca de trabalho e melhores condições financeiras."</i></p>
<p>Simone Cosme de Farias Ferreira</p>	<p><i>"Sou filha de agricultores e faço parte de uma família de nove irmãos. Vim de uma família humilde, passei muitas dificuldades e senti na pele os problemas financeiros e assistenciais de uma família pobre. Morávamos no sítio até os meus catorze anos. Na minha casa não havia energia elétrica e todos os meus irmãos trabalhavam na roça. Naquele tempo, filho de pobre não estudava, nem tampouco se formava, e os que estudavam não passavam do Ensino Fundamental".</i></p>
<p>Sueine Pedro da Silva</p>	<p><i>"Considerando que vários empecilhos ao processo de aprendizagem são causados por situações de pobreza e vulnerabilidade social, os alunos que vivem em meio a essa realidade necessitam de assistência diferenciada para que, futuramente, consigam mudar a realidade que atinge inúmeras famílias".</i></p>

FONTE: Produções dos/as Cursistas EPDS/UFPB, Campus IV, 2018.

REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

ARROYO, Miguel G. **Módulo Introdutório**: Pobreza, desigualdade e educação. In: BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – MEC. Brasília: DF, 2014.

PORTINARI, Cândido. **Dois meninos**. 1957. 1 desenho, nanquim pico-de-pena sobre papel. Disponível em: <<http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/4326>>. Acesso em: 20 set. 2018.

Comida

Titãs

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida

A gente quer comida, diversão e arte

A gente não quer só comida

A gente quer saída para qualquer parte

A gente não quer só comida

A gente quer bebida, diversão, balé

A gente não quer só comida

A gente quer a vida como a vida quer

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comer

A gente quer comer e quer fazer amor

A gente não quer só comer

A gente quer prazer pra aliviar a dor

A gente não quer só dinheiro

A gente quer dinheiro e felicidade

A gente não quer só dinheiro

A gente quer inteiro e não pela metade

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida

A gente quer comida, diversão e arte

A gente não quer só comida

A gente quer saída para qualquer parte

A gente não quer só comida

A gente quer bebida, diversão, balé

A gente não quer só comida

A gente quer a vida como a vida quer

A gente não quer só comer

A gente quer comer e quer fazer amor

A gente não quer só comer

A gente quer prazer pra aliviar a dor

A gente não quer só dinheiro

A gente quer dinheiro e felicidade

A gente não quer só dinheiro

A gente quer inteiro e não pela metade

Diversão e arte

Para qualquer parte

Diversão, balé

Como a vida quer

Desejo, necessidade, vontade

Necessidade, desejo, eh

Necessidade, vontade, eh

Necessidade

4 MECANISMOS DE SUPERAÇÃO DA POBREZA DAS PRODUÇÕES FINAIS DOS CURSISTAS DO CURSO EPDS



FONTE: <<http://viajenajanela.blogspot.com/2011/03/sentimentos-sao-passaros-em-voo.html>>. Acesso em: 20/10/2018.

*CÉLIA REGINA TEIXEIRA
FRANCYMARA ANTONINO NUNES DE ASSIS
JOEL ARAÚJO QUEIROZ
JOSEVAL DOS REIS MIRANDA
MARIA VALDENICE RESENDE SOARES*

Após o entendimento dos conceitos de pobreza, de desigualdade social e reconhecer as suas marcas, em seguida foi o momento de escutarmos e garimparmos nas produções dos/as cursistas como esses/as construíram mecanismos para superá-las.

Podemos deprender dos relatos apresetado a seguir que o papel do processo de escolarização foi fundamental para a superação da pobreza e desigualdades vivenciadas pelos/as cursistas. Daí, enquanto professores/as devemos exercitar o nosso olhar e escuta sensível para as mais diversas situações que permeiam o cotidiano escolar, pois se não tivermos esse cuidado, poderemos estar a reproduzir e legitimar desigualdades no âmbito curricular e da organização do nosso trabalho pedagógico.

Segundo Arroyo (2014):

A presença de tantas crianças, tantos (as) adolescentes e jovens-adultos (as) pobres vindos de espaços de pobreza nas escolas obriga os currículos a superar concepções e tratos genéricos do espaço e a destacar esses processos sociopolíticos de apropriação e segregação dos espaços do viver. Os currículos terão de garantir aos coletivos condenados à pobreza o direito a uma análise social da produção dos espaços de miséria em que estão jogados e da forma como esses ambientes são utilizados para perpetuar a segregação dos sujeitos (ARROYO, 2014, p. 31).

Desse modo, ratificamos o quanto o processo de escolarização com qualidade para todos e todas desempenha um papel essencial no processo de superação e/ou diminuição da pobreza e da desigualdade social. A seguir apresentamos as formas como os cursistas buscaram promover essa superação.

QUADRO 04: Síntese dos Mecanismos de Superação da Pobreza das Produções Finais dos Cursistas do Curso EPDS

NOME DO CURSISTA	MECANISMOS DE SUPERAÇÃO DA POBREZA
Adailza Jessica da Silva Monteiro	<i>"Neste contexto acreditamos que é na educação que encontramos possibilidades de mudanças e que está jamais poderá se afastar da luta social, e que de forma alguma deve se abster de intervir na realidade, entretanto não poderá fazê-lo sem que superar o modelo de educação bancária".</i>
Alzenir Souza da Silva	<i>"É preciso reconhecer que existem pobreza e desigualdade social em todos os âmbitos da sociedade, e estas se tornaram objeto de políticas públicas, como os programas de erradicação da pobreza, desigualdades, drogas e violência, como o Bolsa Família. Contudo, é fundamental que as escolas repensem seus currículos e suas práticas cotidianas, permitindo que os profissionais da educação tenham sensibilidade ao lidar com crianças e adolescentes".</i>
Daniela Brito Ramos	<i>"Ao final da graduação tive a oportunidade de conhecer por completo a região do Cariri Ocidental Paraibano. Através de aprovação em processo seletivo, pude trabalhar no IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), um dos órgãos governamentais mais renomados do país por sua base de dados que expressa precisão e confiabilidade. Neste período, muitas coisas aconteceram. A realização da casa própria, o casamento, o primeiro carro, a conclusão do curso superior".</i>

<p>Debora da Conceição Sales da Silva</p>	<p><i>"Fiz o antigo pedagógico, O LOGOS, em Lucena, mas nunca pensei em iniciar a minha vida profissional como professora. Até surgir na Cidade de Lucena um concurso para professor e para realizá-lo não precisava ser formada. Com o antigo pedagógico, fiz o concurso e passei em 2º lugar. Fui aprovada para Lavras em Minas Gerais para o treinamento e no mês seguinte iniciei minha vida profissional na Alfabetização Solidária, em que até hoje tenho a maior admiração em alfabetizar. No ano seguinte o prefeito de Lucena me contratou para lecionar geografia e trabalhei o primeiro ano sem ter formação superior. Depois surgiu a oportunidade de fazer Graduação na Faculdade Vale do Acaraú, onde passei quatro anos estudando, concluindo em 2008 o curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas e no mesmo ano iniciei a Pós, sendo aprovada na seleção de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB".</i></p>
<p>Dilmária Soares Melo Silva</p>	<p><i>"[Uma] educação transformadora, é aquela que liberta da alienação do discurso de outrem e que promove a igualdade cultural, política, social e econômica, no intuito de contribuir para a garantia do direito a educação de qualidade para todos".</i></p>
<p>Douglas Soares Eleutério</p>	<p><i>"A Escola Cidadã Integral [...] é um espaço novo e que está se adaptando e em construção, dentro do contexto social trazido pelo seu público. Seu público alvo em sua maioria são frutos da desigualdade social de nosso país".</i></p>

Emanoel
José
Duarte

"Trei expor a minha vivência e as dificuldades enfrentadas por mim durante toda uma trajetória de vida, e como foi à saída da linha de pobreza. Nasci em 18 de maio de 1983, no dia 01 do mês de março do ano 2002, servi no Exército brasileiro, me casei na data de 15 de março do ano de 2011, trabalhei na Usina Monte Alegre de 20 de novembro do ano de 2002 a 15 de janeiro de 2015, onde iniciei como serviços gerais. Após 05 anos passei a exercer a função de Encarregado de Lubrificador no horário diurno e depois a função de Fiscal de moagem. Em março de 2015 conclui a licenciatura em Matemática, no mês de agosto comecei a atuar como professor de matemática no Programa Projovem Urbano. Para conseguir comprar meu material escolar e vestuário eu pegava frete na feira aos sábados, onde eu saia de casa as 03h00min horas da madrugada e ia ajudar a montar os bancos de feira e tentar transportar a feira do pessoal de classe média e média alta que ia fazer suas compras por volta das 05h00min da manhã. De segunda a sexta no horário da manhã eu fazia 'biscaiti' de auxiliar de pedreiro".

<p>Fabiane Apolinário da Silva</p>	<p><i>"É em função desses pressupostos, da vida difícil da maioria dos alunos que se encontram nas escolas públicas, que queremos participar das reflexões para a construção de uma escola que ofereça uma educação capaz de ouvir as pessoas, participando dessa realidade, discutindo-a e colocando como perspectiva a possibilidade de mudar essa realidade. Entendo ser necessário aos profissionais da educação assumir esse espaço de afirmação e responsabilidade frente às diferentes exigências do contexto social em que a escola se encontra inserida. Acredito no professor capaz de coordenar a ação educativa; no educando como agente sujeito participante; na escola como currículo de cultura; e na sala de aula como espaço de diálogo. Precisamos lutar por uma educação pública voltada para melhoria das condições de vida dos sujeitos-educandos".</i></p>
<p>Francilha Florêncio da Silva</p>	<p><i>"A pobreza como o limite da sobrevivência e as desigualdades sociais intensificam ainda mais a pobreza, ficando a educação como o principal meio de solução dos problemas sociais, pois muitas pessoas conseguem melhores condições de vida através da educação e de políticas públicas, mas antes de tudo o ser humano deve encontrar dentro de si mesmo forças necessárias para lutar contra suas limitações e as limitações de uma sociedade excludente".</i></p>

<p>Gessé Viana da Silva</p>	<p><i>"A educação é um caminho que pode amenizar o índice das pessoas que vivem em situações de pobreza, pode até não resolver tudo, mas, é um passo para poder avançar e conquistar novas oportunidades. A educação tem um papel fundamental na transformação do homem para melhor viver em sociedade, capaz de criar, inovar refletir sobre os seus atos e suas escolhas".</i></p>
<p>Joelson de Moraes Santos</p>	<p><i>"Na quarta série, 5º ano, tive um professor que acreditou e me ajudou muito, fazendo com que aquele aluno tímido interagisse com os demais, e quando o referido aluno faltava, o professor mandava me buscar em minha própria casa. Sendo assim, todos nós alunos fomos estimulados a ser criativos, autônomos, e a reconhecer a importância da educação e conseqüentemente nossa autoestima começou a crescer, principalmente de Joelson, que já percebia sua mudança enquanto mundo. Concluí o Ensino Médio na cidade de Lucena/PB, porém passei quatro anos no 3º ano, trabalhando muito numa fábrica o dia inteiro, o cansaço atrapalhou bastante os meus estudos. No ano de 2012, iniciei minha vida acadêmica por meio do FIES, no curso de Bacharel em Psicologia, e hoje sou formado como psicólogo".</i></p>
<p>José Fernando Rodrigues de Oliveira Júnior</p>	<p><i>"Meu objetivo de entrar para o serviço público foi o de fugir da situação de pobreza que eu me encontrava anteriormente, e em seguida, adquirir uma nova situação de vida para mim, ou seja, o de garantir a minha sobrevivência".</i></p>

<p>Josilane Márcia Justiniano da Silva</p>	<p><i>"[...] fiz um concurso do Estado da Paraíba e fui aprovada em primeiro lugar. Lecionei no Ensino Médio apenas nos anos de 2012 e 2013 na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Papa Paulo VI, pois em 2014 tive que deixar para assumir um concurso na UFPB, para o cargo de Técnica em Assuntos Educacionais e que atuo até os dias atuais. Com toda dificuldade que tive, consegui sair da situação de pobreza na qual me encontrava, através das oportunidades advindas da educação, acredito que outras pessoas também conseguirão".</i></p>
<p>Juliana Figueredo Pereira</p>	<p><i>"Hoje aos 30 anos sou uma mãe realizada, sonho que conquistei aos 24 anos, estudante de Pedagogia, Técnica em Edificações e trabalho dando aulas de informática e robótica em uma EMEF do município de João Pessoa, trabalho pelo qual sou apaixonada, pois através dele consigo realizar e mudar a vida das crianças que trabalho".</i></p>
<p>Khadidja de Brito Cartaxo</p>	<p><i>"Diante de vários problemas encontrados na sociedade em que vivemos, como desemprego, violência, corrupção, desvalorização dos profissionais da educação, corte de verbas federais, fome, desigualdade social, etc., a educação tem um papel fundamental, que é o de fornecer o conhecimento, para que o cidadão possa participar efetivamente das mudanças e lutas pelos seus direitos frente à sociedade".</i></p>

<p>Lívia Nascimento da Silva</p>	<p><i>"Relembrar tudo o que foi vivenciado por mim até agora me faz pensar em possibilidades de um futuro diferente, principalmente pelo fato de estar na universidade hoje, apesar de todos os problemas que enfrentei em relação a minha educação. Mesmo estudando toda minha vida em escolas públicas e enfrentando muitas dificuldades por conta da desigualdade de classes sociais, conclui o Ensino Médio e consegui ingressar na Universidade Federal da Paraíba no curso de Licenciatura em Matemática. Hoje me sinto realizada, pois enfrentei muitos obstáculos e aos poucos consegui ultrapassar todos para conseguir realizar meus sonhos".</i></p>
<p>Luciano Duarte da Silva</p>	<p><i>"Mesmo com tantas dificuldades, as experiências nos permitem momentos de reflexão intrapessoal, com o objetivo de nos tornarmos pessoas melhores, e isso só é possível quando compreendemos a importância da alteridade. Tudo isso me fez olhar a educação como um meio de ruptura de um contexto de pobreza e desigualdade social. Dessa forma, podemos afirmar que são necessárias políticas públicas voltadas para essa questão, de extrema importância para o mundo, que influência direta e indiretamente a vida de cada sujeito. A educação é o caminho principal para compreendermos e enxergarmos no outro a verdadeira mudança, seja ela política, social, cultural ou econômica".</i></p>

<p>Luciene Ribeiro da Assunção</p>	<p><i>"A educação deve ajudar a desenvolver o indivíduo como um todo, não apenas em seus processos cognitivos, mas trabalhar também seus sentidos, sua sensibilidade, seu senso de responsabilidade consigo e com os outros, a educação deve principalmente fazer o sujeito conhecer a sua história".</i></p>
<p>Lucimares Sílvia da Cruz</p>	<p><i>"Fiz minha escolha continuei não desisti cheia de orgulho e otimismo conclui meu curso em Pedagogia em 2006 logo em 2007 cursei Especialização em Supervisão Educacional, em 2008 realizei a Especialização em Psicanálise para Saúde e Educação".</i></p>
<p>Márcia Alves da Silva</p>	<p><i>"O mais comum é enxergar os pobres como pessoas carentes e julga-los como a escória da sociedade. De imediato não se cogita a possibilidade desse pobre ser apenas um ser humano que necessita de atenção, de oportunidades, que não lhe neguem os direitos básicos. O conhecimento é uma arma poderosa. Quando se obtém o conhecimento, é possível tornar – se capaz de reagir diante dos mais diversos acontecimentos. Nesse sentido é imprescindível estar em constante processo de aprendizagem".</i></p>
<p>Maria Ana Barbosa da Silva</p>	<p><i>"A educação e a escola exercem um papel fundamental no enfrentamento das condições que produzem e reproduzem a pobreza. Nesse sentido, é necessário superar essa estatística de relacionar pessoas pobres apenas aos números, mas criar condições favoráveis que estimulem e promovam a aquisição de novos conhecimentos".</i></p>

<p>Maria das Dores de Oliveira de Carvalho</p>	<p><i>"Ela recebia o Bolsa Família, mesmo assim não ficava em casa só esperando para receber esse valor, ela ia era trabalhar para complementar o dinheiro e dar algo melhor para mim e meus irmãos. Quando fiquei um pouco maior minha mãe ia trabalhar e eu ficava em casa cuidando dos meus irmãos menores e fazia o almoço e o serviço doméstico, quando passei a estudar no horário da tarde ela dizia que chegasse a hora de ir deixasse de fazer o que estava fazendo para ir a escola, e minha mãe levava meus irmãos a tarde para o serviço, minha mãe era muito consciente que a educação é muito importante na vida de uma pessoa apesar de só saber assinar o nome, nunca faltei a aula por causa de trabalho e minha tia criticava a minha mãe porque ela não deixava nos faltar a escola para trabalhar, material nunca faltou era do jeito que ela podia me oferecer, sou muito agradecida a ela e ao meu pai por essa oportunidade".</i></p>
<p>Maria de Fátima de Mascena Santos</p>	<p><i>"No dia 12 de março de 2011, comecei minha vida acadêmica no prédio da faculdade do IESP, na turma 196, com um total de 56 alunos. Tive a grata sorte de ficar em uma turma maravilhosa, que aprendi muito com todos eles, pois acredito que cada um sempre deixa um pouco de si e leva um pouco de nós".</i></p>

<p>Maria José da Silva Cordeiro Gomes</p>	<p><i>"[...] minha história de vida começou a mudar [quando] tive a oportunidade de me escrever no Programa do Brasil Alfabetizado, fui selecionada e realizei uma formação em João Pessoa – PB e comecei a trabalhar como professora alfabetizadora de jovens e adultos. No mesmo ano, também selecionada pela Secretaria da Educação de Lucena para ser professora do 1º ao 5º ano. Nesta fase minha vida realmente começou a ter outro rumo, resolvi mais uma vez prestar vestibular para o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú no ano de 2004 e fui aprovada, concluindo no ano de 2008, durante todo este período que estudei, permaneci trabalhando como professora de Educação Infantil a Fundamental I".</i></p>
<p>Maria Neide de Figueredo Pereira</p>	<p><i>"Com muita dificuldade terminei o ensino médio, e agora a vontade de conseguir uma licenciatura estava tão longe, pois dinheiro para pagar uma faculdade não tinha. Meu esposo ficou desempregado e ainda por cima jogou na minha cara que iríamos voltar a passar fome, pois com o salário que eu ganhava não daria para sustentar a casa, lá se ia meu sonho de me formar, continuei a trabalhar na creche e logo em seguida consegui emprego em uma escola do estado também, assim comecei a cursar a faculdade de ensino superior".</i></p>

<p>Marilene Barbosa Siqueira Dácio</p>	<p><i>"Superar esses desafios, a professora da Sala Anexa diz que "é importante considerar a educação trazida de outros espaços, pois entendem que como educadora popular precisa ter consciência social, e, como tal sabe que mais do que simplesmente ensinar a ler e escrever, a escola tem a responsabilidade de desvelar para os homens as contradições da sociedade em que vivem". É necessário considerar a pobreza no fazer pedagógico".</i></p>
<p>Marluce Rodrigues de Almeida Silva</p>	<p><i>"Só através de uma educação de qualidade podemos mudar e transformar crianças e jovens em cidadãos críticos capacitados capazes de fazer valer a sua voz como indivíduo da sociedade".</i></p>
<p>Maylton da Silva Fernandes</p>	<p><i>"A educação exerce o papel de agente transformador que pode mudar a situação social e consequentemente diminuir a taxa de pobreza. Visto do ponto de vista econômico, a educação pode ajudar as pessoas a se capacitarem profissionalmente para que possam ser inseridas no mercado de trabalho".</i></p>

<p>Mérellym Gomes Guerra</p>	<p><i>"A partir desse diagnóstico a escola está traçando estratégias para lidar com cada caso. Dentre elas, podemos destacar: a sugestão de estratégias pedagógicas para lidar com a indisciplina; o atendimento aos alunos indisciplinados; a realização de reuniões com familiares; reuniões com as turmas com mais problemas de indisciplina; a realização de visitas domiciliares; a realização de plantões pedagógicos para atender familiares e alunos; o fomento do diálogo entre alunos e professores; o encaminhamento de alunos com mais dificuldades para participarem do reforço escolar; o encaminhamento para a rede de apoio, nesse caso, com relação às instituições parceiras".</i></p>
<p>Mônica Cristina da Silva Santiago</p>	<p><i>"Lembro que fugimos a noite, depois de uma troca de tiros entre meu pai e traficantes. Fomos morar em condições melhores, mas sem esquecermos da importância daquele lugar que serviu de aprendizado por muitos anos. Aquele lugar onde serviu de experiência enquanto sujeitos aprendentes e capazes de criticar, de desconstruir e construir pensando no bem-estar de todos. Conheci ali, pessoas maravilhosas, que tinham muito a ensinar e que depositavam em mim confiança".</i></p>

<p>Raquel Figueiredo do Nascimento</p>	<p><i>"As pessoas pobres são invisibilizadas historicamente, mas em cidades pequenas como essa, a invisibilidade é ainda maior devido à distância dos grandes centros e da falta de escolarização de muitas pessoas. Apesar do acesso a educação atualmente ser muito mais fácil do que antes, grande parte da população do município sequer terminou o ensino fundamental. A educação ainda continua sendo o meio mais eficaz de dar visibilidade a essas pessoas, lhes ensinando sobre cidadania e democracia".</i></p>
<p>Rayanne de França Fasseluan</p>	<p><i>"Hoje, com vinte e um anos, estudo, tenho senso crítico sobre as ações que podem me influenciar e sobre as pessoas que me rodeiam, consigo lidar melhor com as difíceis situações que enfrento todos os dias, sendo elas boas ou ruins, mas isso se deve ao fato de eu possuir uma história repleta de lembranças e das atividades efetuadas que me fizeram reconhecer valores, níveis de pobreza e desigualdade, mas principalmente pela minha construção cultural e de consciência. Atualmente, mais crescida e evoluída, posso estudar esse fator e buscar maneiras para compreender cada dia mais a pobreza e a desigualdade. Isso pode me ajudar a tentar mudar, na medida do possível esse quadro, ajudando a educar e reeducar as pessoas com minha prática docente, pois só assim, elas poderão se libertar desse ciclo vicioso que a sociedade vem criando. São anos de histórias rebaixando os mais pobres, os negros, e desrespeitando a diversidade que existe na sociedade".</i></p>

<p>Rejane Souza da Silva</p>	<p><i>"Cheguei ao último período, esgotada física e mentalmente falando, foram anos seguidos conciliando trabalho e estudo, numa tripla jornada, sem lazer e descanso, primeiro, porque o dinheiro não dava; segundo, porque o tempo não dava e terceiro, porque toda hora 'vaga' tinha que estudar, porque eu não podia me dar o luxo de reprovar ou perder sequer uma disciplina".</i></p>
<p>Ricardo Marques da Silva</p>	<p><i>"A educação deve promover a esperança necessária, haja vista que formar cidadãos conscientes e o caminho para amenizar a desigualdade social que afeta milhões de pessoas. Assim, quanto mais os professores e a sociedade enxergarem a pobreza com a visão moralizante, mais o pobre vai continuar sendo discriminado. É preciso que a escola se junte à comunidade e crie projetos em benefício das famílias carentes para combater a pobreza e a desigualdade social".</i></p>
<p>Sheyla Maria Lima Oliveira</p>	<p><i>"No atual contexto de globalização em que vivemos lutar diariamente por uma sociedade mais justa, digna e equitativa é acreditar em uma sustentabilidade que favoreça a igualdade na distribuição das riquezas produzidas e na inclusão social de todos/as. Com efeito, o Estado deve atuar fortemente nas ações e políticas públicas da saúde, educação, cultura, segurança e assistência social, garantindo assim, a valorização humana e os direitos fundamentais do ser humano, bem como a plena cidadania".</i></p>

<p>Simone Cosme de Farias Ferreira</p>	<p><i>"Nunca desisti de estudar, guardei esta vontade, pois sempre soube que só através dos estudos, de uma formação profissional, que eu poderia mudar de vida. Não sou rica, mas convivi de perto com a pobreza e posso afirmar com toda a certeza que foi a Educação que me proporcionou mudanças relevantes para a minha qualidade de vida e da minha família. Não são apenas os bens materiais que acabam contribuindo, mas trabalhar faz toda a diferença".</i></p>
<p>Vagner dos Santos Coutinho</p>	<p><i>"Superei e aprendi que não devia me importar com essas coisas. Continuei na escola, cresci, concluí a Educação Básica e me formei. Hoje, eu sou pedagogo!"</i></p>
<p>Walquíria Gomes Fernandes</p>	<p><i>"O papel da escola vai além da transmissão de conhecimentos. Ela tem o papel importante de ajudar ao sujeito a conhecer a realidade e a partir daí, torna-lo um sujeito transformador de sua realidade na comunidade a qual está inserido".</i></p>

FONTE: Produções dos/as Cursistas EPDS/UFPB, Campus IV, 2018.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Módulo IV: Pobreza e currículo: uma complexa articulação.** In: BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – MEC. Brasília: DF, 2014.

TITÃS. Comida. Intérprete: Titãs. Composição: Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sergio Brito. In: **Titãs - Acústico MTV. Brasil:** WARNER MUSIC, 1997, 1 Cd, Faixa 1.

2ª PARTE

NARRATIVAS AUTO (BIOGRÁFICAS) EM CONTEXTOS DE POBREZA E DESIGUALDADE SOCIAL

1 RECORTES DE HISTÓRIA DE VIDA E AÇÕES DO PROGRAMA CRIANÇA FELIZ NO MUNICÍPIO DE SUMÉ-PB

*DANIELA BRITO RAMOS
danielaramos557@gmail.com*

Uma das características mais autênticas da sociedade contemporânea é a fragilidade dos direitos essenciais à vida e a dignidade humana. Tais direitos denotam primeiramente o deleite à vida, à liberdade e à igualdade de toda e qualquer pessoa pelo simples fato dela pertencer à espécie humana, daí a denominação Direitos Humanos.

Para viver com dignidade é necessário, também, outros requisitos, como o direito a moradia, a educação, a saúde, a segurança. Contudo, mais da metade da população mundial ainda vive abaixo da linha de pobreza. Este é um aspecto obscuro do crescimento econômico, pois à medida que ocorre, também marginaliza e segrega.

A Organização das Nações Unidas (ONU) aponta dois dos seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que se baseiam nos oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM): a erradicação da pobreza e a redução das desigualdades como forma de transformação do mundo, o que constitui no maior desafio global e da agenda das Nações Unidas. (ONU/BR, 2015).

Neste sentido, este trabalho foi construído a partir desses aspectos somados ao trabalho desenvolvido no âmbito da assistência social municipal e como o dilema da desigualdade e da pobreza se expressa nas relações observadas. Seu objetivo é: apresentar as ações desenvolvidas no âmbito da assistência social através da experiência do Programa Criança Feliz do município de Sumé-PB; apresentar sumariamente minha autobiografia;

caracterizar a prestação do serviço da assistência social às famílias atendidas pelo Programa Criança Feliz.

A metodologia do presente estudo envolve a pesquisa qualitativa e de caráter descritivo e exploratório, constituído a partir da apresentação de uma breve narrativa sobre minha história de vida e sobre suas implicações com relação à temática, revisão bibliográfica e estudo de caso *in loco*, com utilização de relato de experiências das atividades desenvolvidas pelo Programa Criança Feliz.

A pesquisa foi executada na cidade de Sumé–PB, localizada na Microrregião do Cariri Ocidental. Sumé possui uma área de 838,070 km² com população estimada em 16.957 pessoas. Em 2010 apresentou um IDH de 0,627, apresentando melhorias consideráveis nos aspectos de longevidade, renda e educação. Seu clima é semiárido, inserido no Bioma Caatinga. Sua economia é voltada basicamente para a agricultura familiar, alguns pontos comerciais e para o serviço público (IBGE, 2017).

Inicialmente foi escrito meu relato biográfico e, posteriormente, mensurou-se as atividades desenvolvidas no âmbito da Assistência Social.

NARRATIVA DE VIDA: notas introdutórias

Minha trajetória de vida não foi tão fácil como gostaria que tivesse sido, mas foi melhor que a dos meus pais. Quando falo meus pais, me refiro aos meus avôs maternos que me criaram e me deram reconhecimento paternal, juridicamente falando, através do registro de nascimento. Mas não retiro a soma de participação da minha mãe biológica na formação da minha personalidade, pois foi arrimo para a construção do meu eu.

FIGURA 01: Foto com minha mãe biológica.



FONTE: Acervo pessoal.

FIGURA 02: Foto com meu avô materno no sítio onde passei toda minha infância.



FONTE: Acervo pessoal.

Aos 2 anos de idade tive que entender que havia uma circunstância que me separaria da minha mãe e que me faria viver anos longe dela. Esta circunstância era social e econômica, que só pude entender anos mais tarde.

Aos 2 anos presenciei a partida de minha mãe em busca de melhores condições para mim, sem imaginar o quanto ela amargaria em uma cidade grande, sem conhecidos, que a segregaria por longos anos. Contudo, o carinho que recebia dos meus avós e dos meus tios, o gosto em correr de pés descalços nos “munturos” e de viver na liberdade do sítio cercada por tantos aprendizados; tudo isso amenizava a saudade da minha mãe e o vazio de não ter havido uma proximidade com meu pai.

FIGURA 03: Imagens de minha infância. Na segunda foto, uma tia avó (à direita), meus avós (no centro) e minha tia (à esquerda).



FONTE: Acervo pessoal.

Aos 6 anos, já não morava mais no sítio e meus avós já estavam numa situação financeira menos sacrificante, pois haviam se aposentado e não necessitavam mais se dedicar aos esforços esgotantes da vida na roça. Meus tios trilharam seus próprios caminhos e eu iniciei o caminho mais fascinante da minha vida: o do conhecimento.

Desde muito cedo descobri o gosto pelos estudos sociais. Jamais esqueço um livro que tinha por título “Eu gosto de estudos sociais”, da autora Célia Passos. Eu o carregava para todos os lados. Ao mesmo tempo

me incomodava com a precariedade das condições do ensino ofertado. Na época, mal sabia o que de fato isto significava, mas me incomodava não ter um espaço apropriado para a escola que era municipal, mas funcionava na escola estadual; a falta de merenda em quase todo o ano letivo; a falta de livros; a falta de transporte para o deslocamento dos estudantes da zona rural e todo um mal estar que se gerava sempre que uma campanha eleitoral se iniciava e se paralisava tudo, inclusive, o salário dos professores.

Hoje sou Cientista Social. A primeira pessoa da família que conseguiu um diploma universitário. Entendi que o que para mim era um gosto na infância, era na verdade vocação. Cursei Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *campus* recém-instalado na época (2010) em decorrência do Plano Nacional de Expansão das Universidades Federais. Durante o curso estive engajada em projetos de extensão na área de Direitos Humanos e Cidadania, cujo referencial foi de extrema importância para a minha permanência no curso, pois além de propiciar a oportunidade de aprender e disseminar conhecimentos sobre a área, custeou minha estadia no curso com repasses de bolsas estudiantis pelo MEC, PROBEX e PROEXT.

Ao final da graduação tive a oportunidade de conhecer por completo a região do Cariri Ocidental Paraibano. Através de aprovação em processo seletivo, pude trabalhar no IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), um dos órgãos governamentais mais renomados do país por sua base de dados que expressa precisão e confiabilidade.

Neste período, muitas coisas aconteceram. A realização da casa própria, o casamento, o primeiro carro, a conclusão do curso superior, mas também a dor da perda da qual dificilmente conseguirei me acostumar: a morte da pessoa que toda a vida havia chamado de mãe. A morte da minha avó, com quem dividi todos os meus momentos, minhas alegrias, medos, frustrações, tem sido para mim o maior de todos os desafios. Já se passaram 3 anos e a sua ausência é o que há de mais presente em meus dias. Por isso, desde a sua partida, tenho entendido que não posso parar.

Preciso de um motivo para lutar constantemente em prol daquilo que acredito, muito embora, não possa mais dividir minhas conquistas com aquela que sempre me dizia “tenha calma, vai dar certo [...]”. Sim, ela é a minha maior inspiração!

Em 2014, ainda tentando superar essa perda, ingressei no curso de Especialização em Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo IFPB (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba). Foram tempos difíceis. Conciliar uma pós-graduação com a dor de uma perda, com uma jornada de trabalho exaustiva, com minha família ainda bastante fragilizada e abalada com o quadro de saúde do meu avô, a quem chamo de pai, que lutava contra um câncer e estava se recuperando de uma cirurgia. Mas o tempo encarregou-se de passar rápido e aos poucos as coisas foram retomando seus lugares.

Muitos me perguntam como consegui me manter de pé diante de todas as adversidades que enfrentei e ainda conseguindo sorrir. Eles não sabem, mas muitas vezes eu sorri estando em pedaços por dentro. O fato de conseguir superar algo me faz entender que através da fé todas as coisas são significativamente possíveis. Crer em Deus tem sido suficiente para continuar nesta batalha chamada vida.

Após a rescisão do meu contrato com IBGE, eu estava muito cansada, precisava de um descanso. Mas o que seria descanso, para mim se tornou uma experiência deprimente: o desemprego. A sensação era de frustração, de desengano, de pensar que fiz o curso errado e que nunca teria espaço no mercado de trabalho quase que inexistente numa região ainda baseada em preceitos clientelistas ditados pelas trocas de favores e conchavos políticos. Porém, essa era a realidade de todos os recém-formados, que independente da área de formação, só conseguia espaço para trabalhar mediante os malditos conchavos.

A sensação de mal-estar pela condição de desempregada e com qualificação profissional me fez recorrer ao setor privado. Uma das minhas piores experiências. Cobranças infinitas, prazos, metas, assédio moral, atraso no salário e sérios problemas de saúde (de trato urinário),

pois o estabelecimento não possuía sequer banheiro com sanitário. Eu ainda precisava me submeter todos os dias ao deslocamento em uma motocicleta na BR-412, mal sabendo pilotar, sem habilitação e ganhando pouco menos de um salário mínimo. Nessa época, apeguei-me à frase que o sociólogo Ignacy Sachs usou em uma de suas obras para descrever as razões de existência do subdesenvolvimento e uma dessas razões está na existência da pobreza que empurra os homens a condições sub-humanas. Sachs (2008) considera “[...] pior do que ser explorado, é não ser sequer explorado. Eles são pobres demais para se dá ao luxo de não trabalhar”.

Alguns meses se passaram e mais uma vez adentrei ao desemprego. Desta vez, somando a casa dos 13 milhões de desempregados no primeiro semestre de 2017, em decorrência da crise.

Já no segundo semestre, consegui uma vaga no processo seletivo efetuado pela prefeitura municipal de Sumé–PB, onde permaneci de julho de 2017 até março de 2018, desenvolvendo a atribuição de Visitadora do Programa Criança Feliz, gerido pela Secretaria Municipal de Assistência Social.

ESPAÇO PARA REFLEXÕES: o trabalho na assistência social do município de SUMÉ-PB

A Assistência Social postula-se como política de seguridade social não contributiva e se trata de direito do cidadão e dever do estado. “Provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas” (LOAS, 1993).

O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é uma unidade pública estatal descentralizada da política de assistência social responsável pela organização e oferta dos serviços socioassistenciais da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), nas áreas de vulnerabilidade e risco social dos municípios.

De acordo com a NOB/SUAS (2004), a política de Assistência Social faz parte do tripé da seguridade social e juntamente com a Saúde e Previdência Social, tem caráter não contributivo, sendo um direito do cidadão e dever do Estado instituído pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) a partir de 1993.

Assim, o CRAS da cidade de Sumé tem ofertado o serviço de Proteção e Atenção Integral a Família (PAIF) a partir de serviços, programas e projetos socioassistenciais de proteção social básica para as famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidade social, objetivando os seguintes aspectos: articular e fortalecer a rede de Proteção Social Básica local; prevenir as situações de risco em seu território de abrangência; articular e fortalecer a rede de Proteção Social Básica local; prevenir as situações de risco em seu território de abrangência e Fortalecer os vínculos familiares e comunitários e a garantia de direitos.

Dentre as ações desenvolvidas no primeiro semestre de 2017 destacamos as seguintes:

- ✓ acompanhamento psicossocial a gestantes com o “Grupo Papo de mãe”, baseado em terapias e orientações acerca da gestação, amamentação e principais mudanças psicológicas/emocionais que por ventura a futura mãe passar; oferta de kits higiênicos para os recém-nascidos e demais orientações acerca da garantia de direitos;
- ✓ atendimento psicossocial a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade;
- ✓ cadastros do Bolsa Família e informações referentes a concessão de benefícios sociais;
- ✓ garantia dos direitos do idoso através da emissão e confecção da carteirinha do idoso como documento oficial para descontos em transportes intermunicipais;

- ✓ oferta do Benefício de Prestação Continuada (BPC) a pessoa deficiente ou idosa em consonância com a legislação vigente (Art 203 da Constituição Federal e Lei 13.146/2015).
- ✓ implantação do Programa Criança Feliz do Governo Federal que visa propiciar o desenvolvimento de crianças entre 0 e 6 anos através do fortalecimento dos vínculos familiares por meio de visitas domiciliares por profissionais especializados.

O Programa Criança Feliz foi criado em 2016 e coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDSA). Baseado em um modelo de gestão intersetorial que visa “assegurar atenção integral às famílias a partir da articulação dos diferentes equipamentos da rede de proteção social existente nos territórios, nos campos da assistência social, saúde, cultura, educação, justiça e direitos humanos” (MDSA, 2017).

A metodologia adotada pelo programa é pautada na visita domiciliar e acompanhamento semanal de crianças de 0 a 3, crianças portadoras de necessidades especiais beneficiárias do Benefício de Prestação Continuada (BPC) de 0 a 6 anos a cada quinze dias e gestantes a cada mês. O objetivo das visitas é acompanhar o desenvolvimento das crianças e fortalecer os vínculos familiares orientando acerca da importância do carinho e do afeto na primeira infância, assim como a importância de uma gestação tranquila e cuidados necessários para o desenvolvimento do bebê.

O Programa Criança Feliz do município de Sumé-PB atende semanalmente 86 crianças com idades entre 0 a 3 anos, quinzenalmente uma criança com 4 anos beneficiária do BPC e 13 gestantes mensalmente. As ações desenvolvidas pelo programa constituem-se em atendimentos domiciliares tanto na área urbana, quanto na área rural, que são delimitadas por condições de vulnerabilidade social.

A cidade de Sumé está localizada na microrregião do Cariri Ocidental, a 260 km da capital paraibana. Possui uma área de 838,071 (km²) e uma população estimada em 16.691 habitantes. Em 2010 apresentou um IDH de 0,627, apresentando melhorias consideráveis nos aspectos

de longevidade, renda e educação. Seu clima é basicamente semiárido, inserida no Bioma Caatinga. Sua economia é voltada basicamente para a agricultura familiar, alguns pontos comerciais e para o serviço público (IBGE, 2018).

No município, há **2.808 famílias** beneficiárias do Bolsa Família, o que equivale, aproximadamente, a **37,39%** da população total do município, e inclui **1.474 famílias** que, sem o programa, estariam em condição de extrema pobreza (MDSA, 2017). Até novembro de 2017, do total de famílias cadastradas, havia sido repassado.

O trabalho desenvolvido pela equipe tem buscado orientar as famílias cadastradas sobre os objetivos propostos pelo programa através de dinâmicas que estimulem a coordenação motora da criança, a oralidade, o fortalecimento dos vínculos familiares e dos laços afetivos, assim como, prestar informações acerca da garantia de direitos.

No segundo semestre deste ano efetuou-se o diagnóstico socioeconômico das 33 famílias, possibilitando assim um conhecimento mais amplo sobre o público atendido. Neste sentido, consideram-se satisfatórias as ações desenvolvidas até o momento, pois tem sido notório um envolvimento mais afetivo entre pais e filhos nas dinâmicas desenvolvidas a cada semana. Com a criança especial tem se percebido a sua evolução em diversos aspectos, o que é um reflexo do constante esforço de sua família em possibilitar uma melhor qualidade de vida. As gestantes são encaminhadas a fazer parte da terapia de grupo “Papo de mãe”, promovido pelo CRAS no intuito de orientar sobre a importância de uma gravidez saudável.

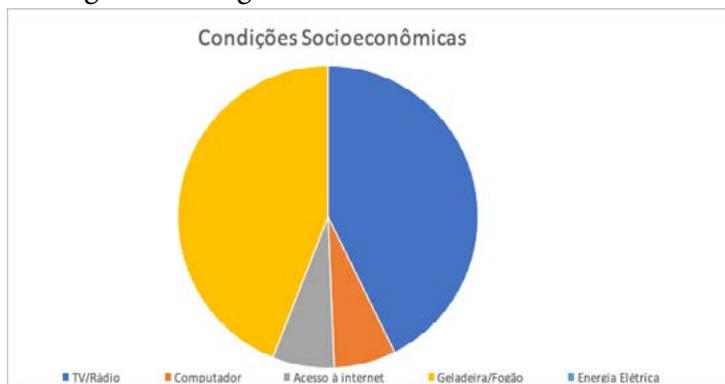
Em linhas gerais, busca-se fazer os encaminhamentos necessários à equipe técnica do CRAS no que se refere a direitos básicos que em algumas circunstâncias não se expressam na vida das famílias. Sobre este aspecto, destacamos o fornecimento de leite às famílias da zona rural, cuja oferta é do PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) ofertado pelo Governo do Estado e implantado no município em concordância com a Secretaria Municipal de Assistência Social.

FIGURA 04: Entrega de Leite a famílias cadastradas no Programa



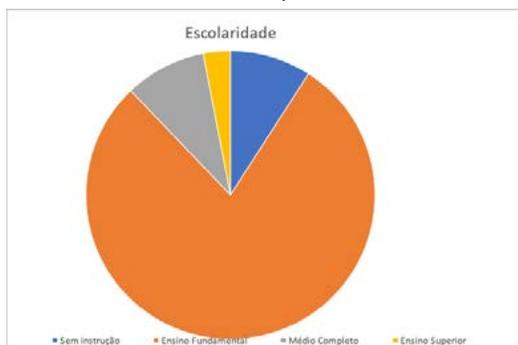
Fonte: Acervo pessoal.

A amostra da pesquisa foi constituída a partir do atendimento de 33 famílias residentes no Bairro de Várzea Redonda, Mandacaru e Assentamento Mandacaru do sítio Feijão, área rural de Sumé, localidades nas quais se observou aspectos socioeconômicos e características territoriais conforme os gráficos a seguir:

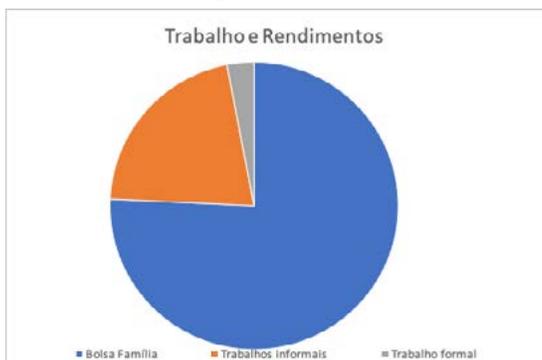


As aspectos socioeconômicos observados levaram em consideração o acesso a meios de consumo como TV e rádio, computador, acesso à internet, geladeira e fogão e, evidentemente, energia elétrica. Constatou-se que o público analisado, em sua abrangência, possui acesso à energia e à geladeira, assim como ao fogão. Aproximadamente 1/3 possui computador

e acesso à internet. Apenas uma pessoa não possui televisão e rádio, visto que ambos os itens estão quebrados, impossibilitando o uso. O que restou a família foi um radiozinho pequeno que funciona a pilha, que a família liga apenas para ouvir as notícias do jornal da cidade.



No que se refere ao nível de escolaridade, apenas 1% da amostra analisada frequenta o ensino superior; 3% é considerada sem instrução. A pouca ou nenhuma escolaridade, muitas vezes, é conduzida pelos pais que orientam seus filhos à lida na roça e às técnicas de cultivo – sobretudo de lavouras como milho e feijão – desde muito cedo, para contribuir para o sustento da família, geralmente numerosa. Uma outra fração, de 3%, chegou a frequentar o ensino médio e estão inseridos no mercado de trabalho, seja em atividades formais, seja em atividades informais. E mais de 60% frequentou apenas o ensino fundamental, sem conseguir concluí-lo, em decorrência de gravidez e da construção familiar.



Nos aspectos trabalho e rendimento, cerca de 70% vive exclusivamente do Bolsa Família, com uma composição familiar de cerca de 5 pessoas, 10% desenvolve atividades no trabalho formal, com contrato assinado no serviço privado, neste caso, a família não é beneficiária do Bolsa Família e sim do BPC (Benefício de Prestação Continuada) em decorrência de criança portadora de paralisia cerebral. E aproximadamente 20% desempenham atividades remuneradas informais, constituídas geralmente por atividades domésticas (fazer faxina, lavar e passar, cozinhar) e serviços braçais na agricultura (arado e lida com caprinos ou ovinos).



Sobre os aspectos de saneamento básico, destaca-se o fato da maioria das famílias serem abastecidas pelo serviço de água encanada, fornecido pela Companhia de Águas e Esgotos da Paraíba (CAGEPA). Esta maioria por sua vez, abrange a área urbana da cidade, enquanto a área rural, geralmente é abastecida por carro-pipa e armazena a água em cisterna, pois não tem havido nos últimos anos a incidência regular de chuvas, o que tem comprometido não somente o consumo humano, mas também modificado toda a paisagem e a agropecuária.

Assim, a ação desenvolvida pelo Programa Criança Feliz tem se mostrado bastante exitosa no que tange ao conhecimento das realidades sociais na qual as famílias assistidas estão inseridas; e à possibilidade

de intervir em cada uma delas mediante os serviços socioassistenciais que prezam pela garantia e acesso aos direitos fundamentais de cada de cidadão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS)**. Brasília: Distrito Federal, 7 de dezembro de 1993.

_____. **Política Nacional de Assistência Social. PNAS/ 2004**. Brasília: DF, 2005.

_____. IBGE. **População do Brasil**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. IBGE. Cidades. População Sumé – PB. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sume/panorama>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Relatório Completo do Bolsa Família e Cadastro Único**. Disponível em <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>>. Acesso em 20 jan. 2017.

ONU. **Objetivos de desenvolvimento do Milênio**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/tema/odm/>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado**. – Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

2 A COMUNIDADE ESCOLAR VIVENDO COM A POBREZA: trajetória de vida de professores da escola américo falcão – Lucena-PB

*DÉBORA DA CONCEIÇÃO SALES DA SILVA
deborapoetisa@gmail.com*

INTRODUÇÃO

O objetivo desse estudo é entender como vive a comunidade escolar diante da pobreza e desigualdade social, relacionando o passado ao presente de profissionais das escolas. O conceito de pobreza varia de pessoa para pessoa e depende do nível e da forma de vida. Para Crespo e Gurovitz (2002), a percepção da pobreza no que se refere ao conceito relativo é uma abordagem de cunho macroeconômico, que tem relação direta com a má distribuição de renda, assim como o conceito de pobreza absoluta.

Segundo Arroyo (2014), a pobreza se faz presente em todo lugar, em toda sociedade. Infelizmente este mal existe e é realidade de muitos. A pessoa pobre sofre muito, e se sente inferior, pois a pobreza o exclui, denigre a imagem, e é reproduzida muitas vezes na própria escola.

Pobreza é a ausência do que uma pessoa necessita para viver, ou seja, é quando uma pessoa não tem nada para se alimentar; para esta pessoa, falta o necessário para sua sobrevivência. No dicionário Aurélio digital, pobreza é o estado de pobre. Segundo Amartya Sen (1999) a pobreza pode ser definida como uma privação das capacidades básicas de um indivíduo e não apenas como uma renda inferior a um patamar pré-estabelecido.

PERFIL E TRAJETÓRIA DE VIDA

Débora da Conceição é professora e iniciou sua trajetória escolar aos cinco anos de idade. Até o 5º ano estudou na mesma Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Américo Falcão, na cidade de Lucena/PB. A partir do 6º ano ela foi para a Escola Estadual Isaura Falcão de Carvalho, na mesma cidade. Com a greve dos professores estaduais no ano de 1989, a escola, no ano seguinte, não voltou às aulas.

Desse modo, ainda na pré-adolescência, ela foi morar com os tios em João Pessoa para poder estudar. No bairro de Jaguaribe, no antigo ABC, hoje Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Pedro Augusto Porto Caminha (EEPAC), ela concluiu o 7º ano, na época 6ª série, e iniciou o 8º ano, na época 7ª série. Débora teve que voltar para Lucena, pois sua mãe adoecera de repente e precisou fazer uma cirurgia. Sendo assim, a aluna com 12 anos de idade foi estudar em Cabedelo (cidade mais próxima de Lucena), na escola Imaculada Conceição, que hoje não existe mais.

No ano seguinte, a escola estadual de Lucena voltou ao seu funcionamento. Com isso, Débora voltou a estudar em Lucena, local onde concluiu o Ensino Médio. No ano seguinte não fez universidade, pois queria fazer teologia antes. Até a conclusão do Ensino Médio estudou em escola pública, nunca estudou em escola privada, porque os seus pais não tiveram condições financeiras e sim muitas dificuldades, mas com muita fé e luta, nunca deixaram passar sequer um dia de fome. Sempre acontecia um milagre.

O LOGOS, antigo pedagógico, foi realizado também em Lucena, e a professora formadora era a mesma que alfabetizou Débora em sua infância. Débora tinha o curso, mas nunca pensou em iniciar a sua vida profissional como professora. Até surgir na cidade de Lucena um concurso para professor sem a exigência do ensino superior. Com o antigo pedagógico, Débora fez o concurso e passou em 2º lugar. Aprovada foi para Lavras, em Minas Gerais, para o treinamento, e no mês seguinte iniciou sua vida profissional na Alfabetização Solidária.

Até hoje tem a maior admiração em alfabetizar. No ano conseqüente, o prefeito de Lucena a contratou para lecionar geografia, e trabalhou o primeiro ano sem ter formação superior. Depois, surgiu a oportunidade de fazer Graduação na Faculdade Vale do Acaraú, onde passou 4 anos estudando, concluindo em 2008 o curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, e no mesmo ano iniciou a Pós, sendo aprovada na seleção de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

Ainda estudando, perdeu o contrato de Lucena, porque não votou no candidato do prefeito. Essas coisas não deviam acontecer, mas são normais em cidades pequenas. No ano seguinte, foi chamada para lecionar no Ágape, uma escola particular do maternal ao 5º ano. Depois, foi lecionar na Escola Municipal de Lerolândia, zona rural de Santa Rita - PB, onde trabalhou com crianças e jovens do 6º ao 9º ano. Dois anos depois, quando o prefeito de Santa Rita teve que descontratar alguns funcionários, foi chamada para um novo trabalho, também do 6º ao 9º ano, na Prefeitura Municipal de João Pessoa.

No ano de 2010, já graduada e especialista em Educação Profissional pela UFPB, foi aprovada em 1º lugar no Concurso Público da Prefeitura de Lucena e convocada no ano seguinte, onde trabalha até hoje na Escola Municipal Américo Falcão, lecionando Ciências nas turmas do 6º ao 9º, a mesma escola onde começou a sua trajetória escolar.

Nesta busca por estabilidade, também passou em 2 concursos do Estado, sendo que no primeiro ficou em 3º lugar e não foi chamada, e no segundo, a banca responsável não aceitou sua Pós-Graduação, e sem os títulos não conseguiu entrar na segunda etapa do concurso. Débora já lecionou na Escola Técnica de Saúde da UFPB, no PRONATEC, foi tutora à distância do Curso de Ciências Biológicas da UFPB/EAD durante 4 anos e 6 meses, foi tutora presencial do curso de Letras Língua Inglesa e atualmente é tutora presencial do curso de Letras Língua Espanhola da UFPB/EAD. Foi professora do PROEJA nos cursos de Agroindústria e Agropecuária da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba.

A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Américo Falcão recebeu novamente a Débora Sales, só que dessa vez como professora

efetiva, e hoje a escola mudou bastante, cresceu, e nela foram construídos novos blocos educacionais de qualidade, com ginásio, refeitório adequado e as salas climatizadas. A escola é o local onde se iniciou e está sendo escrita a história da professora, que buscou em sua trajetória mudar sua vida, onde a pobreza esteve presente no passado, mas com dignidade, perseverança e cidadania conseguiu hoje superar. Como ela cita: “Graças a Deus que foi meu guia, e aos meus pais, os meus maiores professores...”. “Também sou grata a alguns professores que passaram por minha vida, como: dona Amara Lira, Zuleika (*in memorian*), tia Sônia, Maria do Socorro, Carlos Vale e Beethoven.”

Diante desses relatos é importante frisar como é importante a educação familiar. E o maior problema da aprendizagem e falta de educação por parte dos alunos são trazidos de casa, de lares desajustados, de conflitos e da falta de amor. Problemas que muitas vezes são depositados para que unicamente o professor resolva, estes problemas que são de todos, ou seja, toda comunidade escolar, inclusive os pais, que não estão excluídos desta comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação pode ser formal ou informal. Existe a educação na qual construímos conhecimento com ajuda de professores; e existe a educação passada de pais para filhos. Mas e o papel da escola? Onde a escola entra em cena?

O papel da escola é fazer com que o aluno possa construir saberes unindo estas educações. Mesmo diante da defasagem que os alunos trazem de casa para escola, e que na grande maioria atrapalha e afasta destes a possibilidade de produzir. Muitos problemas familiares prejudicam o desejo e a determinação do aluno para produzir saberes. A escola deve, em primeiro lugar, fazer com que toda comunidade escolar produza junto ao aluno, ou seja, do porteiro ao diretor, do aluno ao professor, todos pela educação.

Desta maneira a educação vai ter sucesso. Cada um deve deixar seu moralismo de lado, e começar um tratamento humanitário para todos, onde cada um se coloque no lugar do outro, produzindo projetos que visem políticas públicas, transformando o espaço escolar em um ambiente de paz e prazeroso tanto para o professor, quanto para o aluno e a comunidade escolar, visando alcançar também e principalmente os pais dos alunos.

O curso de Aperfeiçoamento em Educação, Pobreza e Desigualdade Social ajudou a perceber e entender que na escola onde trabalho a gente precisa discutir mais sobre ações e metas que possam ajudar a comunidade a superar a pobreza que se faz presente em todos os lugares.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Por que pobreza? Educação e Desigualdade Social:** os coletivos empobrecidos repolitizam os currículos. Rio de Janeiro: Futura, 2014. Pg. 89.

CRESPO; GUROVITZ. **A pobreza como um fenômeno multidimensional.** RAE-eletrônica, Volume 1, Número 2, jul-dez/2002.

DICIONÁRIO AURÉLIO [online]. **Pobreza.** p. 1618.
Disponível em: < <http://dicionario-aberto.net/dict.pdf> > .
Acesso em: 11 jul. 2018.

SEN, Amartya K. **Desenvolvimento como Liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

3 NARRATIVA DE VIDA: superação de uma difícil realidade de pobreza

EMANOEL JOSÉ DUARTE
emanoel-je@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Irei expor a minha vivência e as dificuldades enfrentadas por mim durante toda uma trajetória de vida e como foi a saída da linha de pobreza. Nasci em 18 de maio de 1983, no dia 1 do mês de março do ano 2002. Servi no Exército Brasileiro. Casei-me na data de 15 de março do ano de 2011. Trabalhei na Usina Monte Alegre de 20 de novembro do ano de 2002 a 15 de Janeiro de 2015, onde iniciei como serviços gerais. Após 5 anos, passei a exercer a função de Encarregado de Lubrificador no horário diurno e, depois, a função de Fiscal de moagem. Em março de 2015 concluí a licenciatura em Matemática. No mês de agosto comecei a atuar como professor de matemática no Programa Projovem Urbano.

O início na educação do Ensino Fundamental I foi na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Francisca Almeida, situada na cidade de Mamanguape, onde estudei do ano de 1993 ao ano de 1996. Lá os professores eram muito bons e me incentivaram bastante para que eu não desistisse dos estudos, mesmo eles sabendo que era grande a dificuldade de estudar da maioria dos alunos. A direção escolar exigia que os alunos só entrassem na escola de calça comprida e sapato fechado, mas não levavam em conta o local onde a escola estava situada. Uma comunidade carente e de classe baixa, onde a população sobrevivia com muito menos que um salário mínimo. Os alunos, em sua maioria, não tinham condições de comprar esse tipo de fardamento por que eram caros e o governo não fornecia, muitos só usavam porque recebiam doações da igreja católica.

VIVÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL E AS DIFICULDADES DE PERMANÊNCIA NA ESCOLA:

O início do fundamental II foi muito difícil, pois percorri várias escolas do município e em nenhuma delas havia vagas disponíveis. Diante dessa situação, em 1997, busquei uma vaga na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Luiz Gonzaga Burity, na cidade de Rio Tinto, onde só estudei a 5ª série, pois estava muito difícil o transporte. A prefeitura havia retirado o ônibus dos estudantes, e, para poder continuar meus estudos, eu tinha de ir para a escola de bicicleta, em pleno meio-dia. Eu percorria em média 15 km de ida e volta, num intervalo de tempo de aproximadamente uma hora e meia por dia, de segunda a sexta, pois não tinha condições financeiras de pagar a passagem no transporte público. A minha família, por ser de baixa renda, não podia retirar da alimentação para investir em passagem, a situação era tão precária que não dava para comprar ao menos um caderno. Segundo Adir Valdemar Garcia [et al.] (2017):

O acesso à educação sempre foi um elemento central no âmbito da luta por direitos. Afinal, é corrente a compreensão de que a educação é um dos instrumentos fundamentais para a saída da condição de pobreza, quando não, o principal. (Adir Valdemar Garcia [et al.] 2017, p. 17).

Para conseguir comprar meu material escolar e vestuário eu pegava frete na feira aos sábados. Saía de casa às 03:00 horas da madrugada e ia ajudar a montar os bancos de feira e tentar transportar a feira do pessoal de classe média e média alta que ia fazer suas compras por volta das 05:00 horas da manhã. De segunda a sexta, no horário da manhã, eu fazia 'biscate' de auxiliar de pedreiro. Vários dias eu me deparava com os armários todos vazios, minha mãe e meus irmãos não tinham nem o que comer. Foram momentos difíceis, minha mãe, por ser doméstica e estar desempregada, chegou a pensar até em tirar sua vida, pois não sabia mais o que fazer ao ver os seus filhos pedindo o que comer e ela não ter.

Minha mãe trabalhava muito para que nenhum de seus filhos morresse de fome e eu, como o mais velho dos irmãos, não conseguia fazer muito para ajudar, pois, o que eu ganhava na feira ainda era muito pouco. Foram momentos de muito sofrimento na minha vida, momentos que eu não me envergonho de contar porque eu sei que sou um vencedor, por passar por tantas situações difíceis e até hoje não desistir, enquanto muitos que não passaram e nem passam por dificuldades, tendo na maioria das vezes tudo do bom e do melhor, só sabem reclamar e não tem coragem de lutar e vencer na vida.

A pobreza, sem dúvida alguma, é a mais perceptível forma de degradação da condição humana, uma vez que coloca claramente aos olhos de toda a sociedade um conjunto imenso de pessoas desprovidas de bens, excluídas socialmente e privadas de cidadania. (Adir Valdemar Garcia [et al.], 2017, p. 25).

Após várias tentativas para conseguir estudar na minha cidade, resolvi ir fazer minha matrícula às 03:30 horas da manhã, sabendo que existia a possibilidade de não conseguir uma vaga. Foi muito difícil, mas eu consegui uma vaga na Escola Senador Rui Carneiro, em Mamanguape, no ano de 1998, onde estudei até o ano de 2000, concluindo assim o ensino fundamental II nesta escola.

A MUDANÇA PARA JOÃO PESSOA, A CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO E O INGRESSO NO ENSINO MÉDIO

No final do ano de 2001 fui morar com meu tio, 2º Ten. Duarte, na cidade de João Pessoa - PB, com o sonho de servir ao Exército Brasileiro. Fui incorporado no dia 1 do mês de março do ano 2002, esse foi meu melhor momento enquanto jovem, pois ali eu me sentia bem e esquecia um pouco das dificuldades que enfrentava na vida. Por falta de verbas no Ministério da Defesa, fui licenciado do Exército no dia 31 do mês de julho do ano de 2002.

Mesmo exercendo o serviço militar obrigatório, eu não deixei de estudar, pois havia uma escola bem próxima ao batalhão onde frequentei o 1º ano do ensino médio com bastante dificuldade.

Após sair do Exército, ficou difícil permanecer na casa do meu tio sem emprego, sentia-me um intruso e resolvi voltar para Mamanguape e continuar meus estudos na Escola Estadual Professor Luiz Gonzaga Burity no horário noturno, pois só assim poderia tentar conciliar o trabalho e o estudo. Esta fase de ensino foi um pouco conturbada, pois os professores faltavam muito, e eu não tinha tanto tempo para estudar.

No ano de 2003, comecei a trabalhar no horário de moagem, que era 12 horas de trabalho, por 24 horas de folga, e por conta disso, comecei a faltar na escola, dificultando mais ainda o meu aprendizado. Mesmo assim, eu ergui a cabeça e não desisti.

Concluí o ensino médio no final do ano de 2003, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Luiz Gonzaga Burity. Foi um momento muito especial para mim, pois com tantas dificuldades enfrentadas na minha vida, eu consegui alcançar mais um objetivo.

Após a conclusão do ensino médio, não fiz o vestibular e parei os estudos, porque resolvi me dedicar à carreira profissional na empresa em que trabalho. Nas palestras, era dito aos funcionários que vestissem a camisa da empresa, pois havia vários encarregados observando a todos os funcionários, e caso percebessem a sua qualidade dariam, então, a oportunidade de crescimento. Eu, inocentemente e sem experiência, acreditava em tudo que era dito nessas palestras da empresa.

Alguns colegas de trabalho sempre, em conversas, comentavam que a melhor e mais bem remunerada profissão era a de encarregado. A partir desse momento eu tracei um objetivo na minha vida que seria alcançar o cargo de encarregado. Enfrentei bastante dificuldade para conseguir realizar esta meta, pois existem muitas pessoas que não colaboram para o crescimento do próximo, e por conta disso muitos só sabiam desvalorizar o que eu fazia.

No ano de 2004 eu tive duas grandes surpresas na minha vida, uma delas foi o nascimento do meu filho Kauã, no dia do mês de julho, fruto de

um relacionamento que tive com uma garota, e a segunda foi o nascimento da minha filha Emanoelli, no dia 17 de Setembro, com a minha atual esposa. Quando recebi a notícia que iria ser pai de dois filhos no mesmo ano, fiquei sem saber o que faria da minha vida, como vou manter dois filhos? Sendo eu um rapaz novo, com perspectiva de um futuro melhor, mas na época ainda sem uma profissão comprovada na carteira de trabalho.

Após descobrir que teria duas despesas a mais no meu orçamento, decidi ganhar um dinheiro extra e colocar em prática o que havia aprendido na época que estava no exército. Fiz um investimento e comecei a fabricar produtos de limpeza como: desinfetante, detergente, amaciante, água sanitária, etc. Passei a vender de porta em porta, nos bares, restaurantes, postos de combustível e na minha residência. Comecei a perceber que o ganho ainda estava pouco e passei a vender os produtos para revenda nos mercadinhos de pequeno porte.

A demanda começou a aumentar e então resolvi comprar uma moto para fazer as entregas, não deu muito certo, pois era bastante peso para transportar em uma moto, daí comecei a sentir vontade de fabricar perfumes e cosméticos e iniciei cursos de como fabricar perfumes e cosméticos em geral. Assim, iniciei a produção de perfumes. A princípio para uso pessoal, os amigos gostaram e pediram para que eu fizesse para eles também.

O RETORNO AOS ESTUDOS E O INGRESSO NA UNIVERSIDADE

Após cinco anos dentro da empresa consegui ser promovido, mas o aumento no salário ainda era muito baixo, daí a ficha caiu e eu descobri que não valia tanto me dedicar nessa carreira, pois a valorização não era o que eu imaginava, então decidi voltar a estudar. Mais uma barreira para ser vencida, pois já fazia quatro anos que eu estava fora de uma sala de aula. Resolvi prestar o primeiro vestibular, daí todo tempo disponível servia para revisar os conteúdos há tanto tempo esquecidos. Comecei também um cursinho pré-vestibular para ajudar a ingressar na universidade e quando abriram as inscrições para o vestibular fiz minha e tracei um novo caminho para minha carreira, que seria ser professor de matemática.

Não consegui passar no primeiro vestibular, mas foi bom fazer as provas para saber quais disciplinas eu precisaria estudar mais, para poder passar no próximo, e tentei novamente acreditando que um dia chegaria a minha vez. Logo veio o segundo vestibular que abriu as portas para mim, passei na primeira chamada, na 17ª colocação, foi um momento de grande alegria na minha vida, pois todo sacrifício foi válido.

Ao iniciar o curso de licenciatura em matemática conheci a turma e descobri, no campus VI da Universidade Federal da Paraíba, um novo horizonte, uma forma de conhecer o mundo e descobrir que o longe pode ser mais perto do que imaginamos.

O primeiro período foi o de maior dificuldade em todos os sentidos, foi um período de adaptação muito complicado, pois cerca de 60% dos conteúdos dados na sala de aula era novo para mim, o ritmo de estudo era muito além do que eu estava acostumado, além disso tinha pouca base em alguns assuntos. Nunca tinha visto no meu tempo de ensino fundamental e médio tanto conteúdo complexo.

A cobrança dos professores era grande, mas a maioria entendia que a escola pública não tem um ensino de qualidade e que são poucos os educadores que se preocupam com a educação dos seus alunos. Com isso eu tive que parar a venda de meus perfumes, pois não estava dando conta do emprego, da universidade e da fabricação de perfumes.

No meio do curso surgiram várias pessoas dizendo que estudo não leva ninguém a nada, que tem tantas pessoas com pouco estudo que ganha mais que certos professores formados. Por um momento eu quase acreditei na versão dessas pessoas, mas percebi que essa fala tem um erro, pois tudo que você aprende é seu e ninguém pode arrancar de você, é algo que você leva para o resto da vida.

Estou aqui, mesmo com muitas dificuldades ainda não desisti, pois acredito que o mundo é para todos, mas a vitória é daqueles que a buscam com garra e perseverança, e que você só pode ganhar algo de valor se for honestamente.

Em março de 2015 conclui a licenciatura em Matemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo diante da grande dificuldade de estudar da maioria dos alunos da minha comunidade, minha família sobrevivendo com muito menos que um salário mínimo, sem incentivo dos governantes, consegui concluir o ensino fundamental. Tinha o sonho de servir ao Exército Brasileiro e pude realizá-lo em 2002. Contudo, não desisti de estudar e enfrentei os problemas de frente. No ano de 2003, comecei a trabalhar, dificultando o meu aprendizado na escola. Mesmo assim, eu ergui a cabeça, não desisti e no final desse mesmo ano concluí o ensino médio. Em 2004 recebi a notícia que iria ser pai de dois filhos no mesmo ano, fiquei sem saber o faria da minha vida, me perguntava o que seria do meu futuro. Mas comecei a trabalhar por conta própria. Tudo isso aconteceu para que eu pudesse perceber o quanto poderia ir além, daí tracei um novo caminho para minha vida, ser professor de matemática, fiz vestibular e entrei na universidade. Não foi nada fácil terminar um curso universitário na área de exatas vindo de escola pública, mas com muita persistência consegui terminar o curso e hoje trabalho como professor de uma escola que fez parte da minha vida.

REFERÊNCIAS

Reflexões sobre a pobreza [Recurso eletrônico on-line] : concepções, enfrentamentos e contradições / Adir Valdemar Garcia ... [et al.] (organizadores). – 1. ed. – Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017. 295 p. : il. – (Educação, Pobreza e Desigualdade Social; V.1) .

4 A DESIGUALDADE SOCIAL PRESENTE EM MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA

FABIANE APOLINÁRIO DA SILVA
fabianeapolinario.silva@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu no Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social, oferecido pela Universidade Federal da Paraíba, Campus IV, e tem a finalidade de apresentar minha trajetória de vida, especialmente, como a pobreza e desigualdade social estiveram presentes na minha história. Esta desvela uma vida humilde, mas marcada por superações pessoais e profissionais.

Arroyo (2018) aponta que:

O exercício necessário para quem se dedica a estudar a pobreza e as desigualdades sociais é aprofundar-se na reflexão sobre o padrão de desenvolvimento concentrador da renda do trabalho e produtor da pobreza e da renda mínima de tantas famílias trabalhadoras. Arroyo (2018, p. 13).

Com isso, acrescento que a reflexão pode acontecer sobre nossa trajetória de vida, tão marcada por esses padrões.

Durante o Curso de Aperfeiçoamento foi possível grande aprendizagem, adquirei conhecimentos e resolvi trazê-los como reflexão e lembrança da minha caminhada, visto que reconheço que durante minha vida pessoal, de estudante e profissional, passei por situações de pobreza.

Assim, justifico minha escolha por essa linha de reflexão, ou seja, pela narrativa de minha vida, compreendendo que estou representando a

história de vida de muitos nessa sociedade desigual. Trazer à tona minhas lembranças contribui para relembrar minha origem e de como a força de vontade é fundamental para a superação.

Somos vítimas da desigualdade social e, ao refletir sobre isso, podemos compreender que não somos os culpados por nossa situação, são as circunstâncias criadas por essa mesma sociedade que nos colocam em situação de pobreza.

Este artigo irá apresentar, de forma resumida, as experiências que marcaram minha trajetória.

1 A DESIGUALDADE SOCIAL PRESENTE NA MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA

Chamo-me Fabiane Apolinário da Silva, sou filha de Lindaci e José Apolinário. Minha história foi marcada por experiências difíceis. Lembro-me que durante a minha infância enfrentamos a vida com bastante dificuldade, porque não tínhamos uma boa situação financeira, mas meus pais sempre fizeram de tudo para não deixar faltar o alimento para nosso sustento. Meus pais tinham que sustentar eu e mais dois filhos com muito esforço e dedicação.

Todos os dias quando eu chegava da escola tinha que ir para o roçado com meu pai ou minhas avós. Achava que eu estava no dever de ajudá-los, o que para mim era muito gratificante, além de ser uma grande aventura tomar banho de açude, pegar os gados com meu pai, enfim, via que era uma enorme satisfação por parte do meu pai ter a minha presença.

No tocante a minha mãe, trabalhava na escola como professora e depois foi para outra função, de telefonista. Eu achei outro meio de ajudar: aprendi fazer ligação e ainda ia dar os recados que chegavam; quando eu não estava, meu irmão ficava no meu lugar para ir dar os recados. Desde os meus doze anos trabalhava, bem como meu irmão. Para D'Alessio (1998):

História e memória têm algo em comum: ambos os termos carregam um duplo significado; história quer dizer, ao mesmo tempo, a experiência coletiva dos homens e a elaboração intelectual sobre ela; memória significa registro e armazenamento, mas também evocação do que foi registrado e armazenado [...]. A advertência é necessária. Ela nos possibilita trabalhar melhor com os dois fenômenos que, além da duplicidade de significados, aparecem indistintamente entrelaçados nos discursos do cotidiano (D'ALESSIO, 1998, p. 59-60).

Quando fui para o Ensino Médio não tinha carro para ir à escola. À noite, meu pai levava eu e meu irmão para pegar o ônibus em outro sítio, mais de 5 quilômetros de moto. Às vezes, até com muita chuva. Às onze da noite ia nos buscar. Essa situação durou três anos comigo e mais um ano com o meu irmão, por isso foi um estudo muito sofrido. Mas consegui enfrentar, pois sempre tive o incentivo dos meus pais para concluir os estudos.

Desde a conclusão da minha primeira formação, sempre dediquei todo esforço ao meu pai (saudoso) que não teve uma infância e criou os filhos com muita dedicação. Posso dizer que meu pai foi um guerreiro. Só estudou até a antiga quarta série, mas tinha conhecimento advindo da experiência de vida, algo que nem todos têm, nem mesmo os que possuem um grau de escolaridade maior. Ele contava como foi sua vida, com muito sofrimento, marcada pela pobreza e a desigualdade social. Diante disso, me dediquei ao estudo para dar este orgulho para o meu pai.

Os conhecimentos adquiridos na prática e na troca de experiências são considerados uma das melhores formas de aprendizagem. Mostrar a realidade com os momentos que foram vivenciados, mostrar a realidade da vida de algumas famílias, pode incentivar e até mesmo garantir que os filhos se formem. No decorrer do tempo, paramos para refletir sobre o que passamos e observamos que foi muito pouco

perto do que nossos pais passaram. Segundo Le Goff (1924, p. 9) “o interesse do passado está em esclarecer o presente; o passado é atingido a partir do presente”.

Por isso, termos que aproveitar todas as oportunidades que aparecem, por mais difíceis que sejam. O melhor é o reconhecimento de todos frente ao grande objetivo de vencer todas as batalhas que surgiram em nossa vida. Batalhas essas que estão presentes na vida de muitos brasileiros por causa da desigualdade social.

Conseguí fazer meu primeiro curso, licenciatura em biologia. Logo no ano seguinte à conclusão, cursei a pós-graduação em Ciências Ambientais, foi quando engravidei da minha filha. Depois, fiz uma inscrição na plataforma Freire e fui abençoada com o curso de Pedagogia na UEPB em Guarabira-PB. Meu sonho é fazer o mestrado na área de educação ou botânica. Toda essa vontade vem da inspiração que tenho do meu pai, como já mencionei, não porque ele teve uma formação, mas pelo incentivo que nos deu para o estudo.

Todo dia saía para Universidade ou para o trabalho com o pensamento de adquirir conhecimentos e desenvolver um bom trabalho profissionalmente, enfrentar uma sociedade desigual, em muitos aspectos.

Quando entrei no curso de Pedagogia, sofri mais uma vez com a desigualdade social, porque na época minha filha estava com um ano de vida e, financeiramente, tudo que eu ganhava era para o sustento dela. O primeiro pensamento que veio foi desistir, pois não tinha dinheiro para pagar as despesas que apareciam ao longo do curso. Um tempo depois veio a doença do meu pai e ele faleceu. Por isso pensei em desistir, mas lembrava do que ele falava sobre enfrentar as dificuldades para se obter a vitória. Ao longo do tempo percebi que toda situação que me levava a querer desistir, por outro lado me impulsionava a continuar. Conforme Delgado (2003):

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica em durações, rupturas, convenções, representações co-

letivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro (DELGADO, 2003, p. 10).

É em função desses pressupostos, da vida difícil da maioria dos alunos que se encontram nas escolas públicas, que queremos participar das reflexões para a construção de uma escola que ofereça uma educação capaz de ouvir as pessoas, participando dessa realidade, discutindo-a e colocando como perspectiva a possibilidade de mudar essa realidade.

A escola precisa redimensionar o seu pensar, reformulando suas ações pela compreensão do que a comunidade escolar (entendida aqui como os alunos, pais, professores, equipe pedagógica, direção, funcionários) espera dela enquanto função social. Deparamo-nos frequentemente com inúmeras instituições tentando descrever e delinear as mazelas da escola, no entanto, nós educadores nos reservamos muitas vezes a apenas ouvi-los sem definir “publicamente” nossos anseios, interesses e preocupações.

Entendo ser necessário aos profissionais da educação assumir esse espaço de afirmação e responsabilidade frente às diferentes exigências do contexto social em que a escola se encontra inserida. Acredito no professor capaz de coordenar a ação educativa; no educando como agente sujeito participante; na escola como currículo de cultura; e na sala de aula como espaço de diálogo.

Em relação ao meu trabalho, posso dizer que se trata de uma escola ampla e uma equipe de profissionais que fazem uma educação de qualidade. Assim, venho aprendendo que a vida no cotidiano merece muito esforço, dedicação e força de vontade, porque as dificuldades financeiras são o primeiro motivo para desistir. Todavia, os objetivos e a esperança devem ser maiores que a dificuldade, que sempre vai existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo - a desigualdade social presente em minha trajetória de vida - procurei refletir e apresentar minhas memórias, por acreditar na possibilidade de nos tornarmos protagonistas no processo de busca pelos nossos objetivos, apesar das adversidades da vida e das desigualdades às quais nos submeteram.

Realizar o Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social foi uma experiência significativa para o meu processo de formação docente, constituindo-se como um momento rico e importante, em que pude evidenciar, no contexto de sala de aula, a relação dialética entre a teoria e a prática.

Nesse período de contato direto com o espaço educativo, bem como nas relações estabelecidas, o Curso de Aperfeiçoamento possibilitou refletir como se dá a existência da pobreza e da desigualdade social nos diversos contextos.

Durante o percurso do curso procurei desenvolver um bom trabalho, de forma que me sentia capaz de buscar e construir algo novo e diferente na minha caminhada docente, com mais estratégias educativas buscando oportunizar aos alunos situações desafiadoras que os levem a compreender melhor as atividades propostas respeitando o ritmo de cada aluno.

Concluir este Curso é uma nova experiência que me fez crescer como educadora, pois acredito que contribuiu de alguma maneira na formação cidadã, de forma reflexiva me fez perceber que aquilo que é dito na teoria é possível trazer para a prática cotidiana.

A partir das experiências vivenciadas, com as trocas de saberes e a aproximação com todos os envolvidos, pude acreditar ainda mais que é possível desenvolver um trabalho de parceria, que leve a uma educação mais significativa e contextualizada.

Durante as nossas atividades foi possível a conscientização para com os cuidados e a responsabilidade na vida docente. Enfim, este Curso

me fez perceber e aprimorar cada vez mais o compromisso de formar novos cidadãos.

Precisamos lutar por uma educação pública voltada para melhoria das condições de vida dos sujeitos-educandos. Portanto, os conhecimentos adquiridos foram uma forma de incentivo para descobrir novos caminhos, além de compreendermos o mundo de forma mais ampla. Portanto, foi um meio de aprendizagem e desenvolvimento de grande relevância para o processo de formação continuada.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Módulo introdutório: pobreza, desigualdades e educação.** In: Ministério da Educação – SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, 2018.

D´ALESSIO, Márcia Mansor. Memória e historiografia: limites e possibilidades de uma aproximação. In: D´Alessio, Márcia M. **Reflexões sobre o Saber Histórico: entrevistas com Pierre Vilar, Michel Vovelle, Madeleine Rebérioux.** São Paulo, Ed. UNESP, 1998. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=35&path%5B%5D=29>>. Acessado em 19.07.2018.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades.** 2003. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO,%20Lucilia%20E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf>. Acessado em: 28.06.2018.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 1924. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>. Acessado em 19.07.2018.

5 POBREZA: desafios, educação e integração social

GESSÉ VIANA DA SILVA
gessepotiguara@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo discutir a sobre a pobreza e seus desafios, bem como sobre a educação como possível mediadora no processo de integração social. Quem vive ou já viveu em situação de pobreza sabe que acordar no dia seguinte é buscar força para se superar mais uma vez enquanto pessoa, enquanto membro de uma família que precisa lutar para sobreviver. E a educação aparece como um fator primordial para amenizar o índice das pessoas que vivem em situações de pobreza, libertando e preparando essas pessoas para que consigam, no mínimo, a oportunidade de ter em suas mesas as três principais refeições diárias, com qualidade e boa quantidade, como também vestimentas, calçados, medicamentos, etc.

Faço uma reflexão sobre a precariedade da educação, pois percebi nas discussões do curso Educação, Pobreza e Desigualdade Social, o quando a educação pode ser parte da solução para diminuir a pobreza e a desigualdade social, como também pode contribuir no aumento da desigualdade social.

Portanto, é importante essa discussão para tentar encontrar meios que consigam colaborar verdadeiramente para combater essas representações que veem sempre os sujeitos da pobreza como seres inferiores que não podem ser úteis para a sociedade, nem ter uma vida digna e humanizada.

LEMBRANÇAS

A pobreza é um conceito que está sempre ocasionando debates que visam buscar uma solução para acabar ou ao menos diminuir o número

de famílias que hoje se encontram no mapa da desigualdade social por ser considerada pobre, sem condições financeiras suficientes para se inserir na sociedade privilegiada.

Sobreviver e viver e onde a pobreza predomina é simplesmente todos os dias encarar um novo desafio. Falo com propriedade sobre isso, pois já vivi e sobrevivi numa realidade pobre, em que as dificuldades eram cotidianas, em que deitar para dormir era fazer antes uma reflexão sobre o dia seguinte, sobre o que iria comer, vestir, calçar, enfim, são momentos que sem dúvidas estão na cabeça de quem vive até hoje na situação de pobreza.

Tenho algumas lembranças dos cinco aos seis anos de vida, de como a vida já era difícil. Toda família sofria com nossa situação econômica. Minha mãe teve dez filhos, e os mais velhos, a partir dos doze ou treze anos, já acompanhavam ela e nosso pai para o corte e plantio da cana-de-açúcar na usina da cidade de Mataraca - PB para que no final de semana tivéssemos, ao menos, o dinheiro para comprar alguns alimentos. Muitos dos irmãos e irmãs que começaram a trabalhar cedo perderam grande parte da infância, não tinham tempo para brincar nem tão pouco para estudar, já que não tinham condições de comprar o material básico para a escola.

Éramos obrigados a encarar desafios todos os dias, mas a educação familiar não faltou. Mesmo não sabendo ler nem escrever, o principal nos foi ensinado: que mesmo diante das dificuldades da vida, respeitar as pessoas era primordial. E assim, alguns foram ficando adultos, mudamos de aldeia, algumas irmãs foram trabalhar de domésticas na cidade de João Pessoa. Com a mudança da aldeia Cumarú para a aldeia Forte, ambas do município de Baía da Traição, começaram as oportunidades para mim e mais cinco irmãos estudarem.

Começamos bem tarde. No meu caso, estudei a primeira série, hoje conhecida como segundo ano, aos 10 anos de idade; reprovei no segundo ano, concluindo o ensino fundamental I aos 14 anos. Dois irmãos pararam ainda no segundo ano, eu e mais dois concluímos o

médio, a mais nova parou na segunda série do ensino médio, e apenas dois chegaram à universidade. Minha irmã concluiu a graduação, eu ainda estou caminhando com esperança de um dia conseguir também.

Assim como meus irmãos que desistiram, muitos outros não seguiram estudando. Acredito que não por falta de vontade, e sim por já estarem habituados à situação difícil de trabalhar na roça e em outras atividades que geravam pequenas rendas que garantiam o necessário para suprir suas necessidades momentâneas. Enquanto estudava no fundamental I, junto com outros amigos, costumávamos frequentar o lixão que era localizado na aldeia Forte, para onde era direcionado todo lixo da cidade.

Procurávamos materiais recicláveis para vender e o que encontrávamos de resto de comida, ou até produtos que vinham fora da validade, descartado por mercadinhos, comíamos, já que não tínhamos dinheiro para comprar sequer uma pipoca. Sem proteção alguma, muitos se cortavam em vidros quebrados, mas era onde podíamos encontrar algo para saciar a fome, já que em casa não tinha. A escola era precária, a merenda não ajudava muito, e passava muito tempo sem vir, e assim como eu, muitos eram os alunos que saíam de casa sem comer nada, se comia, era bem pouco.

Recordo-me que os livros que a escola nos dava, carregava em sacolas plásticas, como aquelas usadas nos supermercados. Se já era difícil ter o que comer, imagine ter uma mochila para carregar os materiais escolares. As sandálias quebravam e até os pais terem condições de comprarem outra, ou conseguíamos fazer um remendo, ou ia estudar descalço.

Tudo isso fazia, e ainda faz parte, do dia a dia de uma grande parcela da população brasileira. O pobre, antes de se preocupar com aprendizado e atividades escolares, precisa se preocupar com alimentação, roupa, calçado, as obrigações com o trabalho que gerará alguma renda para manter as necessidades básicas. Embora possa parecer um desprezo do pobre pelos estudos – para quem tem condições e vê de fora – tudo isso é uma questão de pensar antes em sobrevivência, para depois pensar – se ainda for possível – em estudo.

Nesse sentido, com todas essas complexidades que envolvem a existência dos pobres, a escola precisa ser um ambiente igualmente complexo para equilibrar todas estas dificuldades que antecedem a aprendizagem dos mesmos e diminuir, ao menos no ambiente escolar, as desigualdades sociais. No entanto, o que vemos na prática é uma escola que longe de ofertar um ambiente diferente da realidade em que os alunos estão inseridos, acaba por confrontar-lhes em grande parte com situações às vezes até piores do que a sua realidade doméstica.

Isso pode acontecer de diversas formas: negando-lhe direitos básicos na própria escola, estigmatizando os alunos como preguiçosos e culpando-lhes por seu fracasso escolar, negando-lhes uma educação contextualizada e aplicável, omitindo conhecimento por acreditar que são incapazes de aprender. São várias as maneiras de minar a já ínfima autoestima de um aluno em condições de vulnerabilidade social dentro de uma escola.

Isto ficou claro para mim, ao encontrar no curso de aperfeiçoamento em Educação, Pobreza e Desigualdade Social, referências teóricas que versam sobre essa responsabilização do pobre pelo seu fracasso escolar, quando Arroyo (2013) acerta em afirmar que:

O problema desse enfoque é que, se os (as) pobres são vistos(as) como carentes e inferiores em capacidades de atenção, esforço, aprendizagem e valores, acabam sendo responsabilizados(as) por sua própria condição. São, desse modo, constantemente inferiorizados (as), reprovados (as) segregados(as) (ARROYO, 2013).

Isso é importante para nós, tanto educadores como alunos, pois nos dá um subsídio teórico sobre um sentimento intuitivo que já temos (nós alunos pobres) sobre o papel muitas vezes exclusivo e preconceituoso da escola. O sentimento de pressão e desconforto ao estar no ambiente escolar, a sensação de humilhação e incompetência quando somos confrontados com a nossa dificuldade de aprendizado, a vergonha que muitas vezes precisamos sentir ao demonstrar para outros as nossas privações econômicas.

A educação é um caminho que pode amenizar o índice das pessoas que vivem em situações de pobreza, pode até não resolver tudo, mas, é um passo para poder avançar e conquistar novas oportunidades. A educação tem um papel fundamental na transformação do homem para melhor viver em sociedade, capaz de criar, inovar, refletir sobre os seus atos e suas escolhas. Isso o possibilita analisar e argumentar e até se revolucionar contra o sistema que faz questão de gerar uma maior desigualdade social, fortalecendo a ideia de divisão de classes, em que a classe pobre não tem vez. É importante a escola oferecer um currículo que contemple e seja capaz de oportunizar ao pobre um currículo de abrangência ampla, assim como Arroyo (2013) traz em sua reflexão:

Enquanto a pobreza for pensada como uma questão moral, os currículos para os(as) pobres continuarão sendo pensados para moralizá-los(as), não para garantir o direito deles(as) ao conhecimento, às ciências e às tecnologias. Serão currículos pobres de conhecimentos e repletos de bons conselhos morais de esforço, trabalho, dedicação e disciplina (ARROYO, 2013).

Foi a educação escolar que oportunizou tanto a mim, quanto a minha irmã, conhecimentos muito importantes, pois por sermos indígenas e irmos de uma realidade precária financeiramente, percebemos o valor que cada aprendizado tem em nossas vidas. Os desafios não ficaram para trás, pois até concluir uma graduação não paramos de lutar, já que muitas pessoas acham que indígenas não deveriam estar na universidade, ou seja, além da dificuldade financeira desde o início dos estudos no Fundamental I, nos deparamos com o preconceito racial nas instituições de ensino superior.

A educação é capaz de abrir novas portas, de libertar as pessoas para aprender cada vez mais, de conscientizar e colaborar diretamente para uma sociedade mais justa e igualitária. Foi a partir do processo de alfabetização que começou a minha trajetória estudantil, uma história de luta e resistência, na qual a educação familiar e escolar fez com que

me sentisse mais preparado para encarar a vida acadêmica, para lidar com os elogios e as críticas vindas das pessoas integrantes da sociedade não indígena.

Ao chegar ao ensino superior as dificuldades econômicas ainda atrapalhavam muito, pois quando passei para cursar Licenciatura em Computação na cidade de Rio Tinto-PB, minha irmã já estava cursando Licenciatura em Pedagogia há seis meses, e as condições para nos manter na Universidade Federal da Paraíba-UFPB eram poucas. Nossos pais não tinham condições para manter um filho na universidade, imagine dois. A prefeitura de nossa cidade não disponibilizava transporte, não existia carteira de estudantes, nem o restaurante universitário funcionava na época. Com isso, reprovei muitas disciplinas por falta, pois não tinha dinheiro para pagar passagens, ou me alimentar. Por esse motivo eu decidi deixar o curso diurno e migrar para um noturno, neste caso, Licenciatura em Pedagogia.

Sem dúvidas a educação tem um papel social fundamental, pois contribui para uma melhor convivência na sociedade e faz com que a sociedade se modifique aos poucos. É através da educação que pode haver possibilidade de uma integração social, mas esta educação ofertada precisa urgentemente incorporar esse papel transformador e não pode ser apenas no discurso, e sim na prática real das nossas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável o quanto é difícil resolver o problema da pobreza, não só no Brasil mais no mundo. No Brasil é mais complicado ainda, já que é um país que foi construído com grande abismo entre as classes sociais, onde os pobres não conseguem viver nas grandes cidades e tão pouco conviver no mesmo espaço com alguém do alto escalão da sociedade. Aos pobres restam as ruas, favelas ou aldeias e comunidades rurais, onde tudo é difícil quando os latifúndios já tem tomado conta de tudo, oprimindo e obrigando os pequenos agricultores a deixarem suas terras. Muitos

passam a trabalhar para quem tem o poder do latifúndio. São muitos os fatores causadores da pobreza e da desigualdade social, fazendo com que o pobre cada vez mais não tenha uma oportunidade de se inserir enquanto sujeito de direito, de viver em sociedade e de se sentir humano. Portanto, ser pobre é lutar todos os dias para sobreviver nesse mundo tão desigual.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. Os coletivos empobrecidos repolitizam os currículos. In: SACRISTÁN, José Gimeno (Org.). **Saberes e Incertezas sobre o Currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

6 PAIS NEGROS E ANALFABETOS, FILHO PROFESSOR: a narrativa da vida acadêmica de Itamar Cosme

ITAMAR COSME DA SILVA
itacosmick@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Pretende-se com esse trabalho narrar uma história de persistência e de ruptura histórica, e ao mesmo tempo incentivar e encorajar outras pessoas a não se acomodarem com sua realidade social e econômica.

A pobreza em nosso país tem dois fatores que explicam - ou ao menos tentam justificar - a atual desigualdade existente no mesmo. O primeiro fator foi o tipo de colonização que tivemos, a de exploração, que segundo Freitas (2018):

[...] apenas forneciam riquezas oriundas da natureza (madeira, pedras preciosas, entre outros) e cultivavam produtos tropicais (cana-de-açúcar, café, borracha, entre outros). Em resultado a essa intensa exploração, os países latinos herdaram desse período um grande atraso socioeconômico que reflete nos dias atuais. (Freitas, 2018).

Com isso, fica claro o motivo do atraso econômico e principalmente social, não apenas do Brasil, mas de todos os países que tiveram esse tipo de colonização em comparação com os países que foram colônias de povoação, que tinham por objetivo desenvolver a terra “descoberta”, como por exemplo, Estados Unidos e Canadá, que hoje tem um padrão econômico e social bem maior que os países latino-americanos.

Outro fator que também explica a desigualdade e pobreza em nosso país foi o sistema escravocrata adotado pela Coroa Portuguesa, que promoveu a segregação racial e social entre negros africanos e brancos de origem europeia em nosso país. Sobre isso, Pessanha (2003) afirma:

Os negros africanos, trazidos da África, eram transportados nos porões dos navios negreiros. Em função das péssimas condições deste meio de transporte desumano, muitos morreram durante a viagem. Após desembarcaram no Brasil eram comprados como mercadorias por fazendeiros e senhores de engenho, que os tratavam de forma cruel e, muitas vezes, violenta. Contudo, a escravidão permaneceu por quase 350 anos.

Todo esse período em que os negros tiveram seus direitos e liberdades negadas contribuíram para que ainda hoje, boa parte da população negra ocupem os piores e maus pagos empregos, que eles estejam entre as maiores vítimas do analfabetismo no país.

Um dos motivos para escolher a narrativa de vida para a construção desse trabalho foi por ter pais negros, analfabetos e empobrecidos pela falta de oportunidade, provavelmente devido à cor.

NARRATIVA DE VIDA

Nasci e vivi até meus 5 anos de idade no interior de Pernambuco, no Município de Itaquitinga, zona rural, distante de tudo, sem água encanada e energia elétrica. Meu pai, como trabalhador rural, sustentava eu, minha mãe e um irmão. Não nos faltavam nada, de tudo se tinha, pois provinha das plantações e criações. Mas como já debatido no decorrer do curso, pobreza não é apenas a ausência de comida, mas também de cidadania, e era exatamente o que não tínhamos.

Com meus pais analfabetos, conseqüentemente este seria meu destino e do meu irmão. Entre açudes e canaviais, ficava a escola mais

próxima, cerca de uma hora de caminhada, que fazia sozinha, com precários materiais didáticos, mas com uma certeza: não queria dar sequência ao ciclo de pobreza intelectual da minha família.

Foram dois longos anos nessa rotina, aprendi a grafar meu nome e isso para a época já bastava. Até que meu pai recebeu uma proposta de emprego na Paraíba, no Município de Santa Rita, também na zona rural, porém, agora com água, energia elétrica e a escola ficava a poucos passos da minha casa. Seria o fim da pobreza? Talvez a da intelectual, mas veio a pobreza física, da fome, da necessidade.

Com meus pais analfabetos e em um lugar maior, tive de assumir responsabilidades de gente grande com apenas sete anos, fazer compras, lidar com dinheiro, e com isso, boa parte da infância perdi.

Três anos depois, meu pai foi promovido e transferido para Rio Tinto, agora para a área urbana. Tudo era novidade, pela primeira vez comi coxinha, pela qual me apaixonei, encantei-me com os carros, com o movimento da cidade, com as filas na padaria, variedade de produtos nos supermercados. Com a promoção do meu pai passamos a ter uma melhora no padrão de vida, não tão significativa, mas se comparado com o passado, bem melhor.

Em Rio Tinto, concluí meu Ensino Fundamental I na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Coutinho, no Bairro da Vila Regina. Foi uma das piores experiências que já tive, em termo educacional. No centro urbano, diferentemente da zona rural, onde todos se conheciam e se respeitavam, por ser diferente (do interior), por ser negro, e principalmente por ter sede de aprender, era constantemente vítima de hostilidade e *bullying*, o que me fez entrar em depressão por um ano.

Após esse período, de superação, de apoio psicológico, resolvi seguir em frente e determinei que nada nem ninguém iria me fazer parar de viver, de alcançar meus objetivos. Eis que chega o Ensino Fundamental II, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Luna Lisboa. Com o problema psicológico resolvido, concluo o Ensino Fundamental sempre

com destaque, melhores notas e com bons relacionamentos com alunos e professores.

Em 1997 chego ao Ensino Médio, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Luiz Gonzaga Burity, o sonho de qualquer estudante da época, uma escola de referência em todo Vale do Mamanguape, na qual, hoje, faço parte do corpo docente. Nessa instituição de ensino tive a oportunidade de realmente me identificar como estudante, de fazer parte do grêmio estudantil, de exercer a política dentro da escola.

Em 2003, inicio meu curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Trabalhei por oito anos (enquanto cursava o Ensino Fundamental e Médio) para que pudesse me manter enquanto cursava o Ensino Superior, sendo o único negro na sala de aula com 30 alunos. O que fiz? Tentei me destacar e representar da melhor forma possível os demais negros invisibilizados pela sociedade. No segundo ano de curso, consegui uma monitoria e uma bolsa de Iniciação Científica.

Em 2007, ano de conclusão da graduação, corri atrás de escolas para lecionar e tive a oportunidade de trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos. Confesso que aprendi a aprender com eles, uma experiência enriquecedora, foi na prática que conheci a real Pedagogia de Paulo Freire, trazendo para a sala de aula a realidade dos alunos.

Senti a necessidade de me especializar na Educação de Jovens e Adultos e em seguida em História do Brasil. Atualmente, leciono na rede privada e estadual de ensino, mas sempre abordo em meus projetos e aulas a questão da pobreza, não apenas material, mas também intelectual.

Para entender melhor a educação, estou concluindo o curso de Pedagogia como forma de buscar os meios de ajudar a despertar nas pessoas o desejo da descoberta do saber, da compreensão do cotidiano, ajudá-las a não se conformar com a situação que foi imposta pela sociedade dominante em nosso país.

É dever do Estado garantir e assegurar a frequência e permeância dos estudantes do ambiente escolar, em qualquer modalidade. Apenas

desta forma será possível diminuir a desigualdade social, através da educação. Como diz Leite (2014):

Mudar a legislação foi um passo importante para garantir direitos a crianças e jovens em situação de pobreza, mas não pode ser o único. Nesse sentido, como afirmam Dayrell (2003) e Arroyo (2004), é necessário quebrar imagens que tendem a analisar e compreender as crianças e os(as) jovens pelo que eles(as) não são, ressaltando as características que lhes faltariam para corresponder a um determinado modelo de ser criança ou jovem. Essa visão impede uma apreensão dos modos pelos quais crianças e jovens, principalmente das camadas populares, constroem as suas experiências, e impossibilita que se capte suas demandas (Leite, 2014).

Muitas dificuldades fazem com que os estudantes mais pobres desistam de sua vida acadêmica, seja por falta de incentivo familiar, governamental ou até mesmo pela falta de perspectiva de futuro. Espelhados em familiares, por exemplo, nos pais, podem não ver a necessidade, muito menos a utilidade da educação no cotidiano em que eles e as famílias se encontram. Foi o que pudemos perceber no vídeo *Ciço*, disponibilizado pelo Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social. Para Sousa, (1984):

Ciço, assim, faz uma distinção entre educação e escolarização. Ele sabe que, nesse saber esparramado, existe um processo educativo que pode não ser estudo, mas tem uma aprendizagem: “Agora, nisso tudo tem uma educação dentro, não tem? Pode não ter um estudo. Um tipo dum estudo pode ser que não tenha. Mas se ela não sabia e ficou sabendo é porque no acontecido tinha uma lição escondida.” (SOUSA [CIÇO] apud BRANDÃO, 1984, p. 7 et seq.)

Com isso, para *Ciço*, a escola formal não se constitui em único e exclusivo local de aprendizagem. Muitas vezes a permanência nas escolas

é algo imposto, para o mesmo, a educação familiar tem sua importância no processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social me deu a oportunidade de fazer o debate e a reflexão sobre processos de educação envolvendo sujeitos que vivem na pobreza ou na pobreza extrema. Também fez com que me tornasse mais humano com o próximo, para que pudesse vislumbrar de forma diferente políticas públicas presente/futuras para a formação de cidadãos e cidadãs capazes de enfrentar os desafios postos nos dias atuais.

A universalização da educação básica no Brasil nas últimas décadas trouxe o desafio de formar pessoas críticas de sua condição social, e não pessoas que sejam consideradas letradas apenas por saberem assinar o nome.

Como sugere Mattos (2003):

A construção do conhecimento se dá de forma contínua e progressiva, por isso é de muita importância estar sempre buscando novos conhecimentos e informações em todas as áreas de conhecimento e principalmente em no que se refere ao lado profissional. Nesse sentido venho ressaltar a importância na busca de informações sobre a educação e as dificuldades encontradas pelos profissionais da área. A pobreza é um dos fatores que dificultam o acesso a educação e a oferta da mesma de boa qualidade, devido as limitações encontradas pelos profissionais. Mas a palavra pobreza não está apenas ligada a limitações de bens materiais, mas sim a pobreza de espírito e a forma como se encara as limitações impostas no dia-a-dia. Podemos ver através do curso, que o que é pobreza para uns, não é considerado pobreza para outros e que mesmo muitos indivíduos não sendo considerados pobres de (bens materiais), não tem uma boa educação, pois a educação é uma responsabilidade apenas da escola, mas sim, de casa, do meio e etc. (MATTOS, 2003, p. 58).

Nesse sentido, é importante refletir sobre as políticas educacionais voltadas para o desenvolvimento de uma educação de qualidade para os imbuídos no processo educacional e incluir os que estão fora desse processo. É notória a discussão em fóruns, seminários, colóquios etc., sobre pobreza e desigualdade social, não como um problema puramente técnico ou explicado pelas condições individuais de cada sujeito, mas como um problema de caráter estrutural, socialmente constituído e não “natural”. Como tal, entendemos que não se trata de um problema que possa ser resolvido no interior da própria ordem social que o gera.

Os dados sobre a pobreza podem até ter demonstrado uma diminuição no passado recente, mas estamos longe da possibilidade de erradicá-la, muito menos de seu efetivo controle, como se pode verificar pela consideração do que ocorre em momentos mais agudos de crise, como os atuais.

Finalizo afirmando que precisamos nos reinventar para que possamos ter uma educação de qualidade, voltada não só para os que já estão incluídos, mas também para os excluídos, ou seja, para aqueles que vivem numa sociedade excludente.

Assim, precisamos lutar, sobretudo, por uma educação inclusiva, que possa ressignificar os valores da igualdade e da justiça para todos, de modo que possamos resistir às injustiças e nos tornarmos fortes para vencer a batalha do dia a dia.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Martins. **A Educação salva**. Calixto: São Paulo, 2018.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez; OLIVEIRA, Fernanda Silva de. **A atualidade do pensamento de Paulo Freire e sua contribuição para a educação no Brasil**. Paideia, ano 9, n. 13, p. 43-56, jul./dez. 2012.

MATTOS, Carlos Alberto. **Em busca da voz legítima.** Cinemais: Especial documentário, Rio de Janeiro, nº 36, p. 79-84, outubro / dezembro 2003.

PESSANHA, Maria. **Educação sobre olhares.** EDUC SP: São Paulo, 2003.

SOUSA, Antônio Cícero de [CIÇO]. Prefácio. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A questão política da educação popular.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 7-10. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/tipos-colonizacao-america.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Disponível em: <<https://www.historiadobrasil.net/abolicaodaescravatura/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Disponível em: <http://www.epds.ufpa.br/?page_id=36>. Acesso em: 20 jun. 2018.

7 MEMORIAL DA VIDA ESCOLAR, ACADÊMICA E PROFISSIONAL: a educação como veículo de transformação social

JANAINA AGUIAR DA SILVA
janainaaguiar_s@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como intencionalidade apresentar a singularidade da trajetória da minha vida escolar e acadêmica, percorrendo momentos cruciais das minhas vivências na educação, que me fizeram almejar os ideais que tenho hoje. Esta apresentação se dividirá em duas partes: a primeira apresenta minhas memórias pessoais desde a infância no ambiente escolar, o meu ingresso na academia, e com elas as descobertas e desafios para ser um bom profissional a segunda, e última, expõe as minhas análises a partir das teorias discutidas durante o Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social, com os registros e as vivências nos espaços escolares que visitei para compreender como, e se, está sendo dada importância à educação como veículo de transformação da sociedade.

As teorias que embasaram este curso nos faz perceber a grande necessidade de se ter conhecimento a respeito dos problemas sociais. A pobreza é, por exemplo, um dos problemas que mais acomete a realidade social, que aparece como fator de risco para o desenvolvimento da vida humana. No entanto, ao se enxergar tal problema, qual tem sido o papel da educação para transformar essa dura e insistente realidade?

Diante de todos os questionamentos que fazemos em busca de solução, uma certeza nos persegue e nos alerta: a de sermos e nos colocarmos como responsáveis pelas transformações necessárias. A educação, só é educação, quando nos colocamos como parte integrante

dela, quando intervimos com ela. Não adianta termos conhecimento da realidade se nossa conduta é de pessoas inativas. A educação que nos é apresentada é uma educação formativa, que traz o ensino como formador do ser humano, mas cabe aos que a recebem colocar-se como sujeitos capazes de reinventá-la, de reconstruí-la, e com isso, buscar meios de atender as necessidades existentes.

O intuito de relembrar as experiências da infância nesse trabalho é de fazer com que cada indivíduo possa repensar sua posição na sociedade, é fazer com que o profissional da educação não se esqueça de sua base, e por ela descubra qual o tipo de profissional que deseja ser. Isso não significa dizer que as trajetórias de vida escolar e acadêmica foram extremamente positivas ou negativas, mas significa que, ao resgatar essas memórias, possamos compreender os fatores que podem nos impulsionar a fazer, enquanto profissional docente, a educação um veículo de transformação social.

Os pontos positivos das nossas experiências nos fazem continuar acreditando que vale a pena todos os esforços para se ter uma educação de qualidade, uma mudança de vida, um pensamento construtivo. Já os pontos negativos devem nos fazer refletir sobre a nossa postura e o nosso papel como condutores e transformadores do saber.

REGISTRO DAS EXPERIÊNCIAS: vida escolar, acadêmica e profissional

Para início de conversa, os relatos de experiências são extremamente importantes na construção do ser humano, pois faz refletir sobre sua vida, além de possibilitar a ressignificação do vivido tendo como base as experiências vividas por outras pessoas. O tema abordado neste curso abriu espaço para que se pudesse debater e aprofundar o que de fato se compreende por pobreza e desigualdade social, tendo como grande mediadora a educação. Essa educação que devemos tomar como ponto de partida para as transformações da sociedade.

Ao iniciar a narrativa de minha vida, trago com ela algumas questões que me serviram de impulso para nunca desanimar e é dessa forma que lhes apresento minhas primeiras experiências escolares. Minha vida escolar teve início aos quatro anos, minha primeira escola se chamava Escola Municipal Prudente de Moraes, localizada no Sítio Curral de Fora, zona rural de Rio Tinto-PB, onde fui criada. Minha Professora também morava na localidade e não tinha formação acadêmica, naquela época, se escolhia os professores pela boa desenvoltura com as palavras e por residirem próximos às escolas. E que bom que foi assim, pois nossa professora, não tinha material didático ofertado pelo governo, fazia uso de muitos materiais que foram talvez até mais eficientes para a nossa aprendizagem do que se nos fossem ofertados. Era um sítio distante da cidade, sem nenhum tipo de recurso, mas nossa professora nos ensinou a trabalhar com o que tínhamos e mais ainda, a criar através dos potenciais de cada um.

FIGURA 01: Escola Municipal Prudente de Moraes (desativada).



FONTE: Acervo pessoal da Cursista.

Havia muita carência de ordem financeira, falta de saneamento básico, de água potável, entre outras coisas, mas havia também muito mais desconhecimento, desvalorização e comodismo. As pessoas estavam acostumadas àquela vida, e pior ainda, achavam normal que alguns tivessem muito e muitos não tivessem nada. E foi pensando na transformação que

minha professora ia nos ensinando a ler, escrever e a pensar o porquê das coisas. Suas aulas eram através de conversas, em baixo das árvores, na margem do Rio Mamanguape. Com essa diversidade de lugares aprendíamos a cuidar da natureza porque entendíamos o seu valor. Cada palavra lida era um motivo de aplauso, uma vitória. E foi nessas vitórias que fui passando de séries e tive que mudar de escola. Essa mudança foi difícil, mas eu fui preparada para ir por outras estradas, e assim eu fui para concluir meu Ensino Fundamental.

Cheguei ao colegial cheia de sonhos, de desejos e de ideias. Minha meta era ser uma filha de agricultores formada, para mostrar para o mundo que o saber não está no *status*, e sim na pessoa. Minha queda foi descobrir que o poder aquisitivo dita muito as regras, e que as pessoas ainda são vistas pelo que têm e não pelo que são.

A educação sempre fez parte da minha vida, sempre me impulsionou para outros horizontes e me ensinou a ir sempre mais além. É claro que as minhas condições financeiras me impediram de mostrar meu potencial e que eu também podia colaborar com a transformação do mundo, pois era sempre barrada de alguma forma. Mesmo assim, nunca me entreguei ao desânimo e me abracei a quem poderia abrir portas para mim, a quem me diria por onde seguir e por muito tempo esteve ao meu lado, a minha primeira professora. Foi ela quem me apresentou um pequeno gibi, que falava de letras e números, depois ele foi crescendo comigo e se transformou em grandes coletâneas que me fizeram compreender que sempre vai haver pobreza, que esta provoca as desigualdades sociais, que a educação sozinha não é capaz de mudar esse quadro, a educação é apenas uma ferramenta para o despertar de oportunidades.

Ao refletir sobre essas primeiras experiências na educação, percebo que a criança não compreende com clareza a importância que o conhecimento tem para sua formação e seu desenvolvimento como parte de uma construção social que dá a criança a base para que ela esteja preparada para enfrentar os desafios que lhes serão postos no caminho da vida.

Essa experiência de pobreza na infância me tornou um ser humano mais preparado para os problemas que tive e tenho que enfrentar no meu cotidiano, mas não se pode esquecer da importância de se ter, mesmo na pobreza, uma educação voltada para a autonomia e conhecimento da realidade. Uma educação em que o educador conduz o aluno para a construção do novo e não uma educação que faça diferença entre ricos e pobres. Como diz Arroyo (2017):

Enquanto a pobreza for pensada como uma questão moral, os currículos para os(as) pobres continuarão sendo pensados para moralizá-los(as), não para garantir o direito deles(as) ao conhecimento, às ciências e às tecnologias. Serão currículos pobres de conhecimentos e repletos de bons conselhos morais de esforço, trabalho, dedicação e disciplina (2017, p. 11).

Deste modo, é preciso que a pobreza seja compreendida como um problema social, que necessita de políticas para a efetivação dos direitos de cidadania e igualdade para todos. Quando relato em minhas memórias sobre o belo trabalho feito por minha professora, trago aqui a ideia de que todo educador tenha como principal objetivo a aprendizagem do aluno, voltada para o seu desenvolvimento individual e coletivo, ou seja, para a construção do ser que se compromete com o desenvolvimento da sociedade.

Neste contexto, a educação deve mediar a formação dos sujeitos como únicos, mas sem diferenciá-los por *status* financeiros. Desta forma, a pobreza e a desigualdade social só serão superadas quando o pensamento educativo tiver um único sentido, o sentido de dar ao outro o seu direito de ser. Segundo Scalcon e Marchi (2017):

[...] pode-se afirmar que os processos educativos devem ser transformadores, tanto da consciência e da condição pessoal como da realidade social como um todo. Para tanto, a Educação e outras políticas sociais devem

contribuir para assegurar direitos, e não para promover a exclusão (2017, p. 26).

Diante disto, a educação deve preparar os sujeitos para ocuparem seus lugares na sociedade, dando-lhes a formação necessária para se portarem como seres conscientes de suas responsabilidades e seus direitos.

No decorrer dos anos, entre a conclusão do ensino médio e o ingresso à universidade, a educação sempre esteve presente nos meus passos. Vivi um longo tempo tentando passar no vestibular, mas parece que a cada ano que se passava esse sonho se distanciava de mim. Pensei então que não poderia parar, que eu deveria dividir com os outros o que eu já havia descoberto, juntei-me a minha antiga professora e alguns outros ex-alunos e formamos uma associação comunitária, que crescia aos poucos com a colaboração de cada um. Formamos núcleos de aprendizagem, com temáticas diferenciadas, desde aprender liderar, coordenar, criar e se desenvolver.

Os frutos dessa associação ainda são visíveis naquele pequeno sítio: uma caixa d'água que abastece toda a localidade, vários agricultores que aprenderam a ler através da antiga Alfabetização Solidária (ALFASOL), em que fui educadora, a educação para o trabalho com a agricultura orgânica, e o mais importante, pudemos fazer as pessoas se reconhecerem como parte da mudança.

Durante todo esse processo de mudanças, entre a distância das salas de aula e o desejo de fazer a minha parte, busquei ficar sempre atenta para as oportunidades que a vida me ofertasse. Em 2014 resolvi tentar mais uma vez, já que a faculdade ainda estava nos meus sonhos, e foi ao lado dos meus amigos livros que consegui esta grande oportunidade de fazer parte de um grupo de pessoas que se preocupam com a educação de pessoas, e mais, muito mais do que imaginei, que se preocupam com a nossa formação, com o futuro do profissional.

Esse espaço de tempo, entre o ensino médio e o ingresso à universidade, trouxe novas visões de sociedade e o meu papel dentro

dela. A desigualdade social apresentou-se naquele momento como um fator que poderia ou não determinar minha conquista. A princípio, se comparada aos alunos que tiveram seus estudos concluídos em escolas particulares, minhas chances de obter resultado positivo seria quase zero, mas, se analisados os fatores de experiências concretas e a busca dos ideais de forma consistente, seria possível que o meu objetivo fosse alcançado, e me tornei mais focada na aprendizagem de novos saberes.

A educação pública, apesar de seus limites e sua função institucional, incita o aluno a aprender a lidar sozinho com tais limitações, sendo capaz de driblar os obstáculos e se superar diante deles. Baena e Gonçalves (2017) destacam que “[...] o que vemos hoje é a ‘escolarização do mundo’, sob uma bandeira de desenvolvimento, em que culturas, modos de se viver, passam a ser moldes para atender ao capital e ao mundo do trabalho” (2017, p. 29).

Esses estudiosos refletem sobre a realidade social que fazemos parte, onde a escola deixa de ser espaço de aprendizagem e desenvolvimento psíco-sócio-cultural, e se torna espaço apenas de formação para o trabalho. Deste modo, não se pode enxergar a educação como um simples critério imposto ao crescimento humano, mas como fonte de descobertas e construção de novos saberes.

Atualmente a academia nos faz enxergar de forma clara os obstáculos e seus porquês, os fatores que impedem a sociedade de se desenvolver, e dentre esses fatores está a pobreza, não apenas a pobreza financeira, mas a pobreza do descaso, do desrespeito. Há pobreza no pensar das pessoas, no querer, no fazer parte e até em querer melhor viver.

A academia tem me feito pensar e repensar os conceitos que eu tinha das pessoas e das coisas. Tenho descoberto um Paulo Freire realista, corajoso e muito atual, capaz de fazer as pessoas aprenderem através de uma simples figura, mas mesmo nessa concepção, tenho descoberto também que a desigualdade social é quem dita as regras

e o pior é ver que as pessoas acabam por concordar com esse mal histórico. Não há como esquecer que a pobreza existe na humanidade, e que não adianta apenas buscar de alguma forma sair dessa pobreza e, ao sair, esquecer de quem lá ficou. É preciso sermos cautelosos para não nos deixar corromper pelo EU, sempre eu. Freire (1987) exprime seu pensamento ao escrever que:

Na verdade, porém, não é a conscientização que pode levar o povo à 'fanatismos destrutivos'. Pelo contrário, a conscientização, que lhe possibilita inserir-se no processo histórico, como sujeito, evita os fanatismos e o inscreve na busca de sua afirmação (FREIRE, 1987, p. 12).

Em concordância com Freire (1987), incorporo cada dia mais saberes dentro da academia, e me sinto mais apaixonada pela Pedagogia, pela chance de conduzir pessoas a novos pensares, a novas descobertas. Talvez eu não tenha a experiência de uma pedagoga diplomada, já que não faço parte ainda da classe trabalhista, mas sempre fiz parte da educação popular, da educação aprendida e ensinada, de uma educação partilhada que desejo difundir por toda a minha caminhada. Contudo, acredito que sempre podemos aprender e teremos sempre algo a ensinar.

Ao refletir sobre a educação, pobreza e desigualdade social, percebi o quanto esses temas são determinantes para a formação do ser humano, e em especial, para a formação do professor educador. Alerto para a importância de escolhermos objetos de estudos e temas geradores de discussões sobre o assunto. Estudiosos como Freire e Arroyo (2013) abrem espaço para várias discussões e análises sobre como a pobreza e a desigualdade tem sido tratadas. Desta forma, para melhor relacionar a teoria com a prática, procurei observar a realidade de uma escola pública, analisando e refletindo sobre seu contexto educacional e formativo, o que me proporcionou compreender os fatores históricos relacionados a pobreza.

VISITAS À ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL HERMAN LUNDGREN.

FIGURA 02: Escola Municipal de Ensino Fundamental Herman Lundgren.



FONTE: Acervo pessoal da Cursista.

No intuito de observar e conhecer como são tratados os assuntos relacionados a pobreza e desigualdade social, visitei uma escola pública localizada na cidade de Rio Tinto, escola essa tida como referência educacional da cidade. De fato, sua estrutura comparada a outros centros educativos públicos oferece um bom espaço para o processo de ensino e aprendizagem. É uma escola que foi restaurada e adaptada para receber os vários tipos de deficiência, recebe crianças de toda a parte rural e urbana da cidade e é a escola que tem o maior número de crianças com deficiências regularmente matriculadas. Mas, quero destacar aqui, que na minha visão, a pobreza que enxerguei nessa instituição está presente no despreparo dos professores para atender a essas crianças com deficiência, criando assim um muro entre o educador que não sabe como se adequar a tal situação e os alunos.

FIGURA 03: Biblioteca.



FONTE: Acervo pessoal da Cursista

FIGURA 04: Sala de Aula.



FONTE: Acervo pessoal da Cursista

FIGURA 05: Pátio e refeitório.



FONTE: Acervo pessoal da Cursista

A pobreza também é encontrada na obrigação do aprender, de estar na sala de aula apenas por causa de um benefício. Arroyo (2013) trata dessa situação afirmando que a “pobreza está entrando nas escolas”, mas os educadores acabam esquecendo-se da situação do aluno, de sua condição, e focam apenas em cumprir o que está no currículo escolar. É necessário um olhar sensível para a pobreza não só por parte do docente formado, mas também do docente em formação, pois o Pedagogo deve estar atento à necessidade do aluno e à sua realidade para propiciar uma educação que possa ser veículo de transformação dessa realidade e capaz até de reinventar a vida do ser humano. Os meios que devem ser usados pela educação para mudar essa realidade acabam por se tornar distantes, devido à falta de reconhecimento da existência da pobreza e de sua disseminação. Ou seja, o fator principal para transformar a realidade da pobreza na sociedade é o reconhecimento que a pobreza sempre fez parte da humanidade e que ela está presente nas salas de aula no aluno que falta porque não tem vestimentas ou calçados, que falta a aula de artes por vergonha de não ter um lápis para colorir.

A pedagogia da Esperança tão defendida por Paulo Freire traz relatos da dura realidade da educação, que por sua vez é a realidade do nosso país, de muitos lugares do mundo, uma realidade que precisa ser vista, precisa ser compreendida e passar a ser mais priorizada, não apenas pela educação, mas principalmente pela sociedade, na busca de uma transformação social. O ser humano precisa sim lutar por seus direitos, conhecê-los, mas precisa também dividir esses direitos e conhecimentos com os outros. Essa é a única maneira de mudar as desigualdades.

O papel da Pedagogia e da educação nesse caminho é de ser parte dessa diversidade, e servir de solo para que cada aluno, cada ser, tenha sua vez, tenha o mesmo direito ao saber, seja ele um morador de favela, um filho de agricultor ou um filho de um grande empresário.

Nas palavras de Freire (1992): É preciso, por isso, deixar claro que, no domínio das estruturas socioeconômicas, o conhecimento mais

crítico da realidade, que adquirimos através de seu desvelamento, não opera, por si só, a mudança da realidade (1992, p. 16).

Desta forma, é preciso muito mais do que ser conhecedor da existência da pobreza, é necessário que essa transformação, que tanto almejamos, nasça dentro de cada um de nós, deixando de viver no egoísmo e passando a pensar a educação como um veículo de mudança que nos leve as novas condições sociais. Contudo, não há como esquecer que haverá sempre aqueles que, pelo fator histórico de uma sociedade dividida em riqueza e pobreza, vai sempre achar natural que alguns tenham mais que os outros, e dentre esses haverá aqueles que saíram da pobreza e se esqueceram dos que lá permanecem, simplesmente por que acreditam nessa mesma naturalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da exposição apresentada neste trabalho, é imprescindível dizer da importância da formação docente, tendo em vista as experiências e descobertas obtidas a partir da teoria que a embasou. A educação, pobreza e desigualdade social foi o tema central deste curso, sendo este determinante para a formação do ser humano, e em especial para a formação do professor educador, que deve estar atento aos principais objetos de estudos e temas geradores dessas discussões. Os teóricos que embasaram este tema e, conseqüentemente, este trabalho, abrem espaço para várias discussões e análises sobre como a pobreza e a desigualdade têm sido tratadas.

Relembrar as experiências da infância me trouxe um novo anseio de compreender a existência da pobreza e os desafios enfrentados pela sociedade, numa tentativa de fazer parte da luta contra as diferenças sociais. Desta forma, para melhor relacionar a teoria com a prática, procurei observar a realidade de uma escola pública, analisando e refletindo sobre seu contexto educacional e formativo, o que me proporcionou compreender os fatores históricos relacionados à pobreza.

Dos resultados obtidos durante as observações percebe-se a falta de intervenção da educação e seus educadores para esse processo de transformação social. No entanto, é importante ressaltar o papel da educação como mediadora entre a realidade que se tem e a realidade que se quer ter. O conhecimento é o caminho mais seguro para enfrentar as situações e desafios, sendo assim, a educação será sempre a porta de entrada para o novo saber, para a construção de novas realidades e oportunidades.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. Os coletivos empobrecidos repolitizam os currículos. In: SACRISTÁN, José Gimeno (Org.). **Saberes e Incertezas sobre o Currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

GARCIA, Aldir Valdemar. Et al. **Formação em Educação, pobreza e Desigualdade Social**: Propostas de intervenção em direitos humanos e cidadania. 1 ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017. 4v, 335p.

GARCIA, Aldir Valdemar. Et al. **Formação em Educação, pobreza e Desigualdade Social**: Propostas de intervenção no âmbito escolar 1 ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017. 5v, 398p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

8 REFLEXÕES DA RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E UMA COMUNIDADE EM UMA SITUAÇÃO DE POBREZA

*JOSENILDA DA SILVA FALCÃO
josenildafalcao_efilhos@hotmail.com*

INTRODUÇÃO

A pobreza e a desigualdade social estão presentes no dia a dia de todo brasileiro: trabalhando como gestora em uma das escolas e morando na cidade de Lucena – PB vejo de perto que existem muitas pessoas em situação de pobreza. Identifico essas questões principalmente pelos perfis dos educandos que atendemos.

Considero que pobreza é a falta daquilo que é necessário à subsistência, marcada na insatisfação das necessidades básicas, como educação, alimento, moradia. Trata-se de uma situação social e econômica de carência.

O presente trabalho traz um relato pessoal da vivência que tive enquanto gestora da Escola Municipal Eugênio de Souza Falcão da cidade de Lucena – PB, onde consegui refletir sobre as necessidades educacionais que envolvem a escola e a comunidade, a partir das atividades abordadas no Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social oferecido pelo Campus IV (Mamanguape) da Universidade Federal da Paraíba – UFPB com o objetivo de contribuir com futuras discussões e possíveis trabalhos que possam ser realizados no município de Lucena e no estado da Paraíba.

Trago a escola como referência porque na comunidade escolar, onde estou inserida, encontramos famílias de baixíssima renda, muitos vivendo em situação de extrema pobreza. E de que forma a escola pode colaborar com o desenvolvimento educacional sem se deixar ser afetada pelas questões

externas dos alunos? É uma situação quase impossível. A escola com muitas dificuldades está procurando formas de interagir e compartilhar com a comunidade os mesmos objetivos, buscando responder as questões atuais.

É possível romper esses muros? É possível abrir a escola para o local ao qual ela pertence? Essa tem sido uma das grandes lutas dos movimentos sociais no Brasil. Abri-la para a vida, ocupar as ruas e as praças das cidades, retomar a dinâmica comunitária de bairros e de pequenas cidades, criar espaços públicos de convivência e socialização para crianças e jovens em todo o Brasil, esses são alguns dos desafios que os movimentos enfrentam nesse processo (LEITE, 2015, p. 28).

Diante de tantas dificuldades encontradas no cotidiano da escola a comunidade torna-se o principal motivo de sua existência. Pois o direito de educação é cedido para todos neste país e cabe a educação e comunidade se alinharem nesta jornada.

RETROSPECTIVA

Ao fazer uma retrospectiva da minha vida escolar, percebo que minhas lembranças são limitadas. Pelo pouco que sei, fui à escola com seis anos de idade, devidamente matriculada, pois frequentei o espaço escolar antes mesmo disso, acompanhando o meu irmão mais velho, não que ele tivesse a obrigação de me levar para a escola como forma de ajuda para nossa mãe, mas porque eu ficava chorando querendo compartilhar daquele momento com ele. A professora era conhecida pela minha mãe então facilitou a minha presença na sala de aula. Não tenho lembranças dessa época, esse relato vem através das lembranças da minha mãe e do meu irmão.

Consgo me lembrar de quando já estava na 1º série do ensino fundamental I, a Escola Américo Falcão era a única na cidade de Lucena, a sala não era muito cheia, conhecia a maioria dos colegas de sala, porque todos faziam parte da mesma cidade, inclusive a nossa professora.

Encontrava-me em um ambiente praticamente familiar. Sempre gostei de estudar, apesar de só aprender a ler na 2ª série do ano seguinte. Achava as aulas enfadonhas, terminávamos as atividades e ficava sem nada para fazer, mas precisávamos permanecer na sala de aula. As aulas não eram muito atrativas e assim se sucedeu até a 4ª série, em todas elas era tudo mesmo jeito, ou seja, tudo “normal”, na escola não tínhamos nada além das cadeiras, bancas e quadro negro, fazíamos leitura com as cartilhas e recebíamos a tabuada que era usada como ferramenta para decorar.

A maioria dos alunos eram filhos de pescadores e os outros poucos, que os pais tinham outras profissões se achavam mais importantes que nós, se consideravam mais “ricos”, na maioria das vezes as professoras deixavam a entender que a situação era essa mesma, mas naquela época todos vinham da mesma cidade e compartilhavam das mesmas condições financeiras.

No fundamental II tive um percurso tranquilo, apesar de sofrer preconceito e discriminação em relação à cor negra da minha pele, mas enfrentei e continuei firme sem perder o meu foco que era concluir os estudos. Na minha casa, minha mãe sempre nos orientou a não baixarmos a cabeça diante das dificuldades. Sempre me deparei com palavras e brincadeiras de mau gosto em relação a minha pele, mas nunca me deixei abater, segui em frente até o Ensino Médio.

Sempre estudei em escola pública e quando saí do Ensino Médio, fiz o Projeto Logos II, que foi implantado com o objetivo de formar professores em regime emergencial para o exercício do magistério, uma das minhas professoras me incentivou muito a cursar o Logos, cursei todos os módulos com êxito conseguindo o pedagógico.

Ao tentar ingressar na universidade, realizei o vestibular algumas vezes até decidir ir para uma faculdade particular, na UVA que por motivos de parceria funcionava no IESP na cidade de Cabedelo – PB. Ingressei no curso de História, em 2005 acabei ficando sem condições de continuar a faculdade, fiquei desempregada e grávida, por esses motivos, foi necessário realizar o trancamento do curso de Licenciatura em História.

Porém o sonho de fazer uma licenciatura não ficou adormecido, ele sempre esteve muito vivo dentro de mim e sempre fez parte dos meus objetivos, as dificuldades se perpetuaram e só em 2010, voltei a fazer o vestibular pela UFPB-VIRTUAL, os cursos disponíveis na época eram: Letras, Pedagogia e Matemática. Não era oferecido o curso de História, que era o que desejava, optei por fazer Licenciatura em Pedagogia, fiz e fui aprovada, no decorrer do curso consegui aprender muito, considero um curso riquíssimo.

E durante minha atuação como professora do município de Lucena, trabalhei com o Educação para Jovens e Adultos - EJA e o Fundamental. Também trabalhei em escolas particulares, onde voltei a me deparar com alguns problemas relacionados, novamente, a cor da pele e também por ser de classe média baixa.

Quando terminei o curso de Licenciatura em Pedagogia no ano de 2014, já estava trabalhando como gestora da Escola Municipal Eugênio de Souza Falcão, onde estou até o presente momento. Ao participar do Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social oferecido pelo Campus IV (Mamanguape) da Universidade Federal da Paraíba – UFPB consegui me questionar e encontrar novas reflexões que condiziam um pouco com a leitura que compreendia da escola onde trabalho e a comunidade onde vivo.

No vídeo *Ciço*, apresentado no primeiro encontro presencial do Pólo de Lucena, conseguimos observar que ele narrava, do ponto de vista do personagem principal, duas visões diferentes de “educação”. A primeira dada na escola, e a outra a educação aprendida em casa. A educação oferecida pelos pais se resume nas vivências familiares e de vida (na igreja, no grupo de amigos, na comunidade), ou seja, no cotidiano. A educação ofertada pela escola é aquela que possibilita o conhecimento em diversas áreas, como geografia, matemática, português, história entre outras, possibilitando um desenvolvimento para uma melhor atuação no futuro. Sem criticar a educação formal, longe de mim, enquanto educadora acho que deveríamos aproximar as duas maneiras de se educar.

Na realidade, na visão da comunidade a escola parece ser outro espaço, onde as regras são diferentes da rotina cotidiana daqueles que vivem ao redor da escola. Não concordo com tudo e ainda não tinha pensado com tanta clareza nesta questão, mas na citação de Leite, ela traz um pouco dessa realidade da atual escola, onde:

Os muros, quase sempre altos e bem reforçados, revelam a (falta de) relação que a escola estabelece com o bairro. Entrar na escola significa, para muitas crianças e muitos (as) jovens, entrar em um outro mundo, com tempos, lógicas e regras bastante diferentes do que estão acostumados(as) a viver, a conviver; com hierarquias, horários rígidos, proibições e castigos; onde o celular, o boné, o grafite e a música são censurados; e onde dançar, rir, correr, brincar é proibido (LEITE, 2015, p. 27).

Concordo com muitas regras citadas por Leite acima, porque muitas delas visam contribuir com um olhar diferenciado, que contribuirá com a formação de um ser humano, crítico, que busque honrar com suas ações, organizações e etc. O educando vai começar a perceber que na vida ele não vai passar o dia todo fazendo apenas uma coisa. Já discordo quando ela traz que a música é censurada e que dançar e rir são ações proibidas. A escola, inclusive para muitas crianças, é o primeiro espaço que possibilita o contato dos mesmos com as artes. Também existem espaços escolares que pensam formas diferenciadas de inserir as músicas e outras atividades, utilizando até da ludicidade, para conseguir desenvolver a educação.

A principal dificuldade na relação da escola e da comunidade é justamente o relacionamento; falta interação, mais participação da comunidade com as atividades existentes dentro da escola. A comunidade age com muito desestímulo quando se é para participar de forma ativa na escola, apenas deixam seus filhos, netos, sobrinhos e não sabem nem exatamente para que estão deixando eles lá. A escola foi inserida na

comunidade, mas as pessoas ainda não se deram conta que elas são coparticipantes da mesma.

Possivelmente a comunidade em que a escola está inserida, não foi educada para cobrar e acompanhar a escola com a realização do seu papel. E nem a escola é estimulada para se utilizar da comunidade como forma de ferramenta pedagógica. Não existe um incentivo dos órgãos públicos para a realização destas atividades e muito menos espaços que contribuam com a valorização de nossa cidade, como teatro, museu, praças valorizadas etc.

Contudo, a cidade de Lucena foi agraciada com praias belíssimas que podem ser exploradas para a realização de aulas, exemplo biologia e geografia, para o aluno identificar no seu território elementos e conteúdos encontrados em seus livros didáticos, diminuindo essa distância entre a educação e comunidade, ambas aceitando e refletindo sobre as condições de pobreza onde estão inseridas.

A Escola Municipal Eugênio de Souza Falcão atende no momento presente 87 (oitenta e sete) alunos, oriundos da própria comunidade. Quando chegamos à instituição em 2013, tinham apenas 47 alunos matriculados, conseguimos, aos poucos, estimular os moradores mais próximos a matricularem seus filhos. Percebemos também que dentro dos muros da escola a nossa maior dificuldade é a aprendizagem. Temos uma clientela do maternal (3 anos) ao 5º ano (idade máxima 12 anos).

A educação trazida pelos alunos e obtida em outros espaços não educacionais é aproveitada dentro da sala de aula, para reforçar a ligação da comunidade com a escola, só tomamos cuidado com a escrita, pois eles reproduzem na escrita o que utilizam na linguagem oral e neste ponto precisam melhorar. Contudo, também precisamos reconhecer que nem todas as vivências conseguimos aproveitar no ambiente escolar, existe situações que encontramos muita dificuldade.

Todos os profissionais da escola consideram a situação de pobreza presente no espaço escolar. Respeitamos e tentamos ajudar da melhor forma possível não apenas como escola, mas também como pessoa. Os

alunos são assistidos e se os mesmo apresentar uma maior dificuldade em relação a qualquer fator procuramos os órgãos competentes para nos auxiliar. Por isso se faz necessária às políticas de assistência social. Influenciam diretamente no desempenho escolar dos alunos, contribuem com a família e possibilitam a permanência do educando na escola, oferecendo o direito de aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar as respostas do questionário, percebemos que a escola/comunidade, ainda precisa trabalhar mais nesta parceria. Pelo que pude perceber, poucos pais são participativos no ambiente escolar, percebemos também que os problemas vivenciados dentro da escola não são considerados graves como problemas com drogas, prostituição e bebidas, apesar de a escola estar localizada em uma comunidade que faz o uso constante das mesmas.

Percebemos também que apesar de a dificuldade com a aprendizagem dos alunos, conseguimos ter um bom diálogo com os pais na tentativa de sanar esse problema. Acredito que a quantidade de alunos facilita no controle, contanto com os pais e responsáveis.

Mesmo enfrentando muita resistência de ambos os lados, hoje depois de 6 anos, período que estou à frente da escola e dentro da comunidade, afirmo que podemos desfrutar do nosso esforço e dedicação, grande parte dos nossos alunos estão mais dedicados; existem pais mais presentes, mesmo que precisamos ainda da participação e iniciativa de muitos outros; conseguimos despertar e fazer com que os alunos conseguissem traçar os sonhos e perspectivas de uma nova vida e estamos construindo aos pouco um bom relacionamento com todos da comunidade, sendo pais da escola ou não, conseguimos desenvolver também um bom relacionamento e acolhimento com todos presentes desta composição a escola e a comunidade.

Não foi e nem está sendo fácil insistir na educação. Por muitas vezes pensei em ficar na zona de conforto e deixar tudo do jeito que está.

Contudo, ao olhar os alunos e os pais que realmente acreditavam no nosso trabalho e depositam o sonho de um futuro melhor e mais digno para seus filhos através da escola, me uno nesta luta incansável. Posso contar com toda a equipe escolar para proporcionar um espaço agradável para que os alunos a cada dia possam experimentar novas vivências.

Cresci profissionalmente e como pessoa e o que a minha mãe me ensinou lá atrás trago comigo até hoje. Tenho tentado dar o meu melhor no meu trabalho, sempre com a cabeça erguida ciente da carreira que assumi.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Zedeki Fiel; SENA, Fernanda Alves; DANTAS, Osmarina Maria dos Santos; CAVALEANTE, Alden Rodrigues; NAKAYAMA, Luiza. Comunidade e escolar: reflexões sobre uma integração necessária. **Revista Educar**, Curitiba, n.37, p. 279-291, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n37/a16n37.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2018

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. **O Projeto Logos II em Rondônia: a implantação do projeto-piloto e as mudanças em sua organização político-pedagógica.** Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/record/unsp_0eed9f3fdb5d35928bc2411a3bafce7a>. Acesso em: 03 jul. 2018.

LEITE, Lucia Helena Alvarez. Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social. **Módulo I - Escola: espaços e tempos de reprodução e resistências da pobreza.** Ministério da Educação, 2015.

9 O IMPACTO DA EDUCAÇÃO: a vida de um filho de pescador

JOSÉ MAX LIMA DE BRITO
josemaxlb@gmail.com

INTRODUÇÃO

O curso de aperfeiçoamento em educação, pobreza e desigualdade social, me proporcionou momentos incríveis, criativos, motivadores e construtores para minha vida acadêmica e em quanto professor, durante o curso, encontros e debates na plataforma, sobre os assuntos de educação e pobreza, pude aprender e refletir sobre o verdadeiro sentido de pobreza e desigualdade, também me olhar, e observar em que âmbito estou, me encontrar com minha realidade, essa que passava despercebida, onde muitas vezes não eram potencializadas, pois eu não entendia o verdadeiro sentido da pobreza, e em que classe me enquadraria.

Hoje sim, sei a qual classe eu pertencço, dos pobres trabalhadores, e qual eu pertencia quando era criança e durante minha adolescência, hoje olho para educação com um olhar mais crítico, observando currículo da escola, de que forma ele abre espaço para os alunos baixa renda, que aparecem na escola muitas vezes sem a primeira refeição do dia, o café da manhã, não como uma opção, mas por não ter condições para fazê-la, esse fatos foram se consolidando durante nossas discursões, pois assim também foram relatos que outros professores fizeram durante nossos encontros quando discutíamos o assunto, no decorrer do curso.

A potencialidade desse curso foi tão grande em minha vida que me motivou a falar dos problemas que passei enquanto aluno pobre filho de pescador, ainda me propôs poder mostrar isso, com clareza, sem medo, com motivo de orgulho e não como eu pensava antes, que me sentia envergonhado da minha identidade.

No momento que pude refletir sobre o assunto onde sempre foi minha realidade, inclusive no cine-debate quando em um vídeo, quando Miguel Arroyo, deixa claro que a pobreza existe, e que não adianta esconder, para onde iremos? ela pode estar em todos os lugares e sem dúvidas nas escolas, ele fala isso direcionando nossos olhares para a realidade da pobreza. E ainda no segundo debate, quando Paulo Freire “que nenhuma realidade é assim mesmo, toda realidade está aí submetida para que haja possibilidade de mudá-la”, mostrando que pode ser mudada através dos estudos, da educação, que pobres podem mudar sua realidade. O ponto crucial foi o relato de Ciço, foi onde mais me encontrei, ele falava da educação que existe na roça, parecia que ele estava detalhando a minha comunidade e a realidade dela.

Por isso sinto a necessidade de apresentar como foi minha trajetória até chegar onde estou, começando por minha infância, eu sou indígena desaldeado, que aos três meses de vida, por problemas familiares, acabei indo morar com meus tios, em barra do Rio Mamanguape, em uma comunidade de pescadores, onde a maior parte dos que moram nela vivem da pesca, fui criado mesmo com poucos recursos, e mediante a isso meus tios não acreditavam que através da educação algumas coisas poderiam mudar, inclusive a minha vida. Pelo fato de que a educação fez e ainda está fazendo grande diferença em minha vida, nada mais do que propor um tema que se relacione as famílias desse povoado, que muitas vezes encontram-se desacreditados das coisas que poderiam vir para melhorar o percurso de suas vidas.

Ao fazer pequenas pesquisas informalmente, mais um diálogo, com os moradores de minha região, e os filhos deles para ver qual seria sua visão no tocante a educação, senti a necessidade de procurar possibilidades e apoio para os que ali moram para poder buscar a educação como refúgio, pois a maior parte, relata que se tivesse a oportunidade de voltar no tempo não teriam deixado de estudar para trabalhar se assim fosse preciso, ou ainda se conseguissem continuar de onde pararam eles gostariam de voltar.

Além dos filhos que pelo fato de não visarem a educação, onde a maior parte vê os estudos como algo desnecessário, no fato de que estão estudando por estudar, digo, porque poucos querem fazer além do ensino médio, fazer um curso, seja ele na universidade ou em outra instituição, ir além do médio.

Então como morador a mais de vinte anos na comunidade, vejo a necessidade de mostrar o impacto que a educação pode fazer a vida de uma pessoa, e além disso em um filho de pescador, com poucos recursos, sem muita acessibilidade para tal fim, mas diante dos problemas e adversidades, a sociedade que não nos ajuda a estarmos inseridos nos grupos de igualdade, quando falo de grupos estou exprimindo sobre os poucos recursos que existem para aqueles de famílias pobres, onde não existe um nível igualitário, que todos tenham as mesmas oportunidades, só vemos isso para os que nascem em famílias ricas, além da precariedade que há nas escolas públicas, principalmente as da zona rural (o campo), é possível vencer, e chegar aos objetivos desejados.

O principal motivo é mostrar a vida deste aluno, atualmente professor, José Max Lima de Brito, como modelo de motivação, e incentivo para que os demais moradores e alunos, possam acreditar que a educação tem poder para mudar a vida daqueles que acreditam nela, e que quando são dadas as oportunidades de estudar e sair do estado em que está é preciso abraçá-las para se poder construir caminhos que nunca foram traçados, que podem mudar totalmente a realidade de um povo.

Visando que o curso pobreza, educação desigualdade social, teria um olhar específico para este tema, velho, atual e também futuro, também para potencializar, reforçar a importância que a educação tem. O objetivo deste trabalho é refletir acerca da pobreza e de como a educação pode se mostrar uma ferramenta potente para sua superação. Podendo assim motivar alunos que em baixa escolaridade e renda nas regiões do Brasil, cidades ou zonas rurais, que passam pelas mesmas dificuldades que José Max passou, ou talvez até por piores, além de ajudar, educando quem estão sem vontade de continuar estudando, contribuir para os que estão

fora da escola por diversos motivos, inclusive pelo fato de não terem oportunidades.

EXPECTATIVAS PARA ESTUDAR E NÃO DESISTIR DOS OBJETIVOS

Entre 1994 a 2001, estudei em um colégio na mesma comunidade que moro até os dias atuais, chamada Barra do Rio Mamanguape, situada no município de Rio Tinto, zona rural, nomeada como, escola municipal de Ensino Fundamental Francisco Gerbasi, permaneci estudando nela até a antiga quinta série.

A maior parte dos meus professores eram moradores da mesma comunidade que tinham mais de condições para estudar e tinham mais escolaridade que os demais, inclusive ainda estudei com minha tia, que já era professora a muito tempo. Estudei com a minha prima, que na época, não tinha nenhum curso pedagógico para exercer a função, bastava ter anos de experiência ou terminar o ensino médio.

Durante as aulas lembro-me que tinha um sonho de ser professor, assim já brincava com meus amigos, só não sabia que o caminho seria a educação, que na zona rural sempre foi precária, muito diferente da educação que existe na cidade, assim como cita a autora:

Dentro de uma mesma cidade e amparadas pelas mesmas legislações e políticas, diferentes crianças e jovens não têm acesso aos mesmos direitos. E quando têm, como é o caso do acesso à escola, direito quase universalizado no país, isso se dá em condições bastante desiguais (LEITE,2015, p.14).

Durante esse tempo lembro que passava por alguns problemas porque era aluno de classe baixa, além dos que tinham em sala, quando levava frutas os meus colegas falavam que só levava algo para escola uma vez na vida, pois realmente era difícil meus pais comprarem algo para eu levar para escola. Além que seria um gasto a mais pois havia outras coisas que seriam prioridade em minha casa. Mesmo assim não poderia desistir

e poder chegar em algum lugar para mudar esse quadro. Após terminar o ensino Fundamental I na mesma escola, não havia na zona rural escola que tenha Fundamental II, assim ocorre nos dias atuais.

Então meus pais tiveram, assim como os demais de minha comunidade, me matricular na escola da cidade de Rio Tinto, chamada Antônia Lisboa, pegava o ônibus às 05:30h da manhã e retornava às 11:00h, durante o verão e outras estações as coisas iriam bem, mais quando chegava o inverno, eram grandes contra tempos, incontáveis foram as vezes que andamos a pé pelo fato do ônibus quebrar e por não poderem mandar outro para nos levar, caminhávamos mais de 12 quilômetros para poder chegar em nossas casas, além de quando havia as enchentes, ônibus não passava e a única forma de chegar a escola seria indo por um caminho mais distante, teríamos que percorrer pela usina monte alegre e passando por Mamanguape, até chegar à Rio Tinto.

E o mesmo trajeto ao voltarmos para nossa casa, os professores não olhavam esses detalhes que passavam despercebidos, e compravam de nós aquilo que muitas vezes não podíamos fazer, não enxergavam o que estava por trás de nossa caminhada, assim para Leite (2015, p.19) “Por outro lado, a bagagem cultural dessas crianças e desses (as) jovens que chegam à escola são desconsideradas, desprezadas e deslegitimadas, já que há uma imposição de que se encaixem em um modelo que muito se distancia de suas experiências sociais”.

Muitas vezes nós alunos chegávamos sujos na escola por causa das lamas, então por ter sujado minha farda não me deixaram entrar, mesmo com outra camisa, e contado a trajetória de chegar à escola, no entanto mesmo assim não assiti aula nesse dia, pois ainda conforme Leite (2015, p.16), “Logo, a escola pública, que deveria ser igual para todos, acaba por reproduzir e reforçar as desigualdades econômicas, sociais e políticas presentes em nossa sociedade”.

Então mesmo em mediante aos acontecimentos consegui terminar a fase dois, ensino fundamental II. Sempre estudei em escola pública, não tinha condições de estudar em particular, assim acreditava que através da

educação poderia alcançar algo melhor em minha vida, assim de acordo com Arroyo (2015 , p.13), “Às crianças e aos (às) adolescentes pobres que chegam às escolas é oferecida, então, a promessa de libertação da pobreza escolarização, pela aprendizagem exitosa do currículo”. O maior desafio que encontrei foi no ensino médio, que as coisas em minha casa não estavam tão boas, minha mãe, recebia o benefício do bolsa família, e com a ajuda de meu pai que pescava, para complementar a nossa renda.

Enquanto meus amigos tinham dinheiro para lanche na hora do intervalo, eu nem tinha para pagar a prova que a professora pedia, pegava emprestado, ou alguns de meus amigos que pagavam, tinha apenas uma calça e um tênis, e confesso que sentia vergonha do tênis que usava, foi minha vó que me deu, durante muito tempo passei indo com eles, enquanto meus colegas me olhavam que vinham a minha situação deplorável, eu entendia que meus pais não tinham condições e ao invés de comprar alimentos, comprar-me roupas ou outras coisas, mesmo assim continuei meus estudos, de forma alguma poderia parar, “Assim, apesar de a educação cumprir um papel importante, sua ação não opera milagres”. Arroyo (2015, p.16).

Eu deveria continuar em busca da educação, e foi quando um fato me ocorreu quando estudava o segundo ano, meu pai passou a fazer coleta de resíduos sólidos para ajudar um pouco mais a renda em minha casa, isso para mim era vergonhoso, pois, eu olhava para os meus amigos e maior parte de seus pais tinham trabalhos diferentes, que não teriam motivos para se envergonhar, enquanto sempre me vi nessa situação de baixo nível social.

Então quando a professora promoveu uma atividade onde iríamos para praia, chamada praia de campinas, afim de falarmos de um mar limpo sem lixo, em meio as palestras mencionaram o nome de um moço que já fazia o trabalho perto da comunidade, eu sabia que estava falando do meu pai, logo, fiquei oprimido com vontade de ir embora, então me afastei dos que estavam ali, fiquei um pouco distante, para que se caso falassem quem era esse senhor, não soubessem que eu era o seu filho.

Sentia grande tristeza não apenas por minha situação social, mas muito além dessa era negar o meu próprio pai para não passar por situações ao qual em outros momentos já havia passado, vergonha e constrangimentos.

Essa questão de baixa renda me reprimiu, a tal ponto de não querer fazer uma universidade após encerramento do ensino médio, pois se já havia sido difícil no ensino médio imaginava como seria fazer uma faculdade, tinha medo, eu ainda tentei fazer o antigo PSS (processo seletivo simplificado), porém temia passar, lembro-me que fiquei feliz porque não passei, de tanto medo que eu tinha, de fazer outro uma universidade, pois como muitos falavam e eu tinha essa visão, que a vida acadêmica era apenas para rico, e eu não se enquadrava naquela realidade, finalizei em 2011, então permaneci ausente de fazer um curso por quatro anos.

A EDUCAÇÃO COMO BASE PARA CONSTRUÇÃO DE VIDA

Durante o ensino médio meus pais falavam que mesmo estudando eu teria que trabalhar como era a cultura desde a vida com seus pais, eu teria que escolher em estudar ou trabalhar, pois emprego não tinha em nossa região ainda mais para um jovem com ensino médio incompleto, os trabalhos possíveis que eu poderia encontrar só na construção civil em João Pessoa.

Então não seguindo os devidos conselhos que meus pais me davam, eu continuei seguindo nos estudos, e em tal caso conclui o ensino médio, e então o que iria fazer depois do término dos estudos?, após a conclusão, permaneci quatro anos sem estudar e durante esse tempo não consegui um emprego, tempo praticamente de terminar uma graduação, temia em ficar como alguns moradores de minha comunidade que há anos haviam concluído o ensino médio e não fizeram mais nada, continuaram sem trabalho apenas da pesca, outros ainda conseguiram trabalho fora da região, eu não queria isso para mim, Arroyo aponta que:

Dados mostram que os(as) filhos(as) de famílias pobres com diploma de Ensino Fundamental e até Médio continuam morando nas favelas e nas vilas, submetidos(as) a empregos precarizados, uma complexa articulação ao subemprego e ao desemprego, permanecendo tão pobres quanto seus pais analfabetos ou semianalfabetos (Arroyo, 2015, p.13-14).

Mesmo mediante a todo o medo, por me sentir oprimido por causa de minha classe social, por medo em ser pobre, chega a oportunidade de estudar, conversando com um antigo professor chamado de seu Antônio, conhecido como, Toninho que me orientou a fazer uma universidade em Mamanguape, chamada Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) que mesmo sendo aos sábados, iria abrir minha mente para novos conhecimentos e que eu não perderia nada em fazê-la, se não desse certo desistiria, fiquei super animado, no entanto como era uma faculdade particular não tinha condições de pagar, nem meus pais, então em busca de mudança, recorri a minha avó que tinha um pouco mais de condições por ser aposentada, conversei com ela, ela não aceitou, mas depois se rendeu e se comprometeu a ajudar-me.

Iniciei o curso de Pedagogia, comecei a me relacionar com outras pessoas e através de várias leituras, como as de Paulo Freire, despertei a olhar as pessoas com um olhar diferente, aos seis meses de curso me deram a oportunidade de ser monitor do Programa Mais Educação em minha região, fiquei grato, pois notava mudanças em minha vida, além de estar contribuindo e aprendendo com pessoas de minha realidade, o campo.

Depois de um ano fui convidado para tirar férias de uma professora, outro grande desafio, mas dessa vez eu volto para a mesma escola que estudei desde da Educação Infantil e todo o Fundamental I, dessa vez não como aluno, mas como professor, contribuindo para o crescimento da minha comunidade, durante as aulas me apresentava como exemplo para os alunos, mostrando que é possível chegar aos objetivos, mesmo sendo de família pobre, através da educação.

A vista disso, foi a partir de então que comecei minha trajetória como docente e durando o curso de Pedagogia me propus a fazer o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e acabei passando para o curso de Letras em Guarabira, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Meus pais começaram a entender que a educação poderia transformar vidas, também a me olharem de outra forma, percebendo que estudar, não é perda de tempo, mas investimento para o futuro, foi a partir de então comecei a entender o que realmente era pobreza, o caminho que a educação estava fazendo em minha vida e a forma que ela transformava minha vida e classe social, diante disso é importante ressaltar que:

Dessa forma, para que seja possível articular currículo e pobreza, é necessário reconhecer não só o direito dos sujeitos a saberem-se pobres, mas também o dever da escola, da docência e dos currículos de garantir-lhes esse direito. Contudo, os currículos assumem apenas a responsabilidade de oferecer aos(as) alunos(as) os conhecimentos acumulados sobre a natureza, a sociedade, o espaço, a história, a linguagem etc., e têm ignorado e secundarizado o direito ao saber de si, ao saber-se no mundo, na sociedade, na natureza, nas relações sociais, econômicas e políticas, no padrão de trabalho, de produção, de apropriação-segregação do espaço da terra e da renda. Conhecer-se nesses padrões sociais e políticos que os condicionam como pobres ao longo da história é a síntese do seu direito ao conhecimento que a escola, a docência, os currículos têm o dever de garantir-lhes (ARROYO 2015, p.19-20).

Então, percebemos quão importante seria se muitos dos filhos de pescadores assim como eu, tivessem a mesma oportunidade, que olhassem para educação de outra forma, onde a pobreza poderia ser vencida, notamos também a importância que esse curso tem despertando, abrindo oportunidades de semos ouvidos e podermos relatar nossa trajetória, pois o curso de aperfeiçoamento, me proporcionou outro

olhar para a minha realidade, além do olhar para outros alunos, os meus alunos, me senti tão motivado que pretendi construir um projeto para através de palestras motivar alunos que estejam muitas vezes nessas situações, e não fazer como muitos professores fazem, deixar com que os alunos terminem seus estudos sem saber o que é pobreza, pois conforme Arroyo (2015 , p.7)

No Brasil, os 17 milhões de crianças, adolescentes e jovens beneficiários (as) do Programa Bolsa Família que chegam às escolas públicas com vivências de pobreza e extrema pobreza poderão ter um percurso escolar até exitoso e saírem da escola sem nunca terem ouvido falar da pobreza, sem ter recebido explicações, conhecimentos que os ajudem a entender suas vivências e os processos históricos da produção de sua condição, ou seja, por que são condenados a essa situação.

É muito importante entender a realidade da pobreza para aqueles que estão nela, assim como eu, não sabia a minha condição de pobreza e tinha vergonha dela, foi a parti das reflexões no curso de aperfeiçoamento que isso foi despertado, os tutores sempre nos traziam temas construtivos, sempre na realidade do fatos, as pesquisas que fizemos, apara sabermos sobre alunos beneficiados do bolsa família, se havia alguma mudança na vida daqueles alunos, e qual o impacto teria se caso perdessem este benefício, assim constatando sobre a realidade da pobreza presente nas escolas onde nós professores da área não tínhamos esse olhar para esta abordagem tão viva em nosso dia a dia, mesmo morando e vivenciando. Os debates nos trouxeram grande atenção como o de Miguel Arroyo, falando da educação que existe, e claramente está diante dos nossos olhos, ele fala que a pobreza está em todos os lugares, e de fato está, é impossível ignorar a pobreza que há por todos os lugares que andamos, inclusive nas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de aperfeiçoamento em educação, pobreza e desigualdade social, me proporcionou crescimento, potencializou minha forma de olhar para os meus alunos, e para as demais situações de pobreza que passam muitas vezes despercebidas, de forma criteriosa, mais voltado para as oportunidades que não são dadas para aqueles que fazem parte de classe baixa, daqueles que tem poucas condições para estudar, abrindo mão desse caminho, que leva mudança de vida, e optando na maior parte dos casos em trabalhar.

A forma de como impactou minha vida, também me levou a mudar minha metodologia, por mais que eu já trabalhava a partir do cotidiano dos meus alunos, comecei a modificar e fazer isso com mais firmeza, sempre voltado para realidade do aluno, que muitas vezes, assim como foi relatado por um professor em nossos encontros, que alunos chegam a escola sem ter feito alguma refeição, difícil seria continuar a aula, onde o que ele mais poderia querer momento não seria o conteúdo que seria aplicado, mas a necessidade de se alimentar, para então dar continuidade aos demais coisas.

As pesquisas que foram feitas durante o curso, sobre as crianças que recebiam algum bolsa, de que forma isso modificava a vida deles.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. Os coletivos empobrecidos repolitizam os currículos. In: SACRISTÁN, José Gimeno (Org.). **Saberes e Incertezas sobre o Currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

10 DESIGUALDADE SOCIAL: o óbice para educação

*JULIANA FIGUEREDO PEREIRA
julianafp18@gmail.com*

INTRODUÇÃO

Neste trabalho irei apresentar relatos de minha vivência enquanto educadora e a importância da educação para o desenvolvimento do ser humano em meio à sociedade. Sabemos que a educação é o início da construção da personalidade de todo ser humano. É através dela que passamos a ter visão sobre todo e qualquer assunto que venhamos a discutir, os desafios enfrentados e as experiências somadas. Foram embasamentos primordiais que resultou na minha vida profissional e pessoal de forma enriquecedora. No decorrer de minha vivência alguns pensamentos e teorias de renomados escritores trouxeram o aprimoramento da minha prática enquanto educadora.

Ao me inserir no meio educativo, tive a experiência de vivenciar em alguns processos reflexivos que me serviram de grandes desafios. A luta de forma pessoal contra a desigualdade social que me acompanhou durante toda minha infância foi perturbadora. Sofrer discriminação por pertencer à classe da pobreza e ser rejeitada por “colegas” era algo extremamente constrangedor que já na vida juvenil me gerou curiosidade e estímulo para obter o conhecimento necessário para dar início à luta contra essa tríade Educação, pobreza e desigualdade social que nos rodeia de forma arcaica, de acordo com Miguel Arroyo (2010, p.10).

A imagem dos(as) pobres como ausentes de valores também é reforçada pela mídia, ao mostrara pobreza associada à violência e a crimes, como consumo e venda de drogas, furtos e roubos.

MINHAS FRAGILIDADES E CONQUISTAS

Minha vida não foi nada fácil. Eu me chamo Juliana Figueredo Pereira, nascida aos 26 de outubro de 1987, na cidade de João Pessoa/PB. Tudo começa de lembranças que tenho da difícil infância. Minha família que, segundo história que minha” conta, foi formada contra vontade de muitos, pois minha mãe fugiu de casa aos 11 anos para morar no Belém do Pará devido à grande dificuldade que enfrentava em sua casa e foi trabalhar em casa de família e lá se deu muito bem na vida. Tornou-se governanta e tinha muitos sonhos pela frente, mas o amor “destruiu” tudo. Veio à Paraíba visitar seus parentes e conheceu meu pai, filho de família também pobre e sem nenhum alicerce financeiro ou perspectiva de futuro, porém mesmo assim ela decidiu abandonar tudo pra viver esse grande e único amor até hoje.

Aos meus quatro anos de idade, minha mãe me matriculou em uma escola particular de um bairro comum. Ela vendia tapioca e café para pagar a mensalidade. Lá eu aprendi a ler e escrever aos cinco anos. Como “mainha” não tinha mais condições de pagar, pois a cada passar de ano a mensalidade ficava mais cara, fui estudar em uma escola pública, onde sofri muita discriminação. A vivência na escola pública foi difícil, eu não tinha dinheiro para lanche, se a escola oferecesse merenda, eu me alimentava; se não, tinha que esperar chegar em casa pra almoçar.

Na hora do recreio tinham algumas meninas que tinham seu grupo de amigas. Eu até tentei interagir, porém, não fui aceita por ser tachada de pobre que morava na favela. Contudo, não me faltaram amigas que possuíam o mesmo perfil que eu, e com o passar dos anos fui aprendendo a lidar com essa desigualdade social em meio à pobreza que me rodeava. Quem me fez insistir em uma mudança de vida, além de minha mãe, foram meus professores.

Lembro-me bem que, ao cursar o 3º ano do Ensino Fundamental, minha professora Edmar me chamou a atenção, pois eu já não realizava

mais as atividades passadas para casa, sendo assim ela chamou minha mãe a escola. Eu estava em horário de aula quando “mainha” chegara na sala e fora conversar com a professora que relatou tudo o que estava acontecendo. A reação de minha mãe foi logo me retirar e levar pra casa naquele exato momento. Não esperou nem a aula terminar. No caminho percorrido ela me deu uma surra daquelas, sem falar na lição de moral que faço questão de lembrar sempre que me pego enfrente a um grande desafio de vida. “Você está pensando que vai chegar a algum lugar sem estudar?”, “O que você quer ser desse jeito em menina?”, “A vida é difícil e dela a única coisa que não podem nos roubar se chama o conhecimento, você deve e vai estudar para ser alguém ouviu?”. Essas palavras me impactaram e surtiram um efeito.

Hoje aos 30 anos, sou uma mãe realizada, sonho que conquistei aos 24 anos. Sou estudante de Pedagogia, Técnica em Edificações e trabalho dando aulas de informática e robótica em uma EMEF do município de João Pessoa, atividade pela qual sou apaixonada, pois, devido a esta, eu consigo mudar a vida das crianças com quem trabalho, crianças que pertencem a uma classe de extrema pobreza e sofrem preconceitos até por parte de alguns educadores. Educadores esses que, com sabedoria e educação, podemos mudar suas forma de agir e ver esses alunos, apresentando uma realidade de que a pobreza não é apenas uma condição financeira, ser pobre vai muito além da falta do que comer ou ter o algo para vestir.

Hoje sempre motivo os meus alunos a mudarem sua história de vida a partir da persistência nos estudos, agregando a ela uma educação que nasce de dentro para fora de cada ser humano. A forma como tratamos o outro fala muito a nosso respeito e poderemos destruir essa desigualdade social e discriminação quando eliminarmos de vez toda e qualquer forma de desequilíbrio na educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do curso, não só aprendi sobre a tríade: Educação, pobreza e desigualdade social, mas mudei permanentemente a minha forma de enxergar o que cada um dos temas significa na nossa realidade. Antes pensava que me encaixava em uma classe totalmente excluída de qualquer indício de pobreza, mas não ela é bem real, como diz Miguel Arroyo no vídeo “Reconhecer a pobreza” do cine debate 2 na plataforma do curso. Foi a partir das palavras de Arroyo naquele vídeo que se deu início à mudança de práticas e pensamentos.

Todo educador que tiver a oportunidade, deve realizar este curso, uma vez que ele foi elaborado por professores altamente capacitados e reconhecidos. Um curso que enriqueceu nossa vida por completo. Até porque é desafiador combater algo sem conhecê-lo. O conhecimento que foi adquirido será empregado de forma correta e repassado para colegas de trabalho com o objetivo de mudarmos a vida de nossos alunos.

Por fim, deixo aqui meus agradecimentos de uma forma especial às tutoras Eliana Shirley Lisboa e Kilma Cunha.

REFERÊNCIAS

DEMO, P. **Combate à pobreza: desenvolvimento como oportunidade**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Escola: espaços e tempos de reprodução e resistências da pobreza**. Brasília: MEC, 2010.

11 RELATO DE UMA TRAJETÓRIA: do sertão à capital

KHADIDJA DE BRITO CARTAXO
khadidjacartaxo@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Nesse capítulo, tive por objetivo contextualizar a minha vida pelo viés da educação, desde os primeiros anos letivos até os dias atuais. A educação é a base para nossa vida. É o que nos move, é que faz de nós seres críticos e faz com que tenhamos autonomia durante a aprendizagem de novos conhecimentos. A educação nos faz ter interesse em vários assuntos e nos torna pessoas plurais.

Freire diz (1992): a leitura exige uma postura crítica e aberta, radical e não sectária, exige disciplina e rigor, além da paixão de conhecer. A construção desta postura diante do estudo de um texto é uma exigência na formação de educadores com competência e compromisso. Isso só reafirma a importância da educação na construção do indivíduo.

Assim, a escolha por este tema nasce do pequeno relato sobre a minha trajetória educacional, que tem início no sertão da Paraíba, na cidade de Cajazeiras, local onde nasci, até a cidade de João Pessoa, passando por Guarabira, conhecida como Rainha do Brejo.

MINHA CAMINHADA

Minha vida de estudante começou na cidade de Cajazeiras, sertão da Paraíba, mais precisamente na escola Nossa Senhora de Lourdes. Não me lembro muito dessa época, pois era muito criança, mas me lembro que só estudei um ano lá, devido a nos mudarmos para João Pessoa no ano seguinte e a ser escola de freira.

Estudei em algumas escolas na cidade. Lembro que sempre mudava de escola, mas não sei o motivo e nunca me interessei de saber o porquê. Mudamos-nos, então, para o bairro da Torre e fui estudar em uma escola pequena de bairro juntamente com meu irmão mais velho e gostava de lá. Continuamos na escola mesmo quando mudou de endereço. Eu outro irmão sempre se esquecia de ir nos buscar e isso me marcou muito até hoje, depois de vários episódios de esquecimento, fomos autorizados por nossa mãe a voltarmos sós para casa. Era uma escola muito boa e tenho boas lembranças.

Fiquei nessa escola até a 5ª série. Depois, morando no bairro dos bancários, fui estudar em outra escola particular, dessa vez uma escola maior e de renome, mas prefiro não falar muito sobre minhas experiências lá, foram muito negativas. Sofri *bullying*, meu rendimento escolar caiu muito a ponto de perder o ano e fiquei reprovada em matemática e ciências. Meus pais ficaram arrasados.

A única coisa boa que aquela escola me trouxe foi o amor pela disciplina de História. Era a única aula que eu gostava e até hoje me lembro do nome do professor que me fez gostar e ver a História por outro viés. Seu nome era Alexandre.

Depois que perdi o ano nessa escola, fui obrigada pela minha mãe, como forma de punição (naquela época ela via como punição) fazer o teste de seleção da Escola Argentina Pereira Gomes, escola do estado. Fiz e passei, começando assim minha vida educacional em escolas públicas.

No começo foi complicado porque é outra realidade: o ensino é diferente, o tratamento, as pessoas que frequentam, é tudo muito diferente, em outras palavras, é um choque de realidade. Isso me remete a um texto que li uma vez, no qual o autor fala sobre a idealização dos pais para que seus filhos estudem em escola particular. Ele diz: “Concordo que o primeiro pensamento de um pai de aluno deve ser o de que seu filho deve estudar numa escola particular, pois as escolas públicas são “piores”. A sociedade como um todo, inclusive os jornais, fizeram essa interpretação” (FARIAS, 2015).

De toda forma, estudei. Gostava da escola e fiz amizades. Por outro lado, tive que aprender a ir e voltar sozinha para a escola (de ônibus), o que para alguns é uma forma de independência, mas eu tinha pânico. Ia e voltava todos os dias com medo, mas ia. Tinha que ir.

Enfim, nessa escola me deparei com algumas formas de desigualdade, de preconceito e afins. Alguns alunos tinham mais condições e ficavam rindo dos alunos que iam pra fila da merenda ou que não tinham material escolar completo. Também não me lembro de nenhum projeto escolar para combater ou prevenir tais ações. Sobre desigualdade no âmbito escolar, Cury (2008) diz: “A educação escolar, similarmente a outras dimensões da vida sociocultural, coexiste, em países marcados pela desigualdade, com o fato de ser inclusiva e seletiva nos modos e meios dessa inclusão educacional”.

Passsei três anos lá (6º, 7º e 8º) e fui estudar no Lyceu Paraibano e cursar o ensino médio. No Lyceu, a maioria dos estudantes vinha da classe média, com melhores condições financeiras, então vi poucas situações de desigualdade, até questioneei alguns amigos da época que estudaram comigo e eles também não identificaram.

Lógico que existiam alunos com menos condições e, para piorar, na minha época, no ensino médio não era servida merenda escolar, então algumas vezes isso era complicado para quem não podia comprar lanche todo dia. Hoje se não me engano, o lanche é oferecido.

O Lyceu sempre foi conhecido como uma boa escola e era. Não me arrependo de ter estudado lá. Aprendi na época a gostar de matemática e, apesar de ser muito bagunceira, tirava boas notas. Só fui para final no 3º ano e na matéria menos provável, pelo menos para mim: Inglês, o que era um absurdo para minha mãe, que na época era professora da mesma disciplina.

Quando terminei o ensino médio, fui trabalhar no comércio e deixei o estudo de lado. Eu tinha pretensão de ir para a Universidade, mas não tinha pressa e nem sabia o que fazer.

Depois de dois anos afastadas dos estudos, fiz o teste de seleção para o IFPB, sem grandes pretensões e sem estudar. Fiz a inscrição para o curso técnico de Recursos Naturais, passei e na mesma época prestei vestibular

para o curso de Licenciatura em História pela UEPB de Guarabira, no qual fiquei na lista de espera em 7º lugar. Enquanto isso, fui cursando o IFPB, que era no turno da tarde.

Quando fui chamada na UEPB, transferei o IFPB para o turno da noite, mas com o passar do tempo fui me cansando porque ia todo dia pra Guarabira e à noite ia direto para o IF. Não deu certo, então abandonei o técnico, dedicando-me somente ao curso superior. Arrependo-me um pouco por ter abandonado, pois era um curso muito bom, apesar de ter muita química e física, disciplinas às quais nunca fui muito dedicada. Hoje alguns amigos que estudavam comigo na época estão bem profissionalmente e trabalhando na área.

A estrutura da UEPB/Guarabira era bem precária. Na realidade, parecia mais um grupo escolar. Tinha uma granja da Guaraves próximo e o cheiro de ração era o nosso odor diário. Contudo, era um bom ambiente, pois tudo era muito próximo e menos burocrático. Tinha alunos de todas as regiões: João Pessoa, Cruz do Espírito Santo, Sapé, Cuitegi e até alunos do estado do Rio Grande Norte. Era tudo muito simples e às vezes éramos surpreendidos por alguma vaca ou bezerro dentro da sala de aula, o que era muito engraçado. Na época (2005), existiam no *campus* os cursos de Direto, História, Geografia e Letras, distribuídos nos três turnos.

Mas nem tudo são flores, a ida e a volta para assistir aula eram muito cansativas. Pegava um ônibus na principal dos Bancários às onze da manhã e chegava a Guarabira quase duas da tarde todo dia, sempre chegando atrasada. Na volta saíamos às 17 horas e eu chegava em casa as 19:30. O ônibus vinha parando em Sapé, em Santa Rita, Bayeux, centro de João Pessoa, outros bairros e depois eu descia, sempre muito cansada e sem ânimo, Hoje acho que teria mais coragem de fazer isso.

Era um “sofrimento” que todos os alunos passavam, porém para a maioria dos alunos das cidades vizinhas o ônibus era gratuito, sendo disponibilizado pela prefeitura, menos o de João Pessoa, que era particular.

Com dois anos de UEPB, prestei vestibular para UFPB, curso de Biblioteconomia. Novamente tentei conciliar cursar dois períodos, mais

uma vez não deu certo, pois meu rendimento caiu nos dois cursos. Não conseguia focar em nada e cada vez mais cansada, algumas vezes tive até que tomar remédio para conseguir estudar.

O período do TCC foi complicado. Passei três meses totalmente dedicados ao meu trabalho e tinha um orientador maravilhoso, o professor Fabrício Morais. O tema do meu TCC foi “O Cangaço no Baile Formado”.

No fim, terminei meu curso de História. Nessa altura, já estava cada vez mais difícil ir pra Guarabira, porque o ônibus que eu pagava já não existia mais. Eu ia todo dia para a rodoviária pegar um ônibus até Sapé para de lá pedir carona ou pegar um alternativo pra Universidade e, na volta, a mesma coisa; e fui cursar Biblioteconomia (já estava totalmente desbloqueada e com o CRE baixíssimo). Foi um desafio muito grande.

Foi difícil, mas consegui recuperar as notas. Já não tinha mais que ir para UEPB, então foi mais fácil me dedicar. O curso de Biblioteconomia é muito bom e bem teórico, requer bastante leitura e o vi como uma saída profissional, já que não queria ser professora, tendo percebido isso já perto de terminar o curso de História.

História é um curso lindo, mas não me vi sendo professora, mesmo depois de tudo que passei nesses anos indo pra Guarabira e de todo sofrimento diário. Não quis seguir essa profissão e foquei em biblioteconomia. Terminei o curso em 2014 e desde então meus estudos são focados para a área. Estou cursando Pós-graduação em Gestão de Bibliotecas Públicas e Privadas. O curso é à distância e termino agora no final de 2018.

Quando terminei as duas graduações, tive a oportunidade de assumir algumas salas de aula como professora de História. Dei aula em duas escolas municipais em João Pessoa, mas realmente percebi que não era aquilo que eu queria. Procurei então outras formas de trabalhar na área, sem me limitar à sala de aula.

Surgiu, então, a oportunidade de trabalhar na Secretaria de Educação do Município, como Assessora Técnica, dando suporte pedagógico junto às escolas. O trabalho resume-se em acompanhar o trabalho das escolas, dando suporte nesse acompanhamento.

Acompanhamos se a escola segue o PPP (Projeto Político Pedagógico) que é entregue na Secretaria e desenvolvido pela própria escola. Assim como também se os programas estão sendo colocados em prática. Muitas vezes o administrativo e o pedagógico se misturam, atrapalhando um pouco o andamento do trabalho.

Trabalhei como Assessora Técnica Pedagógica por dois anos, depois fui convidada para outro setor, onde atuo como Assistente Administrativa, uma área nada a ver com minha vida Acadêmica. É um setor pedagógico e tento ao máximo extrair todo conhecimento de lá, pois é formado por grandes profissionais da Educação, entre elas o Professor Gilberto Cruz, que é o Diretor do setor.

No mais o que posso falar sobre a minha vida profissional é que, paralelo ao trabalho desenvolvido na PMJP/SEDEC, dedico-me aos estudos para passar em um concurso na área da Biblioteconomia, o que agora tornou-se mais difícil, graças ao nosso digníssimo Presidente da República em Exercício Michel Temer, assinou e publicou o decreto n. 9262/2018, que “Extingue cargos efetivos vagos e que vierem a vagar dos quadros de pessoal da administração pública federal, e veda abertura de concurso público e provimento de vagas adicionais para os cargos que especifica.” Ou seja, nada de concurso por um bom tempo.

Em relação a minha vida profissional, não posso dizer que estou realizada, pois ainda falta muito para isso acontecer, mas estou correndo atrás, tentando melhorar e buscando sempre mais conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de vários problemas encontrados na sociedade em que vivemos, como desemprego, violência, corrupção, desvalorização dos profissionais da educação, corte de verbas federais, fome, desigualdade social, etc., a educação tem um papel fundamental, que é o de fornecer o conhecimento, para que o cidadão possa participar efetivamente das mudanças e lutas pelos seus direitos frente à sociedade.

Trabalhar com educação é uma luta diária e cada dia é uma vitória a ser conquistada. Na minha construção pessoal, vivenciar a educação trouxe-me grandes experiências. Aprendi que nunca devemos parar de buscar o conhecimento e essa busca deve ser incessante.

A partir do Curso de Aperfeiçoamento em Educação, Pobreza e Desigualdade Social, pude enxergar com outro olhar questões que até então ainda não havia vivenciado. A desigualdade social é um tema que precisa ser disseminado e esclarecido em todos os ambientes, mas nas escolas precisa de um cuidado maior. Por meio desse curso pude observar com um pensamento mais teórico e crítico que partiram das leituras feitas pelo curso.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Escola pública e escola particular:** semelhanças de dois imbróglis educacionais. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/3995/399537952002/> Acesso em 06 de julho de 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido, São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GAMA, Thalita. **Impacto do Decreto nº 6292/2018 nos cargos e concursos para bibliotecário.** Disponível em: <https://santabiblioteconomia.com/2018/01/14/impacto-do-decreto-n-9262-2018-nos-cargos-e-concursos-para-bibliotecario/> Acesso em 06 de julho de 2018.

12 MINHA EXPERIÊNCIA: falhas existentes na educação

LIVIA NASCIMENTO DA SILVA
liviamirraily@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de mostrar as dificuldades por mim encontradas durante a minha vida estudantil, discutindo sobre questões relacionadas à pobreza e à desigualdade social e seus impactos sobre o alunado das escolas públicas brasileiras. A falta de investimento na educação resulta na superlotação e falta de condições de ensino nas escolas. Como consequência, muitas vezes a formação dos alunos é falha ou o nível de aproveitamento é muito baixo.

A falta de comprometimento do corpo docente das instituições de ensino nas quais estudei, nas modalidades de ensino fundamental e médio, trouxe muitas dificuldades para a minha vida. Hoje, universitária, sinto falta do que deveria ter aprendido devido à péssima qualidade de ensino que tive nas escolas públicas pelas quais passei na minha vida estudantil.

Assim, apresentarei diversos períodos de tempo da minha vida. Deldado (2003) afirma:

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica em durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro (DELGADO, 2003, p. 10).

Relembrar tudo o que foi vivenciado por mim até agora me faz pensar em possibilidades de um futuro diferente, principalmente pelo

fato de estar na universidade hoje, apesar de todos os problemas que enfrentei em relação a minha educação.

Tempo, memória, espaço e história caminham juntos. Inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela história. A relação tencionada acontece, por exemplo, quando se recompõem lembranças, ou se realizam pesquisas sobre guerras, vida cotidiana, movimentos étnicos, atividades culturais, conflitos ideológicos, embates políticos, lutas pelo poder. Sem qualquer poder de alteração do que passou, o tempo, entretanto, atua modificando ou reafirmando o significado do passado. Sem qualquer previsibilidade do que virá a ser, o tempo, todavia, projeta utopias e desenha com as cores do presente, tonalizadas pelas cores do passado, a possibilidades do futuro almejado (DELGADO, 2003, p. 10).

Sou filha de Maria José Nascimento da Silva, funcionária pública da Prefeitura Municipal de Curral de Cima – PB, onde trabalha como Auxiliar de Serviços Gerais há 19 anos. Meu pai chama-se Risonaldo José da Silva e trabalha como agricultor desde sua infância até o presente momento. Tenho dois irmãos mais novos que ainda estão cursando o Ensino Fundamental. Nasci na cidade de Guarabira – PB, mas desde esse momento, moro no sítio Pedra Furada, no município da cidade de Curral de Cima – PB, e posso dizer que é um lugar de paz e tranquilidade para se viver.

Como a dificuldade para estudar era constante, este ano, com dezoito anos, mudei-me para a cidade com meus irmãos e moro com eles até o momento. Trabalho durante o dia e estudo no período da noite, mas nem o cansaço diário me faz desistir dos meus objetivos.

Sempre estudei em escolas públicas, nas quais o ensino era de boa qualidade. Durante minha vida acadêmica, enfrentei muitas dificuldades, pois minha família não tinha condições de oferecer sempre o melhor. Mas nenhuma das dificuldades impediu que eu continuasse lutando e conquistando tudo o que tenho hoje.

Comecei a estudar quando tinha apenas três anos de idade na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental da Pedra Furada, município de Cural de Cima, na qual frequentei todo o Ensino Fundamental I. Durante esse período, sempre existiram muitas dificuldades em relação à estrutura da escola, muitas vezes não tinha merenda para todos os alunos que ali estudavam. Contudo, os professores faziam o possível para nos sentirmos aconchegados naquele ambiente escolar.

Toda a infância morei no sítio e acredito que esse fator contribuiu bastante para minha formação, pois onde estudava não existia nenhum tipo de discriminação, seja ela social, racial ou de gênero. Nossos pais participavam de tudo que se relacionasse a formação educacional de cada um de nós. Os professores na sala de aula eram respeitados como se fossem nossos pais, pois desde o início aprendíamos que dentro do ambiente escolar os responsáveis por nós eram os professores.

Como comecei a estudar muito cedo, os resultados também vieram antes do esperado. Fui alfabetizada muito nova e logo passei a ler e escrever tudo que via pela frente. Além disso, sempre me encantei pelos números e rapidamente aprendi as quatro operações que são essenciais para usarmos em nosso dia a dia.

Com nove anos de idade, comecei a estudar no Ensino Fundamental II e tudo começou a mudar, pois tive que mudar de escola e essa mudança me afetou um pouco. As comparações vinham a todo o momento em minha memória, como por exemplo, a estrutura, enquanto uma escola era muito pequena, a outra era enorme e a quantidade de alunos também era muito diferente. Com o decorrer dos anos me adaptei e fiz muitas amizades, algumas das quais levo comigo até hoje; e comecei a exercitar tudo que havia aprendido anteriormente. Minhas notas sempre foram ótimas, principalmente em matemática.

Durante o período do ensino fundamental II, a questão da pobreza e das desigualdades sociais foi cada vez mais frequente na sala de aula. Lembro que muitas vezes fui desrespeitada por conta da cor da minha pele ou por minha condição financeira. Contudo, isso nunca me abalou, pois sempre fui apoiada por minha família para continuar minha vida acadêmica.

DO ENSINO MÉDIO AO SUPERIOR

Ingressei no Ensino Médio estudando na Escola Estadual de Ensino Médio Henrique Fernandes de Farias. A estrutura da escola encontrava-se em estado precário; os professores não eram comprometidos com os alunos, muitas vezes iam à escola, mas não davam aula. Durante dois anos e meio não tive professor de química, disciplina que é essencial para a prova do Enem.

No ano de 2016, com dezesseis anos, comecei a estudar o 3º ano, e mesmo estando prestes a concluir o Ensino Médio, nada tinha mudado. As aulas vagas continuavam. Os professores não chegavam para dar suas aulas, e quando iam, não se importavam com a educação do alunado que ali estava para aprender o conteúdo que esses deveriam ensinar em sala de aula.

A estrutura da escola oferecia muitos riscos: as paredes eram rachadas; os insetos atrapalhavam; o teto ameaçava cair a qualquer momento. Faltava tudo naquela escola, cadeiras decentes para sentar, merenda de qualidade, e, às vezes, nem tinha um lugar seguro para nos abrigar. Além disso, não tinha nenhum material de apoio ao professor,. Apesar disso tudo, foi naquele lugar onde eu vivi algumas das maiores felicidades da minha vida.

Particpei dos jogos escolares jogando no time de handebol, viajei para outras cidades, ganhamos troféus e medalhas. Percebi que muitas vezes o que falta em uma escola são professores comprometidos que ainda acreditem no seu ofício, pois na minha escola, apesar de não ter quase nada, tinha felicidade, e para mim era isso que importava.

Mesmo estudando toda minha vida em escolas públicas e enfrentando muitas dificuldades por conta da desigualdade de classes sociais, conclui o Ensino Médio e consegui ingressar na Universidade Federal da Paraíba no curso de Licenciatura em Matemática. Hoje me sinto realizada, pois enfrentei muitos obstáculos e aos poucos consegui ultrapassar todos para conseguir realizar meus sonhos.

POBREZA E DESIGUALDADE SOCIAL NOS DIAS ATUAIS

A desigualdade social no Brasil é um problema que afeta grande parte da população, apesar de nos últimos anos ela ter diminuído. Embora o Brasil esteja entre os dez países com o PIB mais alto, é o oitavo país em o maior índice de desigualdade social e econômica do mundo. Posso citar como motivos a falta de acesso a uma educação de boa qualidade, os baixos salários e a dificuldade de acesso aos serviços básicos. Decorrente, essencialmente, da má distribuição de renda, as consequências da desigualdade social no Brasil são observadas pela favelização, pobreza, miséria, desemprego.

Em decorrência, esses aspectos influenciam diretamente a construção da identidade coletiva de cada grupo social, que é fundamental para o autoconhecimento como sujeito. Segundo Valéry (1960), a identidade possui propriedades conhecidas que:

Fazem sonhar, embriagam os povos, engendram neles falsas lembranças, exageram seus reflexos, conservam suas velhas feridas, atormentam-nos no seu repouso, conduzem-os ao delírio de grandezas ou ao da perseguição, tornam as nações amargas, soberbas, vãs, insuportáveis (DELGADO, 2003, p. 14 apud VALÉRY, 1960, p. 935).

Passado tanto tempo, a precariedade na educação é um dos problemas sociais do nosso país. Isso porque há crianças que ainda não têm acesso ao ensino formal ou as escolas que frequentam estão lotadas e oferecem poucas condições. Como consequência, essas crianças têm menos oportunidades. Um dos maiores problemas é que o Brasil não investe na educação de forma adequada, apesar de que investe mais em educação do que alguns países desenvolvidos.

E esse mau investimento na educação afeta todos os alunos que se encontram nas escolas públicas do país. A formação do docente é outra questão a ser tratada. Muitos lecionam disciplinas sem nenhum tipo de

formação, e o incentivo de remuneração é muito pouco, fazendo com que o profissional não mostre seu melhor para o aluno.

Uma vez que as escolas não estão preparadas para receber a todos, deixa passar ao largo o acompanhamento as crianças, e em consequência disso, surge o baixo rendimento escolar. Essas crianças acabam atrasando o ensino e desistem.

CONCLUSÃO

O curso de aperfeiçoamento em Educação, Pobreza e Desigualdade Social teve como finalidade provocar debates e reflexões propondo ações, sobretudo no que se refere à educação, envolvendo sujeitos que vivenciam a experiência da pobreza. Mostrou a importância das discussões a partir dos textos e vídeos apresentados nos fóruns e me fez ter um olhar mais humano para com as pessoas que vivem em situação de pobreza.

Além disso, proporcionou a possibilidade de contar um pouco sobre a minha experiência de vida como alguém que também vem de um contexto de pobreza.

REFERÊNCIAS

DELGADO, L.A.N. **História oral e narrativa**: tempo, memória e identidades. HISTÓRIA ORAL, n. 6, 2003, p. 9-25.

TODA MATÉRIA. **Educação no Brasil**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/educacao-no-brasil/>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

13 NARRATIVA DE VIDA: marcas da pobreza e da desigualdade social

LUCIANO DUARTE DA SILVA
luciano.duarte2013@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendo compartilhar com professores e estudantes do Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social minha narrativa de vida, minhas memórias em relação às marcas deixadas pela pobreza e pela desigualdade social. O curso é voltado para a formação continuada de professores comprometidos com a educação, que acreditam na capacidade humana independente do grupo social ao qual o indivíduo pertence. Este trabalho apresenta minha trajetória de vida, que vai da dificuldade à superação alcançada a partir da educação.

Diante disso, justifico minha escolha de mostrar de forma sucinta a minha experiência de vida, que acredito ser a realidade de muitos em nosso país e no mundo. Expor as lembranças de momentos que marcaram minha vida me fez mergulhar nos sonhos que busquei conquistar em minha trajetória de vida. Essas lembranças surgiram mais fortes a partir do momento em que busquei refletir, por meio do Curso de Aperfeiçoamento, que é possível idealizar nossos anseios e que estes serão possíveis por intermédio das nossas ideias e do nosso trabalho.

Sinto-me feliz e honrado, porque sei que meu relato de vida demonstra não apenas as dificuldades da vida, mas que é possível inovar, que é possível conquistar nosso espaço. As lições que aprendi poderão ser sementes a plantar na mente das pessoas que tiverem a oportunidade de fazer leitura destas memórias. Buscar nas memórias esses momentos me faz reviver as possibilidades de fazer diferente, pois são essas perspectivas que mantêm as chamas da esperança acesa.

História como a minha são coisas que devemos manter sempre vivas, pois é combustível necessário para fazer continuar vivo tudo aquilo que sonhamos realizar e realizamos. Contudo, o interesse pela narrativa de vida está ancorado na reflexão sobre a vida injusta que a sociedade proporciona, pela reflexão frente às oportunidades que deixamos de abraçar por causa da desigualdade social presente em nosso país. Apresento ao longo do trabalho um resumo dos momentos que marcaram minha vida e que é preciso manter sempre vivos na mente e no coração, para não esquecermos nossa origem e nossa identidade. Em seguida as considerações finais trazem as contribuições do Curso de Aperfeiçoamento para minha vida pessoal e profissional; bem como as referências que me ajudaram a fundamentar as ideias.

NARRATIVA DE VIDA

Eu sou Luciano Duarte da Silva, nascido em 22 de dezembro de 1982 no município de Araçagi-PB, filho de Severino Belo da Silva e Josefa Duarte da Silva, ambos agricultores, pessoas muito humildes, que desde muito cedo aprenderam que na vida nada acontece se não nos esforçamos e buscarmos nossos interesses. Minha trajetória baseia-se na história de meus pais, que me ensinaram que só por meio da educação eu conseguiria atingir meus objetivos. E como aprender isso com pessoas que não tiveram nenhum contato com a escola? Pois é, foi exatamente isso que me aconteceu. Irmão de mais três, eu tive que tomar decisões que foram fundamentais para minha vida. Aprendi desde muito cedo que é necessário muito discernimento e conhecimento de causa para lidar com as adversidades no convívio social.

Meus pais moraram por quatorze anos em casa de fazenda, e o pagamento pela moradia cedida seria o trabalho braçal diário. Minha mãe tinha como obrigação cuidar das atividades domésticas e ainda das atividades na roça. Aos meus três anos de idade, meus pais conseguiram comprar uma pequena área de terra com muito esforço, e assim veio a

possibilidade de construírem um lar, fruto de todo o trabalho árduo, que traria, no futuro, sossego e paz.

Minha mãe contava que naquela época meu pai saía para o mato e de lá conseguia trazer madeira para a construção da nossa pequena casa de pau-a-pique, e que quando todo o esqueleto já estava montado e coberto, ela nem mesmo esperou que fosse revestida de barro para que ela pudesse morar nela. Ela lembra que a primeira noite que dormiu lá com meu irmão mais velho era como se estivesse no céu, pelo simples fato de poder sossegar em seu próprio lar. A partir daí as coisas começaram a melhorar, uma vez que começamos a trabalhar também um pouco para nós mesmos, mas mesmo assim as dificuldades continuavam, pois as circunstâncias de uma sociedade desigual nos obrigavam a depender economicamente de trabalhos pesados para sobreviver.

Diante disso, o sentimento que fica ao ter vivido toda essa problemática junto aos meus pais é simplesmente de vitória. O fato de ter visto e vivido tantas dificuldades, pobreza e desigualdade social não me levou à condição de inferioridade, mas despertou em mim o desejo de continuar lutando por dias melhores. Segundo Delgado (2003):

Sem qualquer poder de alteração do que passou, o tempo, entretanto, atua modificando ou reafirmando o significado do passado. Sem qualquer previsibilidade do que virá a ser, o tempo, todavia, projeta utopias e desenha com as cores do presente, tonalizadas pelas cores do passado, as possibilidades do futuro almejado (DELGADO, 2003, p. 10).

Todos esses processos vividos pela desigualdade social me trouxeram lições que levei ao longo dos anos e que tenho transmitido não como um momento de sofrimento, mas como motivos para continuarmos e vencermos.

Aos treze anos de idade, precisava me deslocar da zona rural para a cidade para poder estudar, para isso, era necessário fazer um percurso de doze quilômetros a pé para pegar o ônibus que nos levaria à escola.

Lembro que um dia meu pai me apontou uma enxada que estava no canto da parede da nossa casa de pau-a-pique e disse que se eu não estudasse, aquela enxada seria meu destino. Aquilo que ouvi foi o combustível principal para eu continuar. Nesse período, lembro que fazia a quinta série do Fundamental II, e a escola era municipal. Os conteúdos teriam que ser xerocados por aqueles alunos que não tinham condições de comprar livros, e isso fez minha mãe tirar muito choco de galinhas para eu pagar as apostilas, pois dinheiro nos faltava, e muito. A escola ficava situada na cidade de Mari, e essa dificuldade me acompanhou até a conclusão do Ensino Médio.

Recordo-me claramente que, já com dezesseis anos, o transporte cedido pela prefeitura local apresentava condição precária. No dia 21 de setembro de 1999, fazendo o percurso para a escola, o transporte apresentou problemas na BR que liga as cidades Mari e Guarabira-PB. O resultado deste problema foi um grave acidente que levou dez pessoas a óbito. Na época, já carregando o peso de toda uma problemática social, cheguei a pensar em desistir. Muitos dos que presenciaram este acontecimento desistiram por falta de encorajamento, e eu, após três dias de muita tristeza, consegui superar e assim continuar a caminhada. Conforme Delgado (2003):

A História como manifestação do fazer coletivo incorpora vivências individuais e, por decorrência, no mínimo duas dimensões: temporal coletiva e temporal individual. Dimensões que, acopladas, conformam experiências únicas, através de uma dinâmica que reconstrói o passado ao tecer sua representação no presente, plasmando em um único enredo a trama das vivências coletivas (DELGADO, 2003, p. 13).

Após tudo isso, em 19 de dezembro de 2002, consegui concluir com êxito o Ensino Médio, e naquele momento me senti muito feliz e honrado, pois fui o primeiro na zona rural onde morava a concluir. Após seis anos dei continuidade aos meus estudos, ingressando no Ensino Superior. Usando as palavras de Lowenthal (1981, p. 73 *apud* Delgado, 2003):

Conhecer o passado é uma façanha tão extraordinária quanto alcançar o infinito ou contar estrelas, já que, mesmo bem documentado, ele tende a se tornar fugidivo e imenso em sua extraordinária dimensão e variedade de situações. O passado apresenta-se como vidro estilhaçado de um vitral antes composto por inúmeras cores e partes. Buscar recompô-lo em sua integridade é tarefa impossível. Buscar compreendê-lo através da análise dos fragmentos é desafio possível de ser enfrentado (DELGADO, 2003, p. 13-14).

Em relação aos momentos vividos durante minha trajetória profissional, o convívio diário com as diferentes classes sociais me fizeram enxergar no outro possibilidades de superação, superar para inovar e inovar para ajudar. Mesmo com tantas dificuldades, as experiências nos permitem momentos de reflexão intrapessoal, com o objetivo de nos tornarmos pessoas melhores, e isso só é possível quando compreendemos a importância da alteridade.

Ainda na trajetória profissional, pude observar a simplicidade de meus educandos, seus anseios e necessidades, lembrar-me da minha experiência de vida e poder através do processo educacional enxergar a melhor forma de ajudá-los. Tudo isso me fez olhar a educação como um meio de ruptura de um contexto de pobreza e desigualdade social. Quando volto no tempo, um turbilhão de emoções me aparecem, e como Bloch (1990) diz:

A aplicação à história dos dados da filosofia, da ciência, da experiência individual e coletiva tende a introduzir, junto destes quadros mensuráveis do tempo histórico, a noção de duração, de tempo vivido, de tempos múltiplos e relativos, de tempos subjetivos ou simbólicos. O tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta (BLOCH, 1990, p. 9).

De uma forma geral, minha narrativa de vida, minhas memórias, que por sua vez “alimentam” minhas perspectivas, trazem as marcas

que senti na pele, o peso da pobreza e da desigualdade social, vividas pela escassez material, privação das condições mais básicas para viver dignamente como qualquer outro ser humano de classe mais abastada, o que de certa forma interferiu no processo educativo.

As marcas que ficaram também tem a ver com o aprendizado que internalizei e levo comigo até hoje, pois através delas tracei metas para superar as dificuldades e, com isso, na medida do possível, inspirar outras pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posso afirmar que o Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social foi de extrema importância para o aprofundamento de meus conhecimentos. Pude, no decorrer do curso, entender a importância da socialização no processo de formação pessoal.

Procurar compreender que o meio em que se convive em sociedade, com seus problemas individuais, analisando as causas internas e externas dessa problemática, é fundamental para compreendermos o outro e a nós mesmos, dentro dessas limitações. O Curso de Aperfeiçoamento tem me proporcionado maior compreensão do meio em que vivemos por intermédio do reconhecimento interpessoal das nossas limitações. Participar, dialogar, mostrar que é possível conquistar pela luta e esforço fortalece as ideias faz-nos inovar, faz-nos continuamente desejar alcançar nossos objetivos, seja no convívio familiar ou no trabalho.

A importância de aprender e compreender as limitações da educação frente a grande problemática da pobreza e da desigualdade social me levou a querer entender o outro como a mim mesmo, e querer dar meu melhor no âmbito profissional. Minhas limitações, meus anseios, meus desejos não podem ser maiores do que as oportunidades que devo oferecer aos meus alunos, pois estes também são marcados pela desigualdade social.

A observação do outro, proporcionada pelo Curso, fez-me reviver todo meu percurso de vida. Porém, o Curso mostrou também que é

possível entender as limitações que temos como uma realidade que pode ser capaz de nos levar a superar e inovar para melhorar, que é possível idealizar através da observação, da insistência e da força de vontade de querer se desenvolver.

O curso mostrou como somos capazes de fazer muito com tão pouco, pois com a observação, no dia a dia, da pobreza e das desigualdades sociais, podemos enxergá-la com um meio de olhar para o outro, enxergar a realidade do outro, como aconteceu comigo mesmo.

As desigualdades sociais, que trouxeram consigo a pobreza, tem sido motivo de debate no mundo. Falta igualdade entre as pessoas, por isso temos vivido um problema que parece irreparável, pois quem tem vale muito, e quem não tem, nada vale. Nesse jogo, poucos enriquecem e muitos empobrecem. Dessa forma, podemos afirmar que são necessárias políticas públicas voltadas para essa questão, de extrema importância para o mundo, que influencia direta e indiretamente a vida de cada sujeito.

Muitas indagações surgem em forma de reflexão: como é possível, por exemplo, um país e estado que lucra muito falir? Como é possível um país ou estado gerar tanta miséria? As desigualdades e a pobreza são o resultado da falta de planejamento daqueles que têm a obrigação de administrar os bens que são de interesse de um povo, de uma coletividade. Assim, podemos considerar a importância de um olhar diferente para essa questão que não está apenas localizado nas pequenas cidades, mas também está internacionalizado nos grandes países e nas grandes cidades do mundo.

Ao olhar para próximo, devemos escolher um olhar diferente, sem preconceito oriundo dessa problemática, e acreditar que, independente da classe social, todos são capazes, são sujeitos de direito. Tiramos lições para a vida por meio das discussões no Curso. Que essas sejam postas em prática no cotidiano, com o intuito de procurar resolver, na medida do possível, um contexto de desigualdades, pobreza e questões sociais que tanto tem gerado sofrimento, miséria e descontentamento entre as pessoas que nos rodeiam.

São essas lições que ficam, inovar sempre, pois a educação é o caminho principal para compreendermos e enxergarmos no outro a verdadeira mudança, seja ela política, social, cultural ou econômica. O Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social se fez com acolhimento, com entendimento, com reflexões e termino com a vontade de me aperfeiçoar sempre.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. In: LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990. Disponível em:<<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. 2003. Disponível em:<https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO,%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2018.

14 REFLEXÃO DE UMA EDUCADORA: a importância da família no contexto educacional

LUCIMARES SÍLVIA DA CRUZ
lucimarescruz697@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de relatar a minha trajetória de vida quanto educadora e minha reflexão de que a participação da família no contexto educacional é de suma importância. Diante das deficiências e dificuldades de aprendizagem, visa-se focalizar a real questão, que os pais não sabem quais as dificuldades dos filhos e nem se propõem a auxiliá-los na escola.

A família é base e estrutura de seus elementos constitutivos; a forma de educar os filhos mudou; o respeito mútuo, a autoridade e moral dos pais tornaram-se pífia, com o tempo perdeu a (lei) representação da autoridade paterna, autoridade essa que suficiente para coordenar e determinar limites, discutir caminhos e resoluções em harmonia, haja vista a educação familiar existiu, mas, atualmente fragilizada, enfrenta a desestruturação. Para Arroyo (2013), a escola possibilita e “provoca saberes não só para os educadores que as vivenciam, mas também para os conhecimentos dos currículos” criatividade e compreensão no trabalho de reestruturação da família e sociedade (ARROYO, 2013, p. 113-165).

MINHA VIVÊNCIA ESCOLAR

Minha vivência escolar iniciou no primeiro ano primário no final da década de sessenta, não fiz jardim da infância. Sendo alfabetizada, não demorou muito já comecei a ler e em seguida escrever. No terceiro ano eu já estava lendo escrevia legível e com estética. Minha letra era bastante

elogiada e eu tinha incentivo dos meus avós que sempre me abençoavam e falavam que eu seria uma professora.

Na passagem do Fundamental I, para o Fundamental II, fui reprovada na admissão. Eu morava com meus avós, e na semana da prova fui forçada por meus pais a voltar para casa deles, eu não queria, e penso que tive uma depressão, uma tristeza profunda me invadiu durante muitas semanas. Meus pais passavam por dificuldades. Neste ínterim estavam construindo uma casa com mais quatro filhos, meus irmãos, para educar e sustentar financeiramente. Era preocupante.

No oitavo ano desisti de estudar para trabalhar e me manter. Foi um tempo considerável sem estudar. Durante esse tempo, sonhei muitas vezes na escola estudando. Como sentia falta! Depois de casada, quando já era mãe, eu enfrentei as adversidades e reiniciei meus estudos. No ensino médio, eram minhas filhas estudando no turno da manhã e eu estudando a noite. Sem condições de adquirir minha farda, eu compartilhava com minha filha assim teria acesso a sala de aula. Meu percurso escolar foi na Rede Pública educacional enfrentando dificuldades sem dispor de livros e sem a tecnologia e praticidade que vivemos hoje.

Após fazer vestibulares não conseguindo aprovação nas universidades públicas, compreendi que estava em concorrência desigual com candidatos que dispunham de estrutura superior em relação a minha formação até aquele ponto. Logo, meu objetivo quase ficou frustrado.

Tomei uma decisão ao entender que o tempo havia passado. Busquei informação como seria a seleção em uma faculdade particular, fiz a matrícula e logo após fui aprovada. Estudei, pesquisei, apresentei seminários, trabalhos discussão, etc., com muita vontade. Nada impediu meu caminho, nem a falta de passagem de ônibus, de alimento, de dinheiro para comprar material. Passei por cima de limites e contratempos.

De certa forma, deparei-me com algumas críticas e injustiças que muitas vezes me mostraram o caminho de volta e a desistência, mas, quando olhei várias vezes para trás vi todos meus esforços prestes a ficar sem valor! Nesse momento, fiz minha escolha: continuei. Não desisti.

Cheia de orgulho e otimismo, conclui meu curso em Pedagogia em 2006, já em 2007, cursei Especialização em Supervisão Educacional. Em 2008 realizei a Especialização em Psicanálise para Saúde e Educação.

O começo da minha vida como educadora na área de Educação deu-se na década de oitenta, quando houve o Movimento brasileiro de alfabetização, o MOBRAL. Em seguida, participei da formação para exercer a função de professora alfabetizadora, nesta época sem minha graduação, pois passei um período sem estudar como já relatei anteriormente.

Após a minha formatura como pedagoga, na cidade de Campina Grande - PB, trabalhei na Escola Estadual de E. Fundamental Integrada no bairro de Monte Santo durante cinco anos. Em seguida, na Escola M. de E. Fundamental Líliosa Barreto, fui professora de alunos do quarto e quinto ano do fundamental I carentes, muitos filhos de pais envolvidos em drogas; outros, de pais presidiários; outros, de mães solteiras; com lares desestruturados; crianças que viviam na rua em contato com pessoas viciadas. Eles usavam a escola pela merenda e brincadeiras, tentamos ajudá-los ao pedir às mães que acompanhassem seus filhos nas atividades escolares. Contudo, os alunos levavam exercícios para casa e voltavam no outro dia sem realizá-los.

Em outra oportunidade trabalhei com Programa de Alfabetização Circuito Campeão no município de Soledade, durante três anos. Além deste, tentei vários concursos, até que passei. Com muita alegria que recebi a convocação da prefeitura de Rio Tinto - PB, na qual no momento atuo como Supervisora desde 2009.

VIVÊNCIA EDUCADORA

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Herman Lundgren na cidade de Rio Tinto - PB, neste ano, 70% dos alunos matriculados pertencem à zona rural composta por filhos de agricultores, que tiram seus sustento da agricultura e/ou trabalhando nos canaviais, a partir do trabalho braçal. Alguns casos com contratos semestrais em usinas da região de Monte Alegre, Miriri e Japungú.

Tentam resistir à falta de oportunidades e permanecem no município, que, por sua vez, buscam inscrever as secretarias de educação e de saúde em programas sociais para atender as necessidades da população, com o intuito de reverter as defasagens com verbas suprindo as instituições. Para isso, o Programa Bolsa Família tem sido necessário nas escolas de uma forma geral e tem beneficiado aproximadamente 60% das famílias, de 6 a 15 anos são 2.842 e de 16 a 17 anos 600 alunos. Como nesta região as oportunidades de emprego são escassas, os adolescentes e jovens não trabalham, mas praticam algumas atividades nos espaços onde vivem, como: pescar, caçar, colher frutas. Eles levam os frutos dessas atividades para comercializar e ajudar na renda familiar.

Esta situação poderia ser resolvida de acordo com direitos adquiridos conforme Arroyo (2004) explica: “são negados os direitos, como alimentação, teto, renda, trabalho, que são atribuições do Estado garantir. Logo, o reconhecimento dessas condições deve conduzir a estruturação da política social” (ARROYO, 2014, p. 14).

Devido às condições precárias e falta de perspectiva de vida, a evasão escolar tem se revelado como consequência marcante. Famílias mudam-se para outras cidades em busca de melhoras financeiras, outros desistem por não acreditarem no futuro e passam a fazer parte de outras realidades. Esses acontecimentos contribuem para o número de evadidos no município chegar a aproximadamente 491 alunos em 2017.

Por outro lado, a escola apresenta uma boa frequência: em 80% das salas há 30 alunos. De acordo com Arroyo (2004) é possível entender que, “[d]iante da barbárie com que a infância e a adolescência populares são tratadas, o primeiro gesto se ver nelas a imagem da barbárie social. A infância revela os limites para sermos humanos em uma economia que se tornou inumana” (ARROYO, 2004, p. 17).

Os limites que surgem na continuação da vida desses alunos são grandes desafios, fazendo acumular uma carga vasta de negatividade e influenciando no aprendizado destes. Não obstante, os pais se mantêm sem frequentar as reuniões de pais e mestres que propõe a escola. No final

do primeiro bimestre fez-se uma pesquisa cujo resultado de acordo com o Soma, não foi satisfatório.

Foram executadas medidas para reverter o nível de aprendizagem com um Projeto de Intervenção sobre esta problemática, visto que a maioria dos alunos não sabe ler e escrever com fluência. Iniciou-se alfabetização dos alunos de primeiro ano ao quinto ano do fundamental I. Como não é seguro esperar que as famílias compareçam ao colégio, pensa-se em sorteios, cestas básicas para chamar a atenção, elaboração de brinquedos para os pais e filhos, prêmios. Com essa presença assegurada, então, a distribuição de responsabilidades deve ocorrer. A realidade é que a família precisa ser parceira nesta questão para o acompanhamento dos filhos.

A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO

A escola faz seu papel quando prepara o aluno para desenvolver suas habilidades, mas espera que os pais compreendam que a mesma não consegue por si realizar as atribuições que cabem à família fazer.

A partir do momento que as partes se mobilizam para o bem do educando, os resultados farão jus a que se determina neste sentido.

A escola exerce a função social de tratar os conflitos e se propõe como uma porta para vencer os desafios. Essa resposta se realiza com a luta pela resistência, de não aceitação, de ser autônomo, de se deixar vencido sem realização dos sonhos e objetivos pessoais.

Segundo Paulo Freire a “desumanização não só se verifica apenas, nos que tem a humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam...” (1994, p.32). É preciso ter consciência para aplicar o conhecimento respaldado para o futuro da sociedade. Dagnino (2000) enfatiza que, “[s]er pobre significa não apenas privação econômica e material, mas também ser submetido a regras culturais que implicam uma falta de reconhecimento das pessoas pobres como sujeito, como portadores de direito” (DAGNINO, 2000, p. 82).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados e as perspectivas que se tem em relação ao trabalho, considera-se que o desenvolvimento educacional específico que envolve as atitudes e procedimentos esteja baseado sobre o desenvolvimento biológico, emocional e intelectual - levando em consideração as diferentes realidades socioculturais - certamente apresentará índices positivos com métodos planejados e conduzidos pela escola com atividades lúdicas, mas principalmente com a condução da família auxiliando os filhos nas atividades levadas para casa e acompanhamentos.

É impossível a escola arcar com árduas tarefas que não lhe pertencem. A autoridade dos pais é importante, bem como o comprometimento, a atenção, o interesse da família. Dessa forma, a valorização dada agregará ampliação de conhecimentos e autonomia. As aquisições serão proporcionais para ambos: os alunos, escola, e família.

Dessa forma, entende-se que não é possível substituir a mãe, o pai, avó, avô e outros membros da família, pois essas figuras importantes que fazem partes da história dos alunos e permeiem o aprendizado com a participação devida. Como é importante para uma criança alguém próximo a si declarar a possibilidade de alcançar alvos, competências e habilidades? São os incentivos que dão impulsos à realização de objetivos em meio às dúvidas e inseguranças, realmente a escola precisa contar com essa força.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel, Gonzalez. **Ofício de mestre: imagens e auto- imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____Corpos precarizados que interrogam nossa ética profissional. In ARROYO, Miguel Gonzalez; Silva, Maurício Roberto. (org.) **Corpo-infância**: exercício tenso de ser criança; por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis: Vozes, 2012 p.23-54.

_____ **Outros sujeitos. Outras pedagogias.** Petrópolis. Vozes 2012.

_____ Os coletivos empobrecidos repolitizam os currículos. In: Gimeno Sacristàn, José (org.) **Saberes e incertezas sobre o currículo.** Porto Alegre, Penso, 2013.

_____ Silva, Maurício Roberto. (org.) **Trabalho-Infância.** Petrópolis: Vozes, 2014.

DAGONINO, Evelina. Cultura, Cidadania e Democracia: A transformação dos discursos e prática na esquerda latino-Americana. In: ALVAREZ, Sônia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Aeturo,(org). **Cultura e política nos movimentos sociais Latino-americano**: novas leituras. Belo Horizonte: Edito UFMG, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Pobreza e Currículo**: Uma Complexa Articulação. Brasília: MEC, 2018.

15 POLÍTICAS PÚBLICAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O COMBATE A POBREZA NO MUNICÍPIO DE JACARAÚ-PB

MARIA DAS DORES DE OLIVEIRA DE CARVALHO
doraoliveiramd@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido como conclusão do curso Educação, Pobreza e Desigualdade Social, oferecido pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Neste trabalho, foi abordado como as políticas públicas contribuem para combater a pobreza no município de Jacaraú-PB. Para tanto, foi utilizado dados do IDME, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE com enfoque nos programas do Centro de Referência da Assistência Social - CRAS e de alguns programas como o Bolsa Família e o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA.

O objetivo geral deste trabalho é verificar se as políticas públicas no Município de Jacaraú têm funcionado para combater os níveis de pobreza oferecendo melhor qualidade de vida às pessoas que moram na cidade e que se encontra em estado de pobreza extrema. Como objetivo específico almeja identificar quais as políticas que estão sendo usadas em Jacaraú com o intuito de diminuir os índices de pobreza.

Conceituar pobreza é algo extremamente complexo. Pode ser feita em termos relativos ou absolutos. Pode ser estudada sob o ponto de vista econômico, social, histórico, filosófico e político. A conceituação de pobreza é categorizada como “juízo de valor” quando se trata de uma visão subjetiva, abstrata, do indivíduo, acerca do que deveria ser um grau suficiente de satisfação de necessidades, ou do que deveria ser um nível de privação normalmente suportável em que tem seus direitos negados a alimentação, saúde e moradia se mostra pela falta de recursos.



FONTE:<http://catalogo.egpbf.mec.gov.br/modulos/intro/medias/image/mafalda.jpg>

A pobreza relativa tem relação direta com a desigualdade na distribuição de renda, comparando com o padrão de vida da classe dominante da sociedade que define como pobres as pessoas situadas na camada inferior da distribuição de renda, sejam em condições favoráveis de dinheiro ou poder.

Desse modo, tal enfoque não esconde sua fragilidade, embora seja bastante óbvio que mesmo uma conceituação objetiva da pobreza não se furta à presença de algum juízo de valor e discursos como o de que o pobre é preguiçoso, que não se esforça o suficiente para mudar de vida; quando na verdade ele não teve oportunidades criadas a partir das políticas públicas para melhorar de vida.

Neste trabalho, citarei as tentativas de combate à pobreza através de programas e políticas públicas como exemplo, as políticas de garantia de renda básica mínima, como o Programa Bolsa Família e os programas Saúde da Família, e os serviços oferecidos pelo SCFV, “Minha Casa, Minha Vida”, “Pró-Creche”, na cidade de Jacaraú.

RELATO DE VIDA

Eu sou de uma família pobre, filha de pais agricultores. Morei muitos anos em uma casinha de taipa junto a eles e meus dois irmãos, logo, sei bem das dificuldades de uma pessoa com poucas condições financeiras. Nunca passei fome, graças a Deus, pois minha mãe era muito esforçada e trabalhava muito para conseguir nos manter alimentados e bem arrumados.

Lembro que ela chegava em casa doente devido a passar o dia todo no campo. Na época de chuva era melhor, tinha mais trabalho e na colheita sempre tinha um dinheiro a mais para as compras de casa. Minha mãe comprava alguns objetos para dentro de casa e, quando sobrava, dava até para levar dinheiro para um lanche como dindim, pipoca, “Big Big”, essas coisas.

Ela recebia o Bolsa Família, mesmo assim não ficava em casa só esperando para receber esse valor. Ela ia era trabalhar para complementar o dinheiro e dar algo melhor para mim e meus irmãos.

Todo ano eles compravam um par de roupas e sandália no mês de São João e, no final de ano, ela fazia questão que nós andássemos arrumadinhos. Aquelas roupas eram muito cuidadas, não secavam no sol e não as usávamos quando ia para alguma festinha e quando chegava logo tirava, lavava e guardava. Ela deixava de comprar para ela para nos dá o melhor que ela podia, muitas vezes as sandálias “havaianas” quebravam e colocávamos um prego embaixo ou então um pedaço de frasco de plástico quando o buraco na sandália era grande.

Quando fiquei um pouco maior minha mãe ia trabalhar e eu ficava em casa cuidando dos meus irmãos menores e fazia o almoço e o serviço doméstico, quando passei a estudar no horário da tarde ela dizia que chegasse a hora de ir deixasse de fazer o que estava fazendo para ir a escola, e minha mãe levava meus irmãos a tarde para o serviço, minha mãe era muito consciente que a educação é muito importante na vida de uma pessoa apesar de só saber assinar o nome, nunca faltei a aula por causa de trabalho e minha tia criticava a minha mãe porque ela não deixava nos faltar a escola para trabalhar, material nunca faltou era do jeito que ela podia me oferecer, sou muito agradecida a ela e ao meu pai por essa oportunidade.

Em 2008, terminei o ensino médio aos 18 anos. Nunca repeti de ano e minha mãe nunca foi chamada por mau comportamento. Eu sempre soube utilizar da melhor maneira essa oportunidade. Quando terminei o ensino médio, já estava casada e fui morar em outro estado. Passei seis

anos sem pensar em fazer faculdade, queria era trabalhar para ajudar o meu marido com as despesas domésticas. Achava que universidade não era para mim e que não tinha capacidade.

Em 2014, senti vontade de fazer uma faculdade fiz o Enem, estudava por meio de aplicativos do celular, pois não tinha condições de pagar um cursinho pré-Enem, mas fiz a prova e passei para Pedagogia, pois dentro das minhas possibilidades foi o curso que me identifiquei, pois, o curso dos meus sonhos era Odontologia mais a nota de corte é mais alta e mesmo se conseguisse passar não poderia comprar o material exigido durante o curso, não conseguiria me manter na universidade.

Faço Pedagogia em Mamanguape a noite e ano passado conseguir um trabalho como professora pela Prefeitura de Jacaraú, Município onde resido e divido meu tempo entre a escola e a faculdade. O que aprendo na Universidade, coloco em prática com as crianças e o que aprendo na escola, levo para Universidade. Não é fácil, mas é necessário, pois ao ingressar na Universidade, meu primeiro ano foi muito difícil para financeiramente porque moro em sítio e tenho que me deslocar todo dia 7km de ida e 7km de volta para chegar até a cidade para pegar o ônibus fornecido pela Prefeitura para ir para Mamanguape. Isso gerava um custo muito alto para minhas condições, estando eu e meu marido desempregados. Minha renda era muito baixa, era um sufoco e ainda tinha as xerox. Tentei o auxílio alimentação duas vezes, mas não consegui, então dei os nomes para o cadastramento no Bolsa Família, que me ajudou demais. Quando consegui o trabalho, fui lá e devolvi o meu benefício, porque não estava mais precisando. Foi muito bom ter contado com essa ajuda, por isso que eu defendo que o Bolsa Família. Só quem sabe do valor que tem quem precisa ou já precisou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As políticas públicas estão, no momento, contribuindo com o desenvolvimento da cidade e, principalmente, amenizando a pobreza e a desigualdade social para os moradores que mais precisam. Sabemos

também que uma família que é orientada e recebe ajuda do governo, passa a se desenvolver e isto afeta diretamente na qualidade da educação da criança inserida naquela família. Se antes ela passava fome, e não conseguia prestar atenção na aula, ou interagir com seus colegas, ou até mesmo faltava à aula, agora, ela passa a estar no mesmo patamar que os outros.

O presente trabalho me possibilitou criar um novo olhar para os sujeitos em condições de pobreza, que eles não estão nessas condições porque querem que eles também não se reconhecem como pobres e essa opinião precisa ser respeitada, vendo que a definição de pobreza é complexa.

Essa experiência de participar do curso além de me proporcionar um novo olhar como profissional, também me possibilitou um olhar diferenciado enquanto pessoa em relação aos meus alunos e reconhecer, enquanto moradora de Jacaraú, que as políticas públicas são mais uma forma de contribuição com a educação, porque as crianças que frequentarem a escola, participarão de outros espaços de aprendizagem contribuindo com seu desenvolvimento como um todo. E mesmo que as participações deles sejam para não perder o benefício, eles estão tendo acesso à educação, que possibilitará uma vida com mais conhecimento.

Acredito que é necessário outras ações para eliminar de vez a pobreza extrema, mas, enquanto essas ações não se efetivam, programas como o Bolsa Família e o atendimento oferecido as famílias de Jacaraú pelo CRAS continuam sendo fundamentais.

REFERÊNCIAS

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL 2013. **Perfil do Município de Jacaraú, PB**. Disponível em: <http://ideme.pb.gov.br/servicos/perfis-do-idhm/atlasidhm2013_perfil_jacaraú_pb.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

LEITE, Lucia Helena Alvarez. Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social. **Módulo I - Escola:**

espaços e tempos de reprodução e resistências da pobreza.
Ministério da Educação, 2015.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **Bolsa Família.** Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

ANEXOS

IMAGENS 01 e 02: aulas de crochê e atividades manuais.



IMAGEM 03: oficina de capoeira.



IMAGEM 04: oficina de música e banda marcial.



IMAGEM 05: enxoval entregue as gestantes.



IMAGEM 06: palestras.



IMAGENS 07 e 08: grupo de idosos e a realização das atividades manuais.



IMAGEM 9: entrega de alimentos para as famílias atendidas.



16 TRAJETÓRIA DE VIDA: pessoal, acadêmico e profissional

MARIA DE FÁTIMA DE MASCENA SANTOS
fatimamascena@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Neste artigo, proponho-me descrever, de forma sucinta, o processo de construção e formação estudantil, acadêmica e profissional de uma docente, no caso específico, eu enquanto a própria autora das reflexões em questão.

Nessa perspectiva, compreendo a necessidade de pesquisar, registrar e relatar reflexões práticas e teóricas, vivências interpessoais e profissionais, como elemento que corrobora o fazer crítico pessoal e profissional por meio de uma análise de observação e autobiográfica.

Esses elementos estiveram presentes na trajetória inicial de minha vida escolar e acadêmica, bem como as expectativas e os desafios atuais no exercício profissional. A década de 1980 no Brasil foi um período de significativas mudanças, as quais foram vivenciadas pelas pessoas, em específico pela autora, quando houve novos ordenamentos de abertura política, após longo período de ditadura militar (SAVIANI, 2009).

No entanto, embora vivenciasse essa efervescência de mudança, convivia e ainda hoje convivo com grandes contrastes sociais e econômicos, fruto de um modelo de sociedade extremamente excludente, em que a maioria da população não tem acesso aos bens sociais básicos, entre estes a educação (FREIRE, 1987).

Este quadro em que me vi nos anos 1980 proporcionou-me novos horizontes. Ainda nesse contexto, no século 21, desafiador e ao mesmo tempo conflitante, coube aos educadores, criar, refletir e experimentar novas metodologias e processos de ensino e de aprendizagem de forma crítica e dialogada.

Partindo de uma abordagem qualitativa, e de um estudo de História de Via/Biográfico (GOLDENBERG, 1999), é notório que a melhoria de vida de uma sociedade está diretamente ligada à qualidade de sua educação. Isso reflete-se também sobre como algumas práticas que envolvem o ambiente escolar, corroboram o processo de exclusão ou inclusão das pessoas em situação de pobreza e desigualdade social (FREIRE, 1987).

Diante dos problemas educacionais existentes na contemporaneidade, faz-se necessário estudar a narrativa de vida na educação, no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, acerca dos seus pontos positivos e negativos.

Voltar para o que já foi - ou deveria ter sido - superado em termos de tendências pedagógicas é um desafio a se trilhar. Sua ocorrência se dá quando avançamos, no sentido literal da palavra, quando acumulamos o que aprendemos com o passado histórico, juntando a ele as “novidades”, ou seja os saberes emergentes que o tempo presente nos revela.

É a partir desse entendimento que o professor deve ensinar seus alunos na escola, tendo em vista uma aprendizagem significativa por parte deles. Ao considerarmos a educação tradicionalista que prevalecia nos anos 1980, fundamentalmente focalizada na narrativa, o educador surge como um agente cuja tarefa é para além de “encher” os alunos dos conteúdos de sua narração (SAVIANI, 2009).

Dessa maneira o docente, ao invés de promover a dialogicidade, faz comunicados e os discentes ouvem, memorizam e repetem sem saber o seu real significado. Simplesmente, recebem as informações e as armazenam, em uma visão distorcida da educação (FREIRE, 1996; SAVIANI, 2012).

Foi justamente dentro deste contexto de ensino e aprendizagem, que me veio a inquietação do propor espaços em que o aluno saia de sua zona de conforto para pensar e refletir fora da “caixinha” (ALVES, 2011). Como professora de História, muitas questões são pertinentes à reflexão e estudo, por exemplo: o que é corrupção? Para que serve um deputado? O ideal é que a escola prepare o ser humano para a vida. Discutindo e ensinando os problemas atuais (LIBÂNEO, 2008).

Dessa forma, propor em aulas temas de acordo com o convívio individual do aluno, observar comportamento e fazer diferente dentro do processo ensino aprendizagem, pode ser mais um instrumento que possibilita o despertar de um pensamento reflexivo.

Neste contexto, para se ter cidadãos conscientes e críticos da sua importância na sociedade, faz-se necessário que a comunidade educacional discuta novos métodos pedagógicos, que possibilitem desenvolver atividades compartilhadas, que incentive o pensamento crítico, questionando e superando o tradicionalismo das práticas pedagógicas ainda praticadas. O vital nesse processo é quando forma-se o elo entre os educandos, educadores, família e sociedade. Contudo, é importante que se entenda que toda experiência de aprendizagem se inicia com uma convivência afetiva, pois, afeto, do Latim *affetare*, que dizer, ir atrás.

BREVE REFLEXÕES SOBRE MINHA VIDA — PESSOAL, ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Educação, pobreza e desigualdade social são temáticas amplas, e que no Curso Educação, Pobreza e Desigualdade Social foram bem colocados apresentados nos módulos, de forma reflexiva e discursiva em forma de textos, debates, vídeo-aula e encontros presenciais, com a possibilidade de expor pensamentos sobre a temática em análise, com diversas situações que um educador encontra no seu dia a dia (SAVIANI, 2012).

Assim, este processo de reflexão pessoal e profissional possibilitou rever conceitos e compreender que as injustiças e desigualdades sociais fazem parte de um processo que insiste em perdurar, pois está ligado a políticas excludentes, que deixam sempre as questões sociais em plano secundário além de buscar privilegiar os anseios de uma minoria privilegiada (FREIRE, 1987). Dessa forma, considero que o curso foi de grande enriquecimento no meu currículo profissional, bem como, na aplicação dos ensinamentos adquiridos no meu ambiente escolar.

Venho de uma família de origem Nordestina. Meu pai semi-analfabeto que exercia suas funções laborais no Porto da Cidade de Cabedelo, com

serviços braçais; e minha mãe, analfabeta e do lar. Sou a terceira filha de uma família constituída por oito filhos, sendo seis homens e duas mulheres.

Em 24 de maio de 1982, nasce a minha irmã caçula. Data em que eu contava 15 anos de vida. Fiquei muito feliz com a chegada de minha irmã, pensei comigo que iria ter uma amiga como irmã. Minha irmã foi crescendo e comecei a observar uma lentidão no evoluir dela, como por exemplo, a demora em falar e ficar sempre quieta no seu mundo. Como meus pais eram alheios a esse assunto e confesso que na época tudo era muito distante do meio em que eu estava inserida. Sempre tive a curiosidade bastante aguçada e a humildade de aprender sempre, isso é latente dentro de mim.

Comecei a fazer pontes que me levaram a Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência – FUNAD, que é um Órgão do Governo do Estado da Paraíba, vinculada à Secretaria de Estado da Educação, referência no Serviço de Habilitação e Reabilitação nas quatro áreas da deficiência – CER IV (física, intelectual, visual e auditiva), em todo o estado da Paraíba. Na época a possibilidade de se obter acesso a esta instituição era para poucos. Passado este em que crianças com diagnóstico de deficiência intelectual moderada e estrabismo convergente eram excluídas da sociedade e tratada de forma pejorativa como a menina doidinha. Minha irmã até hoje faz uso dos trabalhos desenvolvidos dentro desta instituição e estuda o 2º ano-ciclo I do ensino fundamental na Escola Municipal Paulino Siqueira na cidade de Cabedelo-PB. Hoje, eu como educadora me sinto feliz em corroborar o desenvolvimento intelectual de minha irmã.

MINHA VIDA

É interessante como há passagens em nossas vidas que ficam marcadas e bem guardadas em nossa memória. Quando cursei o primário, hoje o atual fundamental I, na escola João XXIII, na cidade de Cabedelo, no ano de 1979, tenho em minhas lembranças o sorriso da professora Nevinha, como carinhosamente era chamada por todos nós. Com ela aprendi assuntos relacionados ao respeito, cidadania e o convívio das

relações sociais, o que possibilitou no auxílio do desenvolvimento do meu caráter e na formação da minha personalidade (FREIRE, 1996; ALVES, 2011). Às vezes, no meu dia a dia, por algum motivo lembro com carinho de minha professora.

Minha irmã assistia todos os dias a novela “Carrossel” e ficava brava se alguém mudasse de canal. Uma vez perguntei para minha irmã por que ela gostava tanto dessa novela. Foi aí então que me veio à curiosidade de assistir com ela e vi que, o carrossel girava em torno de uma professora com seus alunos. Meu Deus! Como a professora Helena da novela faz-me lembrar minha professora Nevinha.

Minha professora do antigo primário era muito compreensiva, amiga, exigente e, acima de tudo, muito carinhosa para conosco. Nunca esqueci a paródia que a direção da escola fez com a música Jesus Cristo do Roberto Carlos para que nós a homenageássemos no dia do professor. É tanto que, na disciplina de História contemporânea, uma equipe da minha graduação na faculdade fez uma paródia da Guerra Fria e eu fui às lágrimas lembrando a minha professora e da minha trajetória de vida.

Concluí meu ensino fundamental, segunda etapa e ensino médio na Escola Estadual José Guedes Cavalcanti em Cabedelo no ano de 1986, (o fundamental no turno da tarde e o médio no turno da noite), no qual tenho boas lembranças de vários professores. Sempre tive uma identificação muito forte com o meu professor de História, José Marques, que atualmente já não se encontra no mesmo plano espiritual que eu. Afinidade esta que foi decisiva no meu ingresso na faculdade e na decisão de cursar a licenciatura em História.

Sempre tive muita vontade de estudar em uma Universidade, mas devido a muito trabalho, o meu desejo foi ficando em posição secundária. Trabalhei na minha infância, catando vidro e osso em lixeiro, para poder comprar o que meus pais não podiam me ofertar.

Na adolescência, trabalhava em feira livre, sem nunca deixar de estudar. Nessa perspectiva, aos 18 anos, comecei a trabalhar no comércio e indústria, como gerente de restaurante até começar meu próprio

comércio e vir a ter uma remuneração que jamais imaginaria receber. Com isso, o meu sonho de faculdade se distanciava. Acredito que nosso destino já vem traçado por Deus, pois os meus amigos sempre foram professores. Certo dia, na casa de uma amiga professora de geografia, me perguntaram qual a minha formação. Falei que nenhuma! Eles não acreditaram pelo simples fato de eu estar debatendo em pé de igualdade com eles assuntos atuais, foi aí que surgiu novamente o meu despertar do sonho para ingressar na Universidade.

Sempre quis saber o porquê de tudo, por isso escolhi cursar História. Acredito que para não se cometer erros futuros é preciso analisar nossos erros anteriores. O interessante do curso de História é que, se ontem eu tinha uma opinião a respeito de fatos e acontecimentos, hoje tenho outra e é isto que me encanta na História: a mudança no mundo e nas pessoas.

A História nos mostra a vida na sua complexidade e em todos os seus aspectos, pois seu domínio é, precisamente, o estudo de todo o passado humano na exuberante diversidade. “A ciência que estuda a mudança em vida e movimento com suas transformações. A História não nos torna céticos, como dizem, ao contrário, ela é uma maravilhosa escola da prudência” (SAVIANI, 2009, 2012).

A História estuda a vida humana através do tempo, estuda o que os homens fizeram, pensaram ou sentiram enquanto seres sociais. Superando as barreiras do isolamento, a História vem interagindo com as demais ciências sociais, entre elas a Antropologia, Sociologia e a Psicologia Social, rompendo também a barreira do Euro-Centrismo e redimensionando seus estudos para os povos de todos os continentes (GUARINELLO, 2004). A partir dessa concepção de pensamento surge o ato do novo, um mergulho em um sonho que antes, tão distante, estava ali diante dos meus olhos.

ACADÊMICA

Ao entrar na universidade, o início foi de muita ansiedade, medo e expectativa do que iria vir pela frente. Minha coragem sempre esteve

revestida pela prudência diante da complexidade e da percepção do desafio desconhecido no mundo acadêmico (CÓRDULA, 2013).

No dia 12 de março de 2011, comecei minha vida acadêmica no prédio da faculdade do IESP, na turma 196, com um total de 56 alunos. Tive a grata sorte de ficar em uma turma maravilhosa em que aprendi muito com todos eles, pois acredito que cada um sempre deixa um pouco de si e leva um pouco de nós.

Fiz minha graduação em tempo integral nos sábados. O fato de trabalhar durante a semana em dois períodos e nos finais de semana no turno da noite não me dava alternativa: por diversas vezes concluí atividades entre intervalos de afazeres na cozinha de uma lanchonete, adversidade esta que não me fez desanimar, mas sim continuar acreditando e consolidar meu sonho.

No último ano da graduação tive a oportunidade de realizar uma atividade extracurricular que foi de grande importância para a construção de minha futura vida profissional. A partir daquele momento tive a certeza de que dentro da escola pública estava minha realização interior.

Contrariando os pessimistas, eu sonho com uma educação pública que garanta oportunidades iguais de realizações pessoais. Para o etnocentrismo, tudo que é diferente se torna inferior, feio, ridículo, injusto, inferior, cruel, selvagem ou irracional (FREIRE, 1987). E foi dentro de alguns contextos como esses e entre comentários sórdidos que concluí minha graduação em uma instituição de ensino superior privado. Considero que minha graduação ampliou minha visão de mundo.

Neste sentido, vejo a esperança de dias melhores com possibilidade de ter o meu próprio projeto de vida pessoal e profissional, com minha decisão de ser mais do que um transmissor de conhecimentos, de ser uma educadora. Uma formadora de consciências, uma difusora de valores, um modelo de atitude e compromisso, uma formadora de cidadão (FREIRE, 1996; CÓRDULA, 2013). Foi esta convicção que senti ao término da minha graduação. Pois as idéias por si só não mudam o mundo e a vida: são as pessoas imbuídas de idéias e ideais, sonhos, trabalho, desejo, lucidez,

convicções, audácia e acima de tudo esperança, que muda, principalmente quando podemos deixar uma educação e um futuro bem melhor para as futuras gerações.

PROFISSIONAL

Nessa caminhada acadêmica, ao concluir minha graduação em novembro 2014, recebi o convite para lecionar como reforço escolar de sala multisseriada, situado em uma área nobre do bairro de Manaíra em João Pessoa - PB. Deparei-me com um grupo seletivo de alunos de classe média, favorecida economicamente. Confesso que fiquei um pouco receosa com a nova missão de conhecer o avesso da educação pública. Pude observar que eles tinham a simplicidade de crianças e uma carência latente de atenção. O apoio escolar em Manaíra foi o terreno fértil em que encontrei para semear a minha semente. Paralelamente ao meu lecionar no apoio, continuei estudando e aprofundando conhecimentos.

Em 2015, fiz uma pós-graduação em *Brasil e Paraíba*, curso de escrita acadêmica e educação inclusiva. Sem, entretanto, deixar de lado a persistência de ensinar em escola pública. Fiz o concurso do estado do Rio Grande do Norte para educação e fiquei dentro do quadro de reservas. Isso me estimulou a continuar estudando e perseguindo o sonho da aprovação no magistério.

Já em 2017, comecei a lecionar na Escola Municipal Rosa Figueiredo de Lima e na Escola Municipal Miranda Burity, ambas na cidade de Cabedelo (a 1º fundamental diurno e no ensino da EJA noturno, também do fundamental, 2ª etapa). Continuo lecionando até hoje nessas escolas, sempre procurando contextualizar as aulas, usar linguagem acessível ao grupo, fazer uma introdução de maneira informal antes da científica. Mostrando sempre as mudanças sociais e os efeitos do fato histórico tratado para os dias atuais. Procuro ministrar aulas de forma dinâmica e alegre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na jornada pela vida e a busca de mudanças e de romper os paradigmas buscando a própria autonomia em que alcancei a formação desejada em História, na academia e pude ampliar a percepção de mundo e do meu fazer no universo educacional.

Acolher os invisíveis da sociedade não é um dever que a escola presta, é seu maior desafio. Nesta busca, me enquadrei como atuante na docência em ensino de educação básica, buscando a partir da minha vivência, mudar vidas e trazer uma nova ótica no processo de ensino-aprendizagem, para que possam se tornar cidadão que mudem sua história, e que atuem como protagonistas nas mudanças necessárias para que a sociedade possa evoluir e romper seus paradigmas e problemas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A Pedagogia dos Caracóis**. Campinas, SP: Versus, 2011.

CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. O sabor do saber: degustando o conhecimento. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 28, 2013. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0397.html>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 3. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 1999.

GUARINELLO, Norberto Luiz. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 13-38, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2008.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14 n. 40, p. 143-155, jan./abr. 2009.

_____. **Escola e Democracia**. 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012 (Coleção Polêmicas de Nosso Tempo).

17 UMA MENINA QUE SE TORNOU EDUCADORA: trajetórias escolar, acadêmica e profissional em conflitos com situações de pobreza

MARIA JOSÉ DA SILVA CORDEIRO GOMES
zezecordeirolucena@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A pobreza no Brasil é relatada todos os dias nos jornais e meios de comunicação. Podemos inclusive dizer que estamos acostumados com essa realidade. O que não podemos deixar é que essa situação permaneça estagnada em nosso país. Entender a pobreza como um problema multidimensional, condicionada por diversos determinantes para além dos exclusivamente econômicos, é considerar que serviços como escola, creche, esgoto sanitário, água encanada, saúde são dimensões intrínsecas e primordiais de uma política de combate à pobreza.

No trabalho dos autores Azevedo e Burlandy (2010) eles trazem um pouco da visão da pesquisa realizada por Monteiro *et al.* (2009), em que o mesmo observa, no período de 2005-2006, a ocorrência de investimentos crescentes nos serviços sociais básicos e universais, com maior relevância aos serviços de educação e saúde. Ou seja, já existe a consciência que essas áreas estão sendo mais afetadas e são justamente elas que precisam de maiores investimentos. O brasileiro sofre com todas essas consequências da saúde e principalmente da educação. Azevedo e Burlandy (2010) também relatam a importância do cumprimento das políticas públicas:

Imaginar que o problema da vulnerabilidade social e econômica seria solucionado simplesmente com programas pontuais e emergenciais revelaria uma compreensão

equivocada do que é pobreza, discrepante da atual concepção que se busca adotar mundialmente (AZEVEDO, et al. 2010).

Concordo com esse pensamento. Existem alguns programas federais que visam amenizar ou suprir a necessidade de muitos problemas brasileiros, mas infelizmente não funcionam em todo país. Se permanecermos assim, possivelmente poderemos mergulhar em problemas ainda piores, a população brasileira pode vir a sofrer ainda mais com a pobreza, pois tudo não passa de uma consequência do ciclo contínuo das ações, das quais uma delas diz respeito à educação, como relata Moacir Gadotti (1997):

A escola não distribui poder, mas constrói saber que é poder. Não mudamos a história sem conhecimentos, mas temos que educar o conhecimento para que possamos interferir no mercado como sujeitos, não como objeto. O papel da escola consiste em colocar o conhecimento nas mãos dos excluídos de forma crítica, porque, a pobreza política produz pobreza econômica. (GADOTTI, 1997, p. 20)

O Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social oferecido pelo Campus IV da Universidade Federal da Paraíba – UFPB despertou em mim a busca em compreender um pouco mais sobre as interferências causadas pela pobreza no município de Lucena, onde moro e trabalho atualmente como gestora. Essas questões sempre estiveram presentes na minha vida e sempre busquei combater e amenizar essas situações quando encontradas. O presente trabalho é o relato de uma parte da minha vida pessoal e minha trajetória profissional, destacando as dificuldades encontradas na educação naquela época e de uma entrevista realizada em uma das escolas da cidade de Lucena – PB, comparando e buscando refletir se houve mudança tanto na estrutura educacional quanto no assistencialismo às crianças e famílias em situação de extrema pobreza. Acredito que a escola hoje, mais que tudo, necessita

do apoio de outros órgãos, serviços e toda a comunidade escolar para reverter seu quadro de desestímulo e rigidez nos conteúdos aplicados.

A MENINA QUE SE TORNOU UMA EDUCADORA

Eu, Maria José da Silva Cordeiro Gomes, sou natural de João Pessoa – PB, mas fui criada no bairro de Fagundes na cidade de Lucena também na Paraíba. Tenho 36 anos, sou casada, filha de José Cordeiro do Nascimento, que trabalhou por muitos anos como vigilante e hoje está aposentado, e minha mãe é Maria Antônia Silva Dias que foi uma grande professora e atualmente encontra-se aposentada.

Aos sete anos e três meses de idade, iniciei minha vida escolar no Grupo Escolar Antônio Aurélio Teixeira de Carvalho, localizado em Praia de Fagundes - Lucena PB. Nesta instituição concluí a antiga 8ª série do Ensino Fundamental I. Como não havia o Ensino Médio, fui transferida para o Colégio Américo Falcão, também na cidade de Lucena, onde fiz apenas o 1º ano do ensino médio, pois na época o Governo da Paraíba estava construindo a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Izaura Falcão. No ano de 1999, com a obra concluída, fui transferida mais uma vez e lá consegui concluir o ensino médio, nesta época eu tinha 19 anos.

Lembro-me que minha vida de estudos não foi muito fácil, pois tive que começar a trabalhar muito cedo e conciliar o trabalho com os meus estudos. Assim “estudar e trabalhar” fazia parte da minha vida como uma visão melhor para o futuro, não por prioridade, mas sim por uma necessidade real, porque naquele tempo era muito difícil de sobreviver e nossa renda era baixa. Comecei a trabalhar exatamente aos onze anos de idade cuidando de outras crianças. Aos dezesseis anos, agora bem maior, trabalhei como garçoneiro em um quiosque situado na praia de Lucena e permaneci neste trabalho durante dois anos, depois fui trabalhar em um novo estabelecimento, dessa vez eu uma padaria. Minha função era de balconista e três anos depois fiquei desempregada.

Durante este tempo, batalhando para contribuir com a renda familiar, consegui concluir os estudos e prestei vestibular. Infelizmente não obtive êxito.

Depois de um tempo desempregada, em meados de 2004, recebi um convite de uma amiga minha de infância, ela foi uma peça muito importante na minha vida profissional. Na época a mãe dela era diretora da Escola Municipal Antônio Aurélio localizada em Praia de Fagundes e fui indicada para ser professora da escola. A experiência que tive foi no início da minha infância, quando trabalhei cuidando de crianças, mas dessa vez foi diferente. Era necessário mais atenção, agora estava trabalhando em uma instituição educacional.

Minha amiga dizia que me identificaria e me apaixonaria pela educação, claro que também tive muito incentivo, auxílio e o apoio da minha mãe, que era professora da mesma escola. Pois não é que elas estavam certas? Eu me apaixonei pela educação. Para surpresa de todos esta minha amiga de infância, aos 24 anos idade, foi diagnosticada com câncer de mama e depois de muita luta, exatamente 10 anos, não resistiu e faleceu. Durante todo esse tempo permaneci ao lado dela e até hoje sou grata por tudo que ela fez por mim.

Contudo, foi daí que minha história de vida começou a mudar. Tive a oportunidade de me escrever no Programa do Brasil Alfabetizado, fui selecionada e realizei uma formação em João Pessoa – PB e comecei a trabalhar como professora alfabetizadora de jovens e adultos. No mesmo ano, também selecionada pela Secretaria da Educação de Lucena para ser professora do 1º ao 5º ano. Nesta fase minha vida realmente começou a ter outro rumo, resolvi mais uma vez prestar vestibular para o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú. No ano de 2004 e fui aprovada, concluindo no ano de 2008, durante todo este período que estudei, permaneci trabalhando como professora de Educação Infantil a Fundamental I.

Lembro-me muito da minha primeira turma que lecionei. Era a 2ª série D da Escola Marçon Luiz de Souza, onde percebi que os alunos demonstravam uma grande dificuldade de aprendizagem e uma situação

extrema de pobreza, um pouco parecida com as dificuldades que passei. Era uma turma fora da faixa etária e sem nenhum estímulo para os estudos. Por muitas vezes, nas visitas domiciliares que realizei, pude ver as situações de desigualdade social estampadas na vida familiar daquelas crianças, uma vez que os alunos não tinham nem o comer e assim. Por várias vezes realizamos, em parcerias com amigos e familiares dos professores, campanhas de alimentação, conseguindo alimentos e fazendo cesta básica, para as famílias mais carentes atendidas pela escola.

Quando terminei o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, prestei concurso público para o município de Lucena, mas não fui selecionada. Assim como na infância, não desisti, continuei sendo professora e fui para o “Programa Ayrton Senna”, “Alfabetização na Idade Certa”, “Se Liga e Acelera”. Em 2010 participei de vários cursos de formação continuada e letramento. Sempre fui uma pessoa que gosta de participar de todos os cursos oferecidos pela Secretaria de Educação de Lucena.

Logo em seguida surgiu uma oportunidade de ser candidata ao Conselho Tutelar de Lucena. Já conhecia a realidade do meu município e sabia tão bem que os educandos dos ambientes educacionais por onde passei precisavam de pessoas para contribuir com o apoio e o auxílio na luta contra a pobreza e a desigualdade social. Eu já possuía experiência com crianças e adolescentes - que era o perfil solicitado de conselheira -, estive sempre presente na vida dos alunos que atendia e gostava muito de ajudar ao próximo, seja com políticas públicas ou partidárias; também realizava um trabalho na Igreja Católica, onde era muito conhecida, como coordenadora da Pastoral da Catequese na Paróquia Sagrado Coração de Jesus Menino, do Santuário de Nossa Senhora da Guia. Consegui uma votação extraordinária e trabalhei de perto com crianças e adolescentes vulneráveis.

Como Conselheira, consegui cada vez mais crescer profissionalmente e, como pessoa, trabalhar diariamente com situação de negligência e pobreza fez-me refletir muito sobre as situações existentes na formação educacional e nas políticas públicas do meu município. No término do meu mandato, em 2013, já não conseguia ficar longe de ações assistencialistas, então fui transferida para o CRAS, onde trabalhei como educadora social de crianças

e adolescentes também em situação de extrema pobreza, com um projeto para restaurar a família que por muitas vezes era totalmente negligente com seus descendentes na questão de educação não formal. Como funcionária do CRAS compreendi uma relação de rede entre a equipe que trabalhava composta de educadora social, assistente social e a psicóloga, a parceria com CREAS, as escolas e o principal eixo que era as famílias.

No ano de 2015 retornei exclusivamente para a educação, voltei a trabalhar com jovens e adultos e, no ano de 2017, fui convidada pelo o prefeito Marcelo Monteiro para trabalhar como gestora adjunta da Escola Municipal Américo Falcão, onde estou atualmente. Tendo cursos e especializações, continuo estudando. Prestei novamente vestibular pela Universidade Virtual na UEPB, fui aprovada e sigo no segundo semestre de Licenciatura Plena em Geografia.

A ESCOLA MUNICIPAL AMÉRICO FALCÃO

Para identificar a situação de crianças em extrema pobreza, contribuir com o processo de desenvolvimento da escola e comparar as práticas tomadas para amenizar a pobreza no passado e no presente, realizamos uma entrevista com professores na Escola Municipal Américo Falcão, onde atuo como gestora. Muitas vezes assumir esse cargo traz outras funções e chega a perder a ligação direta que os educadores têm por natureza com os alunos dentro das salas de aula.

Ficamos surpresos com o levantamento dos dados. Primeiro que muitos alunos realmente vivem em condições de vida desagradáveis, devido à pobreza estar presente na vida da maioria dos alunos e a falta de estrutura familiar. Muitas meninas iniciam uma vida sexual precoce, pois caem na ilusão de que podem ter um lucro financeiro em cima disso ou encontrar um marido que proporcione condições melhores do que a casa de seus pais.

Os garotos são influenciados ao consumo de drogas. Comparando com minha adolescência, apesar das dificuldades, o número de usuários de drogas era menor na cidade de Lucena, não sei explicar o real motivo,

se eram vedadas ou não, mas as drogas eram menos faladas. O carnaval na cidade de Lucena trouxe muitas consequências, todos os professores relatam que neste período, pela questão do turismo, aumenta o índice de faltas escolares, de prostituição e drogas. Atualmente todas as escolas da cidade trabalham com campanhas para amenizar esta realidade que acontece em um período, mas deixa marcas o ano todo.

O que percebi em comum com os alunos da escola que estudei e os da Escola Américo Falcão é que a realidade financeira ainda continua a mesma: a maioria dos alunos vive economicamente com a renda familiar abaixo de um salário mínimo. Uma diferença é que grande parte recebe uma ajuda do Programa Federal Bolsa Família. Há 20 anos atrás, não há relato de famílias que recebiam ajuda do governo para manter seus filhos na escola. A pesca e os trabalhos domésticos que rendiam no bolso das antigas famílias. Hoje existe famílias que sua única fonte de renda fixa é o programa Bolsa Família.

Percebi que possuímos uma dificuldade na relação escola e comunidade. Percebo isso porque os pais não estão presentes no dia a dia da escola. Por outro lado, sabemos que a maioria precisa trabalhar e acaba sem tempo para cuidar e acompanhar o desenvolvimento dos filhos. Como culpar e obrigar os pais, que trabalham, a estar presente na escola? A necessidade está ligada diretamente à pobreza.

Neste aspecto entra um grande conflito existente na escola: os pais acreditam que o papel da escola é educar seus filhos e a escola cobra uma educação dos pais. Acredito que eles falam de uma educação diferenciada, pois a escola deve educar mostrando um conhecimento educacional e a família a educação doméstica, como o respeito ao próximo e a cultura pessoal de cada família e nisto a escola não deve interferir. Isso é o mínimo que um ser humano deve ter “educação”, que está ligada a uma postura e não conhecimento.

A família perde seu real papel transferindo para a escola a educação do seu filho. Como transformar uma criança que tem seus princípios negados, quando os pais são negligentes ou ausentes? Porém é um desafio

todos os dias da escola transmitir os valores para as crianças, sobretudo para os adolescentes, tentamos a todo custo ensinar valores e conscientizar que a vida é construída de escolhas, mas, volto a repetir, é um desafio constante. É neste momento que a escola percebe que não pode caminhar sozinha, precisamos de políticas públicas para desenvolver projetos voltados para a comunidade escolar (família e escola).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que tudo é preciso que tenhamos consciência de que a educação é um instrumento de mudança e que transforma a sociedade. Porém, de fato cada um traz consigo sua realidade de vida, o vídeo titulado como “Ciço” oferecido em um dos encontros presenciais do Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social relata um pouco dos princípios morais e da educação, que precisamos pensar nesta relação de educação formal e não formal, na qual devemos respeitar o fortalecimento da educação e respeitar a cultura trazida da realidade dos alunos. Acredito que dessa forma existiria uma educação mais justa para todos.

Acredito que a pobreza e a desigualdade social são realidades que sempre existiram e vão existir, justamente por falta de comprometimento do governo, por falta de políticas públicas ativas e ainda porque a educação precisa ser refletida e precisa também inserir em seu currículo novos métodos para estimular uma nova geração de alunos, que passam ainda mais por uma exclusão financeira e social, neste mundo que valoriza o capital.

Enquanto gestora da Escola Américo Falcão, foi importante descobrir a situação de muitos dos alunos e cobrar de toda a escola, mais alternativas que possam auxiliar nesta luta para motivar e conscientizar os educandos sobre a importância da escola e, ainda, transferir a responsabilidade, que é do governo, de cumprir as políticas públicas e executar mudanças na vida dos alunos a respeito da pobreza e desigualdade social.

Para trabalhar com a educação é necessário ser um profissional preparado para atuar em favor de um pleno desenvolvimento do ser humano. São poucos que acreditam que um indivíduo pode ser

transformando tendo oportunidades de mostrar os seus valores, que por muitas vezes são desprezados como se não existissem na sociedade, não tendo o mesmo direito que todos. Como diz Paulo Freire “toda realidade está submetida à possibilidade de nossa intervenção”.

Considero minha trajetória de resistência ainda inacabada, pois a educação sempre será um desafio e muitas pesquisas e práticas serão necessárias para nossa educação caminhar com todo poder (investimento financeiro) que necessita. Desejo que o papel do educador no futuro não seja só de cobrar uma postura e sim transmitir e estimular o conhecimento crítico também dos educandos. Para que aos poucos - pois considero um “papel de formiguinha” - a educação vá avançando e que a pobreza e a desigualdade social diminuam. Esse é meu desejo não só como uma gestora, mas com uma vida inteira realizando meu precioso papel de educadora.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Darana carvalo de; BURLANDY, Luciene. Política de combate à pobreza no Brasil, concepções e estratégias. **Revista Katálusis de Florianópolis**, Santa Catarina, v.13, n. 2, p. 201-209, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802010000200007>. Acesso em: 03 jul. 2018.

GADOTTI, Moacir. Lições de Freire. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v.23, n.1-2, p.13-24, jan.dec. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100002>. Acesso em: 03 jul. 2018.

GARCIA, Adir Valdemar; TORRI, Danielle; CERNY, Roseli Zen; OLIVEIRA, Silvia Maria de. **Reflexões sobre a pobreza: educação e assistência**. Ed. 1. Volume: 2 Local: Florianópolis / SC. Editora, Copiart ano. 2017.

18 DESIGUALDADES SOCIAIS NA TRAJETÓRIA ESTUDANTIL: condições de pobreza no processo de ensino aprendizagem

MARIA SONALI DA SILVA
sonalysabino.sr@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Vivenciamos desde a nossa infância diversas situações de pobreza. Está ao nosso redor, basta pararmos para observar que logo teremos ali à nossa frente uma circunstância bem visível de privação de recursos. Só resta a cada um de nós definirmos se aquele é realmente um estado de pobreza. “A postura mais comum é ver a pobreza como carência e, conseqüentemente, os pobres como carentes.” (ARROYO, 2018, p. 8).

Muitas famílias em situação de pobreza não estão preocupadas com o que os filhos irão aprender, e sim com algum tipo de benefício social que propõe a presença do aluno diariamente em sala de aula. Segundo Arroyo (2018, p.9), o “problema desse enfoque é que, se os(as) pobres são vistos(as) como carentes e inferiores em capacidades de atenção, esforço, aprendizagem e valores, acabam sendo responsabilizados(as) por sua própria condição”. (ARROYO, 2018, p. 9).

Este trabalho propõe, por meio de uma narrativa de vida, relatar minhas memórias desde a infância e abordar as principais dificuldades encontradas por mim e pela minha família no que diz respeito à educação, pobreza e desigualdade social. Pretendo mostrar que em meio às dificuldades enfrentadas nas escolas da rede pública, muitas vezes com faltas de aula, professores desestimulados, nunca desisti de sonhar em ter uma vida acadêmica e profissional.

ONDE TUDO COMEÇA

Recordo-me bem da minha infância, quando ainda não podia estudar devido a idade. As escolas públicas do município em que residia não atendiam o público maternal, apenas crianças a partir dos três ou quatro anos de idade, e estudar na rede pública era a única opção, já que meus pais não podiam pagar uma escola particular. Meu pai era agricultor e minha mãe dona de casa beneficiária do Programa Bolsa Família (PBF).

Essa renda era um complemento para comprar apenas o necessário, que era o alimento. Morávamos eu, meu pai, minha mãe e meu irmão em uma casa de taipa bem pequena, com apenas um quarto, uma sala e uma cozinha. Com o pouco que meu pai ganhava trabalhando na roça, tinha que pagar também a conta de luz e o gás. Arroyo (2018, p.13) aponta:

Ao contrário do que uma visão preconceituosa pode sugerir, a condição de pobreza é geralmente acompanhada por uma vida de trabalho duro, muitas vezes insalubre e sem visibilidade, embora fundamental para o funcionamento da sociedade (ARROYO, 2018, p. 13).

Ao completar quatro anos de idade, comecei a pedir aos meus pais para eles me levarem para escola. A vontade que eu tinha de estudar era notada por todos. Pedia diariamente, achava lindo as crianças indo e voltando da escola, com seus livros e mochilas nas costas. Um ano antes de me matricularem eles compraram uma mochila rosa que era a coisa mais linda do mundo. Eu colocava essa mochila nas costas todos os dias na esperança que eles me levassem à escola. Meus pais sempre adiando esse momento tão esperado por mim, e o porquê tudo isso? Eles se preocupavam com as calçadas altas que existiam no colégio, por causa dessas calçadas demorei a frequentar uma escola.

O INÍCIO DA JORNADA ESTUDANTIL

Comecei a estudar aos seis anos de idade, já era bem grandinha, e o pavor que meus pais sentiam das calçadas diminuiu, mas minha mãe

ao me deixar no colégio sempre falava: “- cuidado com as calçadas. Não saia para fora! (sic)”.

Era uma escola pública da zona rural do Sítio Campinas, município de Curral de Cima, onde moro até hoje. Sempre tive o maior orgulho daquela escola e fazia tudo com a maior dedicação, pois sempre gostei muito de estudar. Foi lá onde passei a minha infância e onde fui alfabetizada. Achava meus professores os melhores do mundo e me recordo de cada um deles com muito carinho.

Concluindo o 5º ano, que na época chamava-se 4ª série, fui para outra instituição, porque onde eu estudava só existia escolaridade até essa série. Dessa vez, uma instituição maior, na zona urbana da cidade de Curral de Cima. Continuava em escola pública, sem muitas dificuldades, pois não era tão longe e havia transportes todos os dias.

A escola oferecia merenda diariamente. Comecei a frequentá-la no período da manhã e me lembro bem que além da merenda escolar eles ofereciam também o café da manhã. Só passei um ano no período da manhã, no ano seguinte, eu já passei a estudar no sétimo ano, decidi então estudar no período da tarde. Foi nessa escola em que passei mais quatro anos de estudos e entrei para minha adolescência, terminando o Ensino Fundamental. Chegando no Ensino Médio, saí dessa escola.

O novo colégio ficava próximo ao anterior, com precariedade na estrutura física: apenas duas salas de aula, espaço pequeno. No entanto, era ali que iria começar a planejar os estudos futuros. Sabia que iria passar mais três anos letivos naquela escola. Passou-se mais um ano e lá estou eu, fazendo ENEM, pensando em uma futura graduação. Lembro-me de ouvir meu pai falando: “Só quem se forma é filho de rico.” Isso nunca me abalou, sempre fui de correr em busca dos meus objetivos e sonhos, sem me deixar abalar por palavras negativas, mesmo que estas venham de seu próprio pai.

Quanto ao ENEM, na primeira tentativa, não consegui muita coisa. Os anos foram passando muito rápido, logo eu já estava concluindo o Ensino Médio, aos dezoito anos de idade, até que não muito atrasada, apesar de ter demorado a ingressar na escola devido àquelas calçadas. Como eu nunca repeti de ano, terminei com uma idade razoável.

Desde os anos finais do Ensino Fundamental que sonhava em ser professora. A todos que me perguntavam o que queria ser, eu respondia que queria lecionar e isso não mudou ao longo dos anos, muito pelo contrário, essa vontade de estar em sala de aula só aumentava a cada dia.

A CAMINHO DE UMA VIDA ACADÊMICA

Ao terminar o Ensino Médio, iria cursar Licenciatura em Pedagogia, porém, fui parar na área da saúde. Comecei um curso Técnico em Saúde Bucal. Foi maravilhoso, não me arrependo em nenhum momento, mas eis que surge uma vaga de professora, o que sempre foi meu sonho, quando faltava apenas um ano para concluir o curso técnico, que teve duração de dois anos.

O correto para o cargo era que eu iniciasse a Licenciatura em Pedagogia. Enfim, aceitei o trabalho e meses depois entrei na Universidade para cursar Pedagogia. Ouvi muitos perguntarem como era que eu ia conciliar os dois cursos. Os primeiros meses não foram fáceis, pois além do trabalho durante toda a semana, os dois cursos estavam me sobrecarregando. Tinha dias que eu saía correndo de um, antes mesmo de terminar, porque tinha prova no outro. Não foi nada fácil os dias em que eu tinha que estudar Psicologia e depois correr para fazer uma prova sobre Instrumentais Odontológicos.

Enfim, foram poucos meses e deu tudo certo. Consegui vencer mais esta batalha e hoje sou formada em Saúde Bucal com muito orgulho. Continuo trabalhando como educadora e firme e forte na universidade cursando Licenciatura em Pedagogia.

Foi no local onde trabalho que surgiu a oportunidade de fazer este curso de aperfeiçoamento. Um dos meus colegas de trabalho é tutor do curso e apresentou a proposta a mim e aos demais professores da instituição, daí, realizei a inscrição de imediato. A princípio, assisti a uma aula presencial, mas o curso é na modalidade EAD.

Durante as atividades da universidade e do curso de aperfeiçoamento tive o privilégio de voltar na escola onde estudei na infância para fazer pesquisas de campo, onde fiz uso de observação e questionário.

Apesar de continuar sendo perto do local onde resido, eu não tinha entrado nessa escola há anos. Com as pesquisas de campo, foi-me oportunizado voltar a essa instituição e observar se havia muitas mudanças.

Uma das primeiras coisas que percebi ao retornar ao colégio foi que, mesmo depois de algumas reformas, aquelas calçadas que tanto amedrontavam meus pais continuam lá do mesmo jeito. No entanto, os portões ficam sempre fechados na hora do intervalo impedindo que os alunos corram algum risco, ao contrário do tempo em que eu estudava, em que os portões eram todos abertos e as crianças corriam naquelas gigantescas calçadas, inocentes, brincando como se não houvesse perigo algum. Não me vem à memória nenhum acidente que tivesse ocorrido com aluno. Se ocorreu, não me recordo.

Parte da estrutura física do colégio mudou muito, mas parte continua do mesmo jeito, poucas salas, entrada não acessível e com muitas calçadas dificultando o acesso de pessoas com necessidades especiais, apesar de não ter pessoas com tais necessidades lá.

Observei crianças que esperavam ansiosas pela hora do intervalo, para comer a merenda que estava sendo oferecida, crianças essas que podem até ter saído de casa sem tomar seu café da manhã por não ter o que comer.

A maioria das famílias dos educandos daquela escola moram ali por perto e recebem o benefício do Programa Bolsa Família (PBF).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, a questão de pobreza muitas vezes passa despercebida. As pessoas já estão, de certo modo, acostumadas a conviver com tal realidade. Em um contexto de pobreza e desigualdade social muitas vezes pai e mãe analfabetos não conseguem fazer o acompanhamento escolar

de seu filho simplesmente por que não sabem ler. A dificuldade dessa criança é superior a qualquer outra que tenha os pais alfabetizados. De acordo com Arroyo (2018, p.10):

Quando se imputa aos(às) pobres a sua condição de pobreza e considera-se que são carentes de valores, passa-se a entrever apenas uma solução: educá-los(as) nos valores do trabalho, da dedicação e da perseverança, desde a infância. Nesse contexto, a tarefa da escola diante de milhões de crianças e adolescentes na extrema pobreza seria de moralizá-los(as) nesses valores, que eles(as) supostamente não recebem das famílias e dos coletivos empobrecidos. A escolarização, então, seria somente um antídoto contra a pobreza ao moralizar as infâncias e adolescências pobres (ARROYO, 2018, p.10).

Ao longo do curso, com as atividades e pesquisas propostas, pude observar que a questão de educação, pobreza e desigualdade social é bem maior do que eu imaginava, que a realidade foge totalmente das perspectivas que temos e que as condições de algumas pessoas são bem mais precárias do que se imagina.

Visitando as escolas notei algumas necessidades por parte dos alunos e também por parte de alguns professores, não em saber lidar com a situação - isso eles fazem muito bem - mas seria necessário ali um planejamento que trouxesse a realidade dos alunos para sala de aula, tinha que existir a procura e pesquisa de projetos que enriquecessem o dia a dia daquelas crianças de forma prazerosa e que as motivassem.

Tem muitas crianças que só frequentam a escola por medo dos pais de perderem algum benefício. Conversando com a diretora da instituição, ela falou que com o início desses programas do governo, a frequência dos alunos vem permanecendo regular.

Ao fazer a atividade onde teria que tirar fotos de lugares ou pessoas em situação de pobreza, não imaginaria o que poderia encontrar, e me deparei com ambientes de extrema miséria. Existem muitas definições no que diz respeito a pobreza. Surgem pessoas para falar até que ela não

existe, mas ela existe sim, e nos rodeia. O pobre nem sempre é aquele indivíduo que não trabalha porque é preguiçoso.

REFERÊNCIAS

ARROYO, MIGUEL GONZÁLEZ. **Módulo introdutório:** pobreza, desigualdades e educação. In: Ministério da Educação – SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, 2018.

Programa Bolsa Família. Disponível em: <<https://pt.m.wikipedia.org>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

Pesquisa de Campo. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/pesquisa-de-campo/>> Acesso em: 26 jun. 2018.

19 ENFRENTANDO A POBREZA: combatendo a desigualdade social

MARIA NEIDE DE FIGUEREDO PEREIRA
neidefp45@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho enfatiza a minha luta árdua contra a pobreza, desigualdade social e falta de educação de qualidade, conteúdo este que aprimorou meu conhecimento no decorrer do curso. Sabemos que essa tríade nos acompanha desde tempos antigos e rodeia a sociedade de forma brusca. A educação oferecida ao aluno tem que ser de qualidade, e, para isso, o educador tem que está devidamente preparado. Combater a pobreza não é apenas oferecer uma roupa ao nu ou comida ao faminto. Não! É muito, além disso.

O educador tem que ter embasamento e sensibilidade ao tratar as situações de vivência dos seus educandos, assim como a comunidade escolar deverá estar envolvida no processo de sensibilização de família/escola. É de suma importância o combate à pobreza dentro da unidade escolar, espaço esse onde o alunado passa mais tempo do que em sua própria casa. Contudo podemos afirmar que a educação não está apenas dentro do espaço escolar. Brandão (1985), em seu livro *O que é a educação*, revela que:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com Módulo I - Escola: espaços e tempos de reprodução e resistências da pobreza 7 ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 1985. p. 7).

Chamo-me Maria Neide de Figueredo Pereira, tenho 52 anos, natural de Taperoá/PB. Minha terra que amo, porém, trago muitas amarguras de lá, onde iniciei minha trajetória sofrida de vida. A pobreza me rodeava de forma amedrontadora. Minha infância foi marcada por limitações devido à grande pobreza em que vivíamos. As brincadeiras eram em cima de árvores ou no terreiro de um vasto quintal que rodeava a pequena casa de barro.

Sofri muito preconceito, pois éramos uma das famílias mais pobres que habitavam aquele sítio. Para ir para escola, eu andava varias léguas se não iria crescer mais uma analfabeta em meio à grande multidão de analfabetos que moravam lá.

Filha de pais ainda hoje analfabetos, minha mãe, dona Terezinha, após ter um filho e se recuperar sempre sumia de casa e nos abandonava, reaparecendo depois de três ou quatro dias. Até hoje não sabemos por onde ela andava. Enquanto isso, meu pai, seu Sebastião, ficava nervoso e descontava nos filhos. Nós apanhávamos muito. Era muita ignorância para um ser humano só.

Um dia eu cansei de tanto sofrimento e tanta pobreza: a mim faltava comida, roupas e ouvi falar que fora dali existia uma vida que seria promissora. Fugi de casa aos 11 anos para o Belém do Pará e lá comecei a trabalhar em casa de família tomando de conta de outras crianças. Quando atingi a maior idade, eu me tornei governanta e resolvi viajar para João Pessoa/PB para rever minha família que agora morava lá.

Nessa viagem conheci o Edson, que logo então se tornaria meu esposo. Ele pertencia a uma família de classe pobre, mas isso não foi impedimento para construirmos nossa família. Eu que não possuía conhecimento o suficiente para ver o que o futuro poderia me reservar com essa relação, abandonei a vida promissora que a educação me oferecia lá no Pará.

Comecei uma vida de luta e sofrimento, ouvia todos os dias que eu era uma sujeita metida e cheia de mimos por ter vindo do Belém, onde a educação era diferente. Parei meus estudos, meu esposo me privou de adquirir conhecimento e poder mudar de vida. A mãe dele

que conhecimento e educação nenhuma teve, era um ser humano de extrema ignorância e o alimentava com palavras negativas de que todo ser que fosse à escola se tornaria mais um rico e metido no mundo.

O tempo passou e me tornei mãe de dois filhos, que são tudo para mim. Eles cresceram em meio a muita dificuldade. Enfrentamos a desigualdade social e combatemos a pobreza a todo instante de nossas vidas. Batalhei até conseguir meu primeiro emprego na cidade como auxiliar de sala de aula em uma creche, na qual tive convivência com outros profissionais que apesar de serem diplomados eram dotados de uma educação incrível. A partir disso, comecei a despertar a vontade de voltar a estudar e assim me aprimorar na área da educação onde já estava inserida.

Com muita dificuldade terminei o ensino médio, e agora a vontade de conseguir uma licenciatura estava tão longe, pois dinheiro para pagar uma faculdade não tinha. Meu esposo ficou desempregado e ainda por cima jogou na minha cara que iríamos voltar a passar fome, pois com o salário que eu ganhava não daria pra sustentar a casa. Lá se ia meu sonho de me formar. Continuei a trabalhar na creche e logo em seguida consegui emprego em uma escola do estado também. Assim comecei a cursar a faculdade de ensino superior. Lembro-me bem no dia que todas as colegas saíram pra almoçar e eu não podia, pois não tinha dinheiro, então bebi água e disse que tudo ficaria bem, mas não perdi meu objetivo de conseguir meu diploma que mais a frente faria toda diferença em minha vida. Infelizmente, para quem vem de família pobre, o ingresso em uma universidade é algo quase que impossível. Há uma grande diferença entre a educação privada e pública. Uma possui educadores que nem todos possuem preparo correto para repassar conhecimento - isso é uma realidade nua e crua - a outra exige que todo e qualquer profissional a ser contratado para repassar conhecimento tenha no mínimo uma pós graduação ou mestrado. Contudo eu consegui. Terminei e me formei, hoje sou pedagoga e eterna apaixonada pela educação. “Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.”, diz Paulo Freire.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desigualdade social anda lado a lado com o preconceito e necessita ser destruída. Todo esse aprendizado será compartilhado entre colegas de trabalho e aplicado no dia a dia dentro e fora de sala de aula. Mudar o olhar do educador para esta temática é um grande desafio. Na minha opinião, este curso é de suma importância para melhoria do processo de aprendizagem, pois penso que todo conhecimento deve ser multiplicado para assim causarmos impacto dentro de uma sociedade que necessita de grandes mudanças.

A prática na escola pode ser o princípio, podendo intervir no conceito dessa desigualdade e condição de pobreza. Aqui deixo os meros agradecimentos a toda coordenação e equipe pedagógica deste curso que contribuíram no enriquecimento do meu pensamento e práticas quanto educadora.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). **A questão política da educação popular**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982b.

_____. **Lutar com a palavra**. Rio de Janeiro: Graal, 1982a.

_____. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

20 DO TEXTO AO CONTEXTO: uma estreita relação entre pobreza e educação

MÔNICA CRISTINA DA SILVA SANTIAGO
monicacristina85@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho irei apresentar fatos que se destacaram em minha vida, ou seja, minha trajetória familiar, meus momentos bons e ruins e relatos de meus pais. Também trago na narrativa meu período escolar, acadêmico e profissional, e quem foram os responsáveis por contribuir com minha aprendizagem e conhecimento e quais eram meus sonhos. Conto um pouco da escolha pelo curso de Letras, do meu desejo de transformar o cotidiano escolar e qual a importância da educação popular para minha vida e para minha vida profissional.

Os objetivos deste trabalho são relatar através de experiência de vida a relação entre pobreza e educação; reconhecer a história de vida na perspectiva de educação popular como ferramenta para educação formal; e identificar as contribuições da educação popular na formação docente. Este trabalho é pautado em uma pesquisa de revisão bibliográfica elaborada tomando como base material já publicado sobre o tema, em livros, artigos, revistas e periódicos.

A partir de uma abordagem qualitativa, buscaremos subsídios de forma sistematizada para proceder à análise dos dados que serão coletados durante a realização da pesquisa, conforme Gil (2010). Sendo assim, pretendemos ao final da revisão bibliográfica, aprofundarmos conhecimentos e reunirmos estudos que subsidiarão a educação como instrumento de formação cidadã.

A pesquisa se situou no campo metodológico da História Oral, por compreender que *este* tem sido um importante suporte aos estudos que buscam o outro excluído dos acontecimentos históricos oficiais.

Enquanto sujeitos concretos e históricos, as alfabetizadoras trazem em sua trajetória de vida, a memória silenciada do percurso educacional realizado em vida e no contexto de cada época. É, sobretudo, dessa memória que busca-se compreender o sentido humano da libertação. De acordo com Freire (1987, p. 17):

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem mais que eles para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela *práxis* de sua busca, pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela.

Nessa perspectiva, procurou-se resgatar a memória e entender a educação para além dos horizontes institucionais. Garimpando as narrativas e memórias, pode-se mergulhar de forma mais profunda no cotidiano da educação de homens e mulheres que dedicaram à vida a partilha do conhecimento, através das condições concretas de suas vidas. Assim, passaram a exercer uma liderança educacional e política.

Camargo (1982) chama atenção para a importância do relato de memória como forte base para a definição da natureza sociológica dos fenômenos históricos, integrando subjetividade e objetividade. Na sua compreensão, somente através das entrevistas é que se pode compreender e refletir diretamente sobre as atitudes e as crenças de uma dada população em seus aspectos mais singulares, condizentes com o seu contexto sociocultural.

Em novembro de 2017 iniciamos o Curso de Aperfeiçoamento que tem a finalidade de provocar o debate e a reflexão, sobretudo, no que se refere aos processos de educação envolvendo sujeitos que vivenciam a pobreza ou a extrema pobreza. Mas afinal, qual a relação da educação com a pobreza?

HISTÓRIA DE MINHA VIDA



FONTE: Jean Fidelis (2018).

Eu, Mônica Cristina da Silva Santiago, sou a única mulher dentre três irmãos, filha de Maria da Penha e Severino do Ramo. Merendeira, com segundo grau completo, e vigilante, analfabeto, pois precisou trabalhar ainda criança para ajudar a mãe, viúva, a sustentar os irmãos. Morávamos em uma comunidade conhecida como Padre Hildon Bandeira, localizada na Beira Rio, no bairro da Torre.

Nasci em maio de 1985, fruto de um amor marcado por preconceitos e desigualdades. Assim, meus pais foram obrigados a refazerem suas vidas nessa comunidade, em casa de barro, e, segundo relato dos meus pais, neste mesmo ano aconteceu uma enchente que destruiu nossa casa, e dei um susto neles, pois por pouco não fui arrastada pelas águas. Fomos, então, obrigados a morar debaixo de uma lona. Preocupado com a situação dos moradores daquela comunidade, Padre Hildon Bandeira desempenhou um papel importante, buscando apoio para melhorar as condições de vida dos moradores.

O Padre Hildon mobilizou comércio, setores administrativos, paroquianos, imprensa e a população em geral, conseguindo assim mais um passo na luta em prol dos carentes: a construção do Centro Social Nossa Senhora da Esperança (FRAGOSO, 2001, p. 74).

No governo de Wilson Braga, as famílias foram relocadas para a parte superior da comunidade e aos poucos foram sendo construídas casas de tijolos. Depois de muita luta, meus pais conseguiram a construção de uma casa de tijolos, com um vão, apenas, e assim, fui crescendo observando o que acontecia ao meu redor.

Vi meus pais sofrendo, pela saúde do meu irmão, pela perda de amigos vítimas da violência, vi, aos poucos, a violência tomando conta daquele espaço que queria que fosse minha rua, onde pudesse brincar de bola com meus irmãos e amigos. Até que um dia essa violência bateu a minha porta, quando uma daqueles homens disse ao meu pai que me queria como filha e que iria me levar. Por que eu? Por que me tirar dos meus pais que me ensinavam a respeitar e a ser honesta, me tirar de quem me dava carinho e amor, por qual motivo?

Fui defendida por uma mãe e um pai valente que sabiam que precisavam mudar aquela realidade e oferecer algo aos seus filhos. Naquele dia, minha vida mudou. Como fui uma criança esperta, ouvia as conversas dos meus pais, sempre preocupados com minha educação, e sempre ouvia: vamos ensinar em casa, ou a rua ensina.

Iniciei meus estudos em uma escola pública chamada João José da Costa, e fui sendo alfabetizada por professores de formação. Mas quando era à noite, eu tinha aula com um professor que eu chamava papai. Este, por sua vez, não podia me ajudar nas tarefas de casa. Afinal, não sabia ler, nem escrever, mas me ajudava a entender o que eu via, ensinava que eu tinha que cumprir com meus deveres e no futuro lutar por meus direitos, me falava da importância dos livros e sempre me presenteava com um. E sempre dizia:

Minha filha, o único tesouro que posso te deixar é o estudo. Estuda, filha!

Aproveita essa oportunidade, teu pai não teve e carrega esse desgosto. Não saber ler me entristeceu... (Severino do Ramo)

Cheguei ao que era chamada quarta série, e só aí percebi que na vida se perde. Perdi meus amigos de turma, cada um foi para uma escola diferente, e meus pais resolveram me inscrever em uma seleção para conseguir vaga na escola Olivina Olívia. O resultado saiu e minha trajetória estava sendo traçada. Como meus pais acreditavam em mim, não podia desapontá-los.

O pior estava por vir, tamanha já era a violência na nossa comunidade. Criar os filhos para algo considerado diferente era uma afronta e uma forma de querer ser “melhor que os outros”. Por morarmos em uma comunidade, não poderíamos estudar, não engravidar na adolescência, não usar ou ajudar no tráfico de drogas? Teríamos que crescer para fazermos parte das estatísticas de jovens envolvidos com o mundo do crime, ou mortos ou grávidas? Não era isso que queria para mim. Não era isso que meus pais queriam para seus três filhos, e foi necessário fugir daquele lugar.

Lembro que fugimos à noite, depois de uma troca de tiros entre meu pai e traficantes. Fomos morar em condições melhores, mas sem esquecermos da importância daquele lugar que serviu de aprendizado por muitos anos. Aquele lugar que serviu de experiência enquanto sujeitos aprendentes e capazes de criticar, de desconstruir e de construir pensando no bem-estar de todos. Conheci ali pessoas maravilhosas, que tinham muito a ensinar e que depositavam em mim confiança.

Quantas vezes ouvi seu Alcides e dona Terezinha dizendo que eu era muito estudiosa, inteligente e que ia ser diferente de tudo que eles já tinham visto naquela comunidade. Passei a ser referência para seus netos. Era quase uma adolescente adulta, me sentia responsável por retribuir tanta confiança.

Cheguei ao que conhecemos como Fundamental II, na escola Olivina Olívia e aquela frase do meu pai não me saía da cabeça. Eu pensava sempre, chegava até a sonhar com aquilo e fui alimentando meus sonhos e pensando que existem pessoas que procuram pôr o dinheiro em primeiro plano e acham que isso é sinônimo de felicidade, porém há aqueles preocupados apenas com sua realização e fazem o possível, para alcançar seus objetivos. Não tínhamos passagem para irmos de ônibus a escola, mas não era motivo de faltas, pois a distância dava para ser percorrida a pé.

Diante de conjunturas difíceis, visto que tudo é inconstante, devemos preencher o vazio e nos deixar levar pela emoção da simplicidade. Nesse caso, o objetivo principal é esquecer as dificuldades e enfrentar a

batalha de nossa existência. E a cada dia mais responsabilidades com o estudo eu tinha. Queria aquele tesouro do meu pai.

Em minha visão “SER” no mundo significa transformar e re-transformar o mundo, e não adaptar-se a ele. Como ser humano, não resta dúvida de que nossas principais responsabilidades consistem em intervir na realidade e manter nossa esperança (FREIRE, 2001, p. 37).

O dinheiro não traz alegria, sorriso, amizade, ele apenas é uma necessidade de muitos. O importante é esforçar-se ao máximo e ter a consciência de que, nos pequenos gestos ou desejos, está o essencial, para sermos completos. O caráter será o alicerce principal, e, com ele, podemos colher bons resultados, acrescentando a esperança de vencer e muita força de vontade. Enfim, feliz não é aquele que tem glórias ou riquezas, e sim quem possui personalidade e coragem para enfrentar o precipício que é a vida, deixando para trás o egoísmo e provando aos demais que o mundo é desumano para as pessoas que não acreditam em seu potencial. Aprendi isso com meu pai-professor e desejava ser como ele. Queria a coragem e sua personalidade.

Como a vida não é apenas composta de instantes de felicidade, quando eu achava que tudo tinha tomado seu rumo certo, meus pais passaram por uma crise, depois de tanto batalhar juntos e se separaram. Eu estava em um daqueles momentos em que queria sorrir, ser gentil, amável, porém a única resposta eram lágrimas, palavras amargas, grosserias e não sabia explicar a causa de tamanha tristeza.

Resolvi sair, para esquecer os problemas, as incertezas, mas não encontrava nada que me fizesse descobrir que precisamos passar por momentos difíceis para provarmos a nós e aos demais que somos capazes de superarmos qualquer obstáculo e que vencer é melhor que querer, para isso basta ter esperança de um novo viver.

Durante a noite, estava sentada em um banco de praça, cabisbaixa, refletindo o motivo de minha angústia, quando resolvi erguer a cabeça e observar o luar. Percebi que ele é solitário, mas possui vários motivos

para brilhar, então, tirei a conclusão de que muitas pessoas precisam de meu sorriso; levantei e fui embora, olhando para aquela lua, que ali estava atraindo meu olhar como um ímã. Entendi, naquele instante, que minha mãe e meus irmãos precisavam de mim, e que meu pai precisava do meu sorriso.

Quantas noites sem dormir, sentindo falta do meu pai, do exemplo para minha vida, do homem que me fazia sonhar, fazer planos, do meu super-herói. Por um instante deixei minha tristeza atrapalhar minhas leituras. Os livros que meu pai me dava de presente não tinham mais sentido. Para quem eu ia contar o que tinha lido? Não fazia mais sentido ler em voz alta para chamar a atenção dele, não fazia mais sentido mergulhar na leitura como se estivesse dentro do livro. A minha mãe, com sua sabedoria, apoiou-me, e um professor de artes viu em mim a angústia e me propôs um desafio - dançar representando a turma em uma gincana. Agradeço até hoje a este professor a oportunidade de não ter desistido de mim.

Meses se passaram e na volta da escola lá estava meu pai... em casa! Abracei meu herói e voltei a sonhar. Concluí mais uma etapa da minha vida.

É chegada a hora do ensino médio, na escola Lyceu Paraibano. Serão três anos e uma escolha a fazer. Que profissão seguir?

Mais uma vez veio a responsabilidade, a pressão, a necessidade de não desapontá-los. Mas como humana, estava frágil, ouvia professores dizendo que eu era a única esperança daquela turma, que os outros “não chegariam a lugar nenhum”. E aquilo foi me entristecendo, pois queria que acreditassem nos meus amigos, que assim como eu, eles eram capazes. Lembram que cresci com a frase do meu pai? Sabem qual era meu sonho?

Queria ser professora para ensiná-lo a ler e escrever, não podia deixar meu pai triste. E como ele sempre falava em letras, livros, português, decido cursar Letras. Muito jovem, descobri que não era o curso mais indicado para quem queria alfabetizar, mas me encantei e me sinto realizada pela escolha que fiz. Sempre pedi a papai para sentar comigo para estudar

e ele, muito cansado, dizia que já era velho. Em escolas que eu ia como a filha do vigilante, voltei como professora, e por incrível que pareça, para atender a adolescentes da mesma comunidade de onde saí. Felicidade em dobro. Alguns tinha visto pequenininhos, e outros se perderam pelo caminho.

Hoje, formada em Letras, Assistente Social em formação, e Assessora Pedagógica da Prefeitura de João Pessoa, sinto-me na condição de acreditar no potencial de cada sujeito aprendente, de cumprir com minha responsabilidade social enquanto profissional da educação e de me capacitar cada dia mais para repensar minha prática. Para que eu, através da minha experiência de vida, contribua para que os alunos sejam capazes de mudar sua realidade social e promova reflexões e discussões sobre as vivências dos sujeitos em circunstâncias de pobreza e de extrema pobreza, em relações sociais e políticas injustas.

RELAÇÃO ENTRE POBREZA E EDUCAÇÃO

O acesso à educação e a oferta de ensino fundamental universalizou-se e seu crescimento foi favorecido por marcos legais como a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996, possibilitando, assim, a implementação de políticas públicas comprometidas com o combate à exclusão e à retenção escolar.

As mudanças tecnológicas trouxeram à tona a percepção de que a atividade humana requer o domínio da leitura, da escrita e do pensamento lógico, acrescentando as habilidades de comunicação por diferentes processos. É importante assegurar às crianças e adolescentes uma educação de qualidade e que garanta sua permanência na escola, uma aprendizagem que os integre na vida cidadã, e o mais crucial: dentro do período regular do ensino fundamental.

O acesso à escola às diferentes camadas sociais não extirpou o elevado número de retenção e evasão escolar. A nossa história social

nos apresenta desigualdades que percorre os fazeres pedagógicos das nossas escolas e permanecem como desafios a serem enfrentados pelos sistemas de ensino.

Nessa perspectiva, poderíamos refletir sobre a relação entre educação e desigualdade social, em como crianças e adolescentes são pensados pela sociedade, e em como a desigualdade é compreendida como incapacidade para o estudo e a aprendizagem, reforçando assim a visão moralista de que a pobreza material é produzida pela pobreza moral dos pobres.

Os pobres, assim, são vistos como inferiores em aprendizagem e em valores, e acabam responsabilizados por sua própria condição. Com essa visão reducionista, ignoram-se os efeitos desumanizadores bem como inferiorizam e segregam pessoas, comprometendo, assim, a autonomia de cada indivíduo. Imputar aos pobres a sua condição de pobreza é prever a educação para os valores do trabalho. Os programas socioeducativos podem trazer um objetivo moralizador, e a pobreza acaba sendo vista pelo viés educacional, e o problema produzido nos contextos sociais, políticos e econômicos, são lançados de forma irresponsável às escolas e a seus professores(as), ficando mascarada toda uma questão social.

As representações sociais pesam sobre as pedagógicas. As formas de pensar a pobreza como questão moral pela sociedade, pelos programas socioeducativos, e pelas escolas faz com que não se garanta o direito ao conhecimento, às ciências e às tecnologias, que possibilitariam a intervenção sobre sua realidade social. Em realidade, a caracterização dos(as) pobres como inferiores em moralidade, cultura e civilização tem sido uma justificativa histórica para hierarquizar etnias, raças, locais de origem e, deste modo, alocá-los nas posições mais baixas da ordem social, econômica, política e cultural (ARROYO, 2013).

Em vista disso, a preocupação com alguns aspectos que envolvem a prática docente no que concerne ao desafio da formação de leitores, e os desafios enfrentados no processo de alfabetizar nos faz refletir em questões que merecem atenção como as consequências para os currículos

e para a função social da docência tendo em vista a permanência do papel moralizador da educação.

Os percursos escolares de crianças e adolescentes trazem marcas de suas vidas e de suas condições sociais. Assim, a sobrevivência de forma precária condiciona suas trajetórias como estudantes, o que nos aponta à necessidade de reestruturação do pensamento pedagógico para a não visualização dos(as) diferentes como desiguais, e sim, para o reconhecimento das diversidades.

Visando criar condições para o cumprimento da função social da escola, administradores municipais e estaduais vêm tomando iniciativas para melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem. Defende-se um trabalho nos anos iniciais que envolva o alfabetizar letrando, ou seja, aquisição, por parte da criança, de capacidades inerentes ao sistema, feita por meio dos usos sociais que se faz da leitura e da escrita.

A história da alfabetização percorreu um processo de idas e vindas na busca de uma educação que, além de ensinar a decodificar, proponha-se a dar acesso aos grupos excluídos à participação social e cultural, como um processo político, um bem simbólico indispensável na luta pela conquista da cidadania (SOARES, 2008).

O referido trabalho propõe uma reflexão aos docentes, propõe que o professor se convença que o aluno é capaz de aprender, esquecendo rótulos e expectativas desfavoráveis. Acreditar que todos são capazes é dirigir um novo olhar para a turma e para cada aluno, sem atribuir-lhes classificações ou estigmas. É preciso considerar suas histórias de vida, seus saberes e valores definidos pelas relações nos diferentes grupos sociais que se identificam.

Os problemas da educação relacionados com a precariedade na leitura e na escrita e os problemas de formação de professores e de práticas pedagógicas apresentam-se no contexto escolar. A partir desse âmbito, e nas leituras do material proposto no curso, surgiu meu interesse em relacionar as minhas aprendizagens e as minhas práticas enquanto profissional da educação. Isso, manifesta-se da preocupação no que concerne as implicações que essas trazem para a inserção na cultura

letrada, das crianças e adolescentes atendidos pelas escolas, para aquisição de conhecimentos e possibilidades de inserção social.

As práticas pedagógicas precisam ser relacionadas com políticas públicas que promovam a educação de qualidade social para todos, ou seja, que possibilite o acesso e permanência no sistema escolar e proporcione o conhecimento que compreenda a alfabetização com letramento.

Diante da problemática exposta, vem à tona alguns questionamentos como: estamos contribuindo para a alfabetização com letramento, ou perpetuando o processo de exclusão social? Existe relação do assunto com práticas sociais?

Esses questionamentos constituem uma forma de organização do estudo, facilitando o aprofundamento do tema e o confronto com a realidade. Para Paulo Freire, “a realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos esses dados e mais a percepção que deles esteja tendo a população neles envolvida. Assim, a realidade concreta se dá aos educadores(as) na relação dialética entre objetividade e subjetividade”.

EDUCAÇÃO POPULAR COMO FERRAMENTA PARA EDUCAÇÃO FORMAL

A Educação Popular assume a realidade enquanto totalidade concreta. Participar da realidade significa compromisso com a diversidade inserida em contextos sociopolíticos distintos. No Brasil, a discussão sobre alfabetização não considerava o como se aprende, ou melhor, não era foco de atenção por parte dos pesquisadores e professores. Isso só ocorreu a partir dos anos 1980, com a proposta de Piaget, Emília Ferreiro e Ana Teberosky com estudos sobre a psicogênese da língua escrita. A criança nessa perspectiva é vista como sujeito cognoscente, ou seja, o que busca adquirir conhecimento. Segundo Ferreiro e Teberosky (1999, p. 29), a criança é “um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo, e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza o mundo.” A perspectiva

psicogenética conduziu equívocos, como a ideia de que o convívio com os vários portadores de textos seria suficiente para a alfabetização.

Soares (2008) enfatiza que alfabetizar envolve uma diversidade de procedimentos e métodos de ensino, ou melhor, exige múltiplas metodologias. Para complementar o conceito de alfabetização, que é, por sua vez, insatisfatório, surgiu o termo letramento, como uma forma de explicar o desenvolvimento cultural, econômico e social do país. Era necessário um processo que envolvesse não apenas o sistema linguístico, mas práticas sócias de leitura e escrita.

Considera-se que o importante é se apropriar do sistema da escrita, e ao mesmo tempo, ser usuário do texto, pois a construção da língua escrita se inicia quando esta se torna objeto de interesse para a criança. Consideramos e compreendemos que alfabetização e letramento são conceitos diferentes e indissociáveis. Na fala de Soares (2004, p.14):

[...] a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

O letramento é uma prática social relacionado com o contexto histórico e social do indivíduo. Existem conflitos em sua interpretação no que tange ao letramento associado ao progresso, o que Street (2014, p. 43) chama de modelo autônomo, ou como práticas socialmente desenvolvidas que levam o indivíduo a questionar valores e padrões impostos pela sociedade; este é o modelo ideológico.

Com efeito, não basta decifrar palavras, é preciso adequar metodologias para o letrar. É importante o trabalho com estratégias a serem usadas antes e depois da leitura, fazendo com que alunos criem hipóteses, e construam sentidos para o texto.

A escola é a responsável, como instituição social, por oportunizar saberes. Isso significa relacionar os diferentes usos reais da língua, domínio

da norma culta, autonomia na oralidade, sem desrespeitar os diferentes modos de fala, o que constituiria o preconceito linguístico.

Para Bakhtin (2003), a língua “efetua-se em forma de enunciados concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. Ou seja, desde pequena, a criança aprende os signos (palavras) que possuem um contexto.

A escola tem a função de garantir os saberes para o exercício da cidadania. É sua responsabilidade ampliar o letramento dos alunos para que estes compreendam o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da situação em que vivem milhões de pessoas, ocasionada por muitas divergências, está em crise no ensino, com elevado índice de analfabetismo. Existe muita miséria e o governo não desperta para o essencial, ou seja, o ensino de boa qualidade, já que seus investimentos medíocres só afastam, cada vez mais, as pessoas de seus ideais e fazem com que elas sejam substituídas por máquinas. Muitos acham que a industrialização é sinônimo de sucesso, mas a capacidade de cada ser está acima de um simples acessório.

Precisamos de consciência e agilidade, para conseguirmos uma sociedade igualitária. Para isso, basta que os homens, através do estudo e da leitura, descubram que a vida pede-lhes a conquista interna, e a educação é o início de um futuro progressivo. O importante é esforçar-se o máximo possível e reconhecer nossas necessidades. Assim, estaremos na condição ideal para um desenvolvimento verdadeiro, basta acrescentarmos persistência e determinação, afinal, precisamos desconstruir a visão de que ser pobre é ser incapaz.

O curso de Aperfeiçoamento em Educação, Pobreza e Desigualdade Social representa para mim uma oportunidade única de analisar minha prática profissional, atrelando a ela sensibilidade, visando a transformação da realidade escolar e social dos aprendentes.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzales. **Os coletivos empobrecidos repolitizam os currículos**. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. São Paulo. 2º ed. Brasiliense, 1982.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 06 nov.2017.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2013.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **A importância o ato de ler**. São Paulo. 41.ed. Cortez. 2001.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante (Org)**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1981.

FERREIRO, Emilia. **Psicogênese da Língua escrita/** Emilia Ferreiro, Ana Teberosky; tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. –Porto Alegre: Artmed, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 6.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

MOSCOVICI, S. **A Representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar,1978.

SACRISTÁN, José Gimeno (Org.). **Saberes e Incertezas sobre o Currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. 26º Reunião Anual da Anped, 2004.

STREET, Brian. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**/Brian V.Street; tradução Marcos Bagno.São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

21 A POBREZA VISTA COM OUTROS OLHOS: como o curso "Educação, Pobreza e Desigualdade Social" mudou minhas concepções

RAYANNE DE FRANÇA FASSELUAN
rayanne97@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi produzido no Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social (CAEPDS a seguir), oferecido pela Universidade Federal da Paraíba, Campus IV, Mamanguape-PB, e buscou unir a experiência pessoal com as temáticas abordadas. Fundamentei o trabalho em textos ofertados pelo Curso e em momentos de contato próximo com ambientes em situação de pobreza.

A pobreza, como nós sabemos, pode ser vista em vários sentidos, mas nesse momento trato da pobreza de bens materiais e serviços básicos. Nessa condição está um número gigantesco de pessoas, que passa por diversas necessidades diariamente, faltando-lhes o que os Direitos Humanos consideram como essencial: comida e moradia.

Existem algumas diferenças acerca da pobreza, conhecer, entender e viver a pobreza. São três pontos diferentes e o enfoque do CAEPDS era de reconhecer a pobreza, que de fato aconteceu comigo.

No meu entendimento, eu apenas conhecia a pobreza enxergada no outro, porém, com as atividades realizadas ao decorrer do tempo e, com as reflexões proporcionadas a partir do Curso de Aperfeiçoamento, eu pude mudar alguns conceitos e rever mais apropriadamente como e onde se encontra a pobreza, inclusive na minha trajetória de vida, e que ela vai além do consumo básico de bens e serviços. Ela se estende para dentro das escolas de forma que os alunos por ela vitimados são pobres

de conhecimento, de incentivo por parte da família, entre outros aspectos econômicos e afetivos.

Compartilhar minhas memórias é elencar tanto minha trajetória de vida quanto algumas situações que envolvem a pobreza e a desigualdade social, a partir do que presenciei ou a partir do conhecimento de mundo.

Recordando meus momentos de infância, no início segui como a maioria das crianças de classe baixa, que trabalha desde a infância para ajudar os pais. Noutra momento tive o incentivo para sempre estudar e buscar minhas próprias realizações, melhorar de vida e ter independência. Quando a gente cresce um pouco começa a entender as dificuldades da vida, e ver o quanto é dura a realidade de algumas famílias.

Todos os dias histórias são expostas e refeitas. Cada ser humano constrói a sua com passar dos tempos. Elas são a base das pessoas, pois nelas estão toda sua essência e personalidade. E assim as pessoas vão se fazendo no mundo, seja com perspectivas boas ou ruins, e por este motivo as pessoas são únicas e possuem trajetórias singulares. No meu caso, passei diversos momentos únicos, e na maioria, pude presenciar a pobreza. Diante disso, surge meu interesse em fazer minha narrativa de vida, atrelado ao passado, às desigualdades e às oportunidades de mudança.

UM PANORAMA DA POBREZA E DA DESIGUALDADE SOCIAL

Durante as atividades desenvolvidas no CAEPDS, foram realizados vários contatos com pessoas e ambientes em situações de pobreza, em escolas, famílias, moradias, além do trabalho com documentos e políticas públicas.

Quando falamos de pobreza, sabemos que pode se tratar de carência de qualquer coisa. O nível de pobreza no Brasil se encontra cada dia mais elevado, e por este motivo, entramos no ranking de pobreza novamente. As pesquisas que ocorrem do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) constataam essas estatísticas e a realidade dessas pessoas.

Foi constatado que 50 milhões de pessoas vivem na pobreza e que 13 milhões vivem na pobreza extrema. Mais de 20% da população total do Brasil, valendo ressaltar que as crianças e jovens em torno de 0 a 14 anos vivem com aproximadamente \$5,00 reais por dia. Isso mostra quão desigual é a sociedade brasileira. Essas desigualdades podem ser estabelecidas por meio da má distribuição de renda.

Na nossa região do Vale do Mamanguape, podemos perceber a entrada no trabalho muito cedo por parte das crianças e jovens. Muitos deixam de frequentar a escola por diversos períodos, pois vão ajudar seus pais. Por esta razão, verifica-se um grande número de repetentes nas escolas. Nas pesquisas de campo realizadas nas atividades do CAEPDS, tive essa certeza e pude reconhecer o quanto isso afeta o desenvolvimento das crianças.

Como exemplo posso citar uma experiência que aconteceu comigo e que representa a realidade de grande parte da população brasileira, a saber: durante uma atividade, eu tive contato direto com alunos de uma escola pública, participei como voluntária de uma atividade sobre leitura que contava com crianças de 12 anos no 5º ano do Ensino Fundamental.

Vivenciando esse momento percebi que a maioria das crianças não sabiam ler; usavam vestes degradadas; tem pais semianalfabetos; e 90% contavam com auxílio do Bolsa Família e do recebimento de alguns alimentos a cada 15 dias da prefeitura. A maioria dos pais dessas crianças trabalha na agricultura ou para as indústrias e costumam, para sobreviver, aceitar salários medíocres por trabalhos cansativos e pesados.

MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA E AS EXPERIÊNCIAS COM A POBREZA

Eu sou Rayanne de França Fasseluan, nascida em 12 de abril de 1997, filha de Maria Isabel Torres de França e Rodrigo Fasseluan Moraes Correia. Ela, dona de casa que só estudou até o Ensino Médio, e ele, mestre em Física que leciona no Ensino Superior. Quando tinha apenas dois anos meus pais se separaram, e a família dele, que possuía uma

melhor condição financeira, queria tomar minha guarda, então sempre estive dividida entre eles, presenciando momentos de dificuldades e momentos de fartura.

Desde muito nova tive experiência com a pobreza. Naquela época, não me considerava pobre, pois somente via como pobre quem vivia na extrema pobreza. Hoje, mais velha e estudando, conheço as diferenças que envolvem a pobreza.

Quando criança vivi em circo até meus seis anos. Como se sabe, a vida nesses locais não é muito agradável ou luxuosa. As moradias são barracas; a alimentação não tem hora e se vive uma constante mudança. A cada 20 dias, ou a cada mês, muda-se de cidade, e isso não permite que você tenha uma vida normal, porém, é melhor que estar ao relento ou largado em praças, como muitas pessoas sobrevivem.

A educação, quando se vive nesses locais, é muito conturbada, a mudança constante de escola, as diferentes culturas que se reúnem. Também havia controvérsias, quando morava com meus avós e minha mãe, sobre a educação que era dada a mim.

A educação pública ofertada às crianças circenses não é das melhores. As crianças chegam ao final dos Anos Finais do Ensino Fundamental sem nem saber ler, e o meu caso era mais ou menos esse.

Na época chamada de alfabetização, aos seis anos não sabia ler e muito pouco escrever, e as escolas tinham resistência em aceitar crianças desse mundo, porque se mudavam muito. Então, desde nova, já sofria com o preconceito. Atualmente, a situação dessas crianças e jovens deve ter melhorado, pois foi criada a seguinte lei:

A Comissão de Educação e Cultura aprovou, no último dia 21, proposta que obriga as escolas públicas e particulares a garantir vagas aos filhos de profissionais que exerçam atividades artísticas itinerantes, como os artistas de circo. A medida está prevista no Projeto de Lei 3543/12, do deputado Tiririca (PR-SP), e vale para crianças e adolescentes de 4 a 17 anos de idade (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2012).

Portanto, notamos aqui que a educação dificilmente está ao lado dos menos favorecidos. As políticas e leis estão longe de buscar o crescimento intelectual e crítico dessas pessoas, afinal, tudo que favorece os mais humildes vem dos mais poderosos, e esses não querem ser ameaçados por nada nem ninguém. A criação de projetos nesse sentido ainda é insignificante e só defende a “presença” da criança na escola, mas sabemos que isso não basta para garantir os direitos delas à aprendizagem.

Quando iniciei o Curso de Aperfeiçoamento, comecei com as leituras e vivenciei momentos que me fizeram rever alguns conceitos e lembranças que existiam dentro de mim a respeito da minha história. Hoje, com vinte e um anos, estudo, tenho senso crítico sobre as ações que podem me influenciar e sobre as pessoas que me rodeiam; consigo lidar melhor com as difíceis situações que enfrento todos os dias, sendo elas boas ou ruins; mas isso se deve ao fato de eu possuir uma história repleta de lembranças e das atividades efetuadas que me fizeram reconhecer valores, níveis de pobreza e desigualdade, mas principalmente pela minha construção cultural e de consciência.

Conforme Lowenthal (1981, p. 75) “toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças, recuperamos a consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos o que já vivemos um passado”. Durante o curso, uma das atividades que pedia uma narrativa de vida me mostrou o quanto eu mesma já havia vivido em situação de pobreza; o quanto as desigualdades interferem em nossa vida; e que a pobreza que se alastra pelo mundo é consequência da falta de sensibilidade dos nossos governantes.

Atualmente, mais crescida e evoluída, posso estudar esse fator e buscar maneiras para compreender cada dia mais a pobreza e a desigualdade. Isso pode me ajudar a tentar mudar, na medida do possível esse quadro, ajudando a educar e reeducar as pessoas com minha prática docente, pois só assim, elas poderão se libertar desse ciclo vicioso que a sociedade vem criando. São anos de histórias rebaixando os mais pobres, os negros, e desrespeitando a diversidade que existe na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O CAEPDS trouxe um grande conhecimento a respeito dessa problemática. Sabemos que o mundo já progrediu e regrediu por diversos momentos, que a pobreza sempre existiu. Porém, antes não era alvo das pesquisas. Constatei que a nossa educação está cada dia mais difícil. As crianças e jovens não conseguem aprender o que de fato venha a lhes servir para seu crescimento pessoal, para ajudar a sua comunidade, sobrevivendo sempre em um mundo de desigualdades acentuadas. Essa realidade traz para todos eles os preconceitos por serem semianalfabetos, negros, trabalhadores braçais ou por morarem em situações de vulnerabilidade.

Acredito que, após a experiência vivenciada no curso e pelo conhecimento de mundo que tenho, pobreza é fome, é falta de abrigo, é estar doente e não poder ir ao médico, é não poder ir à escola e não saber ler, é não ter emprego, é temer o futuro, é viver um dia de cada vez, é perder o seu filho para uma doença trazida pela água não tratada; pobreza é falta de poder, falta de representação e de liberdade.

De fato, podemos enxergar que o curso não foi um curso qualquer, que apenas passou textos, pesquisas, e atividades. Além de tudo, serviu para transformar o olhar dos cursistas, recriar pensamentos no âmbito da educação, perceber a exclusão das pessoas, aprimorou o conhecimento de cada discente que fez as atividades, mostrando a eles a verdade sobre a pobreza e as diversidades sociais.

Para mim, também fez reviver momentos que eu nem lembrava mais, não pensava o quanto eles foram valiosos para formar a pessoa que sou hoje, que essas experiências ligadas às dificuldades tornam as pessoas mais fortes e que elas precisam de apoio para poder progredir nas suas vidas como pessoa, como profissional ou estudante. Acredito que o curso ampliou horizontes e mudou muitos pensamentos, envolveu docentes que estavam em formação continuada - o que é muito importante -, incentivou a todos a não desistir e buscar sempre o melhor de si, pois quando se busca o seu melhor, você pode ajudar outras pessoas a fazerem o mesmo.

O aprimoramento do intelecto por meio do curso também enriqueceu os docentes cursistas em seus trabalhos, pois cada conhecimento que se ganha contribui positivamente para o desenvolvimento no ato de lecionar, e também nas relações entre as pessoas.

Já no meu caso, como ainda não trabalho em escolas, sinto que o estudo realizado veio contribuir na minha convivência social e que futuramente, no âmbito profissional, também contribuirá, pois fez com que reorganizássemos algumas concepções que agora serão repensadas.

Como já trabalho com criança, dando aulas de reforço, e essas são de classe baixa, eu pude olhar para sua realidade e seus comportamentos de outra maneira, entendendo um pouco mais sobre suas ações e respostas, e em como a pobreza afeta a vida de uma criança de diversas maneiras.

Posso dizer ainda que as atividades realizadas, os prazos cobrados, incentivaram também o comprometimento das pessoas com seus trabalhos, o que é excelente, pois todo bom profissional precisa ser comprometido, ser humano, verdadeiro e aceitar outras verdades e realidades, pois não tem como ser educador, profissional, se não puder compreender os outros. Tudo isso o curso trouxe para aqueles que o concluíram com o desafio de produzir este trabalho, o instiga as pessoas a se superarem como pesquisadores e estudantes.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **IBGE: 50 milhões brasileiros vivem na linha de pobreza.** Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-12/ibge-brasil-tem-14-de-sua-populacao-vivendo-na-linha-de-pobreza>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Comissão aprova matrícula obrigatória de filhos de artistas circenses.** 2012. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/educacao-e-cultura/431027-comissao-aprova-matricula-obrigatoria-de-filhos-de-artistas-circenses.html>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado.** Projeto História (17). São Paulo: EDUC, 1981.

22 TRAJETÓRIA DE VIDA:

reflexões sobre educação,
pobreza e desigualdades sociais

REJANE SOUSA DA SILVA
rejanesus@hotmail.com

TRAJETÓRIA DE VIDA

Neste capítulo lanço mão da minha trajetória de vida e vivências relacionadas à pobreza e à desigualdade social transcorrendo pelo contexto familiar, educacional, social e profissional.

A pobreza tem sido a condição natural e permanente do homem ao longo da história do mundo. Antes que eu viesse a nascer, aqueles que meus pais - filhos de pais pobres, financeiramente falando - já tomaram a iniciativa de “tentar a vida no Sul”. Nutriam a esperança de que as coisas lá iam melhorar. Minha mãe nunca conseguiu um trabalho, meu pai chegou a catar lixo, contam. Ocorre que, com o baixo grau de instrução, poucas lhes eram as oportunidades de adentrar o mercado formal de trabalho. Meu pai ainda chegou a ser cobrador de ônibus e trabalhar como atendente num botequim, cujos donos foram posteriormente tomados como padrinhos de batismo de minha irmã imediatamente mais velha.

Quando nasci, no Rio de Janeiro, meus pais já estavam de volta, não deu certo! Meu avô paterno, comerciante ambulante, decide então ajudar minha família, repassa algumas de suas “praças” para o meu pai, oferece-lhe moradia e um carro para reiniciar.

Éramos agora em número de cinco: meu pai, minha mãe, duas irmãs mais velhas e eu. Em 1975 partimos do Rio de Janeiro para Mamanguape, interior da Paraíba. Contam que eu tinha apenas 19 dias de nascida, uma bebezinha, e parece-me que quem melhor aproveitou essa viagem fui eu. De mala e cuia, regressamos numa rural, em um número de sete pessoas: minha família e um tio paterno com sua esposa, que também regressara

de tentativas frustradas, da esperança de “se dar bem na vida”. Convém relatar que além dos passageiros, tudo quanto foi possível trazer do pouco que se tinha, estava nesta rural. Imaginem!

Foi imprescindível a ajuda do meu avô e a partir desse momento passamos a morar em sua casa, e, como consequência, houve o surgimento dos conflitos familiares, naturalmente. A força de vontade, a coragem e a necessidade de mudar aquela situação levaram meus pais a se dedicarem juntos ao trabalho. Aproveitaram oportunidade oferecida pelo meu avô, e aos poucos se tornaram comerciantes ambulantes autônomos e independentes.

O exercício de rememorar especialmente a história das minhas origens familiares faz lembrar o conceito de educação, tão curiosamente apresentado no módulo I através do vídeo Ciço, quando correlaciona sua educação à enxada, e cita “tem um educação que vira o destino do homem, não vira? Ele entra ali com um destino e sai com outro.”. Enxada tomada aqui como trabalho, capaz de mudar o destino, para quem não teve prazo para adquirir o ensino regular.

A tão sonhada casa própria se realizou. Vivíamos dividindo os espaços com as mercadorias, entre elas carvão. Desde então fomos todos envolvidos nesse movimento de trabalho. Recordo que minhas irmãs mais velhas eram responsáveis pela entrega dos pedidos de carvão. Levavam de carro de mão, mas o mais interessante era a volta, a diversão era garantida. Além de estarem bem sujinhas, elas se revezavam, uma trazendo a outra na volta para casa.

Em 1979, um pouco melhor estabilizados chega a minha terceira irmã. Cresci e me desenvolvi nesse ciclo de ajuda mútua e conquistas intrafamiliar coletiva. E assim foi até que meus pais chegassem à aposentadoria. Assisti o crescimento material, como fruto de um trabalho desenvolvido com honestidade e dignidade. Meus pais, motivo de muito orgulho!

Com tudo isso, descobri que teria que lutar, porque “nada cai do céu”. Os princípios e valores transferidos pela minha criação revelavam isso o tempo todo. Iniciei meus estudos em escola pública, conclui na

rede privada, mas com muito sacrifício. O sonho era ter condições de entrar numa faculdade. Mas que faculdade? E que curso?

Essa fase foi difícil, não sabia o que queria, e ainda tinha que escolher alguma coisa que se enquadrasse nas nossas condições. Morando em Mamanguape, as opções mais viáveis eram a Universidade Estadual em Guarabira - UEPB ou a Federal - UFPB em João Pessoa, visto que, a prefeitura dispunha de transporte para conduzir os alunos e não teríamos condição de custear isso.

Enfim, em 1995 inicio o Curso de Licenciatura em História na UEPB – Guarabira/PB, influenciada por um amigo do meu pai. Foi dentro da Universidade que descobri a Psicologia. Virou paixão! Nesse momento já estava no mercado de trabalho, e em comércio, o que não poderia ser diferente, assim penso. Balconista da Farmácia, eu me achei, não com as fórmulas químicas, mas com o contato humano, em atender pessoas em situação de fragilidade, sofrimento, dor e com necessidades de um atendimento especializado e humanizado. E assim foi até a conclusão do Curso de História em 1998.

Logo em seguida, em 2001 inicio o curso de Psicologia, desta feita numa universidade privada – UNIPÊ em João Pessoa. E agora, como manter isso? Trabalhando – “nada cai do céu”, aprendi com meus pais. Foi um período de muitas emoções ao entrar na universidade: mudança de moradia, ao passar a morar em João Pessoa; distanciamento físico dos familiares; troca de emprego; afastamento dos amigos, em busca dos sonhos; delineamento de projetos pessoais e profissionais. Permaneci como balconista de farmácia, minha única fonte de renda para pagar as mensalidades, pelos longos 5 anos. Graças a Deus!

Cheguei no último período, esgotada física e mentalmente, foram anos seguidos conciliando trabalho e estudo, numa tripla jornada, sem lazer e descanso. Primeiro porque o dinheiro não dava; segundo, porque o tempo não dava e terceiro, porque toda hora “vaga” tinha que estudar, porque eu não podia me dar o “luxo” de reprovar ou perder sequer uma disciplina.

Os esforços pleiteados foram ganhando forma e matéria. Não foi fácil chegar aqui! A licenciatura em História caiu de paraquedas na minha vida. Penso que como ponte para a descoberta da Psicologia, mas nunca me despertou o interesse pela prática de ensino. No entanto, a prática da Psicologia Clínica sempre foi um fascínio. Faço isso desde que saí da academia. No entanto, sempre associada a outras atividades, pela própria instabilidade e rotatividade inerente à prática desse serviço.

Em minhas práticas profissionais, sempre estive muito próxima da precariedade material, educacional e social. Estive na Direção da Casa Educativa – FUNDAC/PB, no período de 2009 a 2011, Unidade de Internação para Adolescentes do sexo feminino em Cumprimento de Medida Socioeducativa; de 2011 a 2014, na Coordenação da Proteção Social Especial de Alta Complexidade do município de João Pessoa, correspondendo as unidades de acolhimento institucional; desde 2014 presto serviço no Centro de Referência Especializado da Assistência Social – CREAS no município de Marcação; concomitante à Coordenação de uma unidade de acolhimento para jovens e adultos com deficiência – Residência Inclusiva no município de Bayeux/PB.

Partindo dessa vivência e tomando como base as orientações técnicas para os serviços, reitero minhas inquietações quanto às práticas para a garantia de direitos, sejam educacionais, sejam sociais, ou quaisquer outra, uma vez que as políticas públicas de atendimentos têm todo um arcabouço normativo legalmente consolidado, mas ineficiente, para a mudança do quadro social e que intervenha significativamente para a alteração dos índices de desenvolvimento humano. É possível ainda pensar numa explicação para a pobreza pela herança colonizadora por seu caráter explorador e espoliador, quando a reprodução da pobreza alicerça o sistema de governo capitalista.

Assim, por todo o exposto, como também pela experiência vivenciada ao longo deste curso, na aproximação dos conteúdos e das aulas presenciais, reconheço-me nesse processo de educação, pobreza e desigualdade social.

Os estudos sociais, principalmente, dão conta de enfatizar a importância de uma rede de apoio para o desenvolvimento e amadurecimento do indivíduo, nos aspectos pessoal, profissional e social. É tanto que as normas de orientações técnicas dos serviços de Assistência Social, de proteção social básica e de proteção social de média e de alta complexidade apontam para a articulação de rede, pessoal e institucional. O relato da minha trajetória apresentada neste estudo mostra a relevância e o efeito dessa articulação.

Convém relatar que as reflexões e o conhecimento adquirido acerca da tríade educação-pobreza-desigualdade social contribuíram para aquisição de competências para o desenvolvimento de um serviço especializado, provocando aproveitamento imediato sobre as intervenções de casos novos e em acompanhamento no contexto de trabalho e também de vida pessoal.

Em virtude do que foi mencionado, faço uma avaliação satisfatória do curso, inclusive considerando a importância de sua continuidade, primeiro pelo efeito que provoca, nos próprios alunos, o que de imediato já interferirá em suas ações; segundo por essas ações, que se apresentará muito mais sensibilizada e eficaz em sua execução, principalmente pelo grito de socorro emergente da sociedade em função das condições de desigualdade social e seus reflexos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura**. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2016.

Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: jun. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Aline da Silva. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** : estudos em virtude dos 20 anos da Lei n. 9.394/1996 / Aline da Silva Freitas, Isabel Rodrigues, Ester Zuzo. — São Paulo; LTr, 2017.

OLIVEIRA, Sérgio Godinho. **A nova educação e você**. Belo Horizonte: autêntica, 2007.

SALMON G., Elizabeth. **O longo caminho da luta contra a pobreza e seu alentador encontro com os direitos humanos**. Sur, Rev. int. direitos human. São Paulo , v. 4, n. 7, p. 152-167, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-64452007000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 jun. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1806-64452007000200007>.

23 MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA MARCADA PELA POBREZA E A DESIGUALDADE SOCIAL

SIMONE COSME DE FARIAS FERREIRA
simonefarias2016@gmail.com

INTRODUÇÃO

A pobreza, certamente, é observada por muitos como uma condição moralizante. Podemos observar alguns discursos que colocam a pobreza como sinônimo de acomodação e preguiça. Só vamos conseguir desfazer este paradigma quando considerarmos que a pobreza e as desigualdades existem e necessitam ser trabalhadas.

Para mudarmos esta concepção moralista, considero importante buscarmos através das atividades o permanente exercício da criticidade e do desenvolvimento autônomo do aluno. Será por meio deste exercício que encontraremos soluções para garantirmos o acesso deste sujeito ao desenvolvimento de suas qualidades. Segundo Arroyo (20018, p.9): O problema desse enfoque é que, se os(as) pobres são vistos(as) como carentes e inferiores em capacidades de atenção, esforço, aprendizagem e valores, acabam sendo responsabilizados(as) por sua própria condição (Arroyo, 2018, p. 9).

O presente trabalho busca apresentar as principais dificuldades vivenciadas por mim durante a minha trajetória de vida, procurando relacioná-la com a tríade do curso de aperfeiçoamento: Educação, Pobreza e Desigualdade Social. Refletir sobre as dificuldades que vivenciei na minha infância e todo o meu esforço para mudar a realidade me leva a pensar em possibilidades de um futuro diferente para os meus filhos. Pensando nisso, Delgado (2003) afirma:

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica em

durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro (DELGADO, 2003, p. 10).

Sou Simone Cosme de Farias Ferreira, tenho 31 anos, natural da cidade de Lagoa de Dentro-PB, mas foi no Distrito de Estacada, município de Curral de Cima-PB, que passei toda a minha infância. Sou filha de agricultores e faço parte de uma família de nove irmãos. Vim de uma família humilde, passei muitas dificuldades e senti na pele os problemas financeiros e assistenciais de uma família pobre.

Morávamos no sítio até os meus catorze anos. Na minha casa não havia energia elétrica e todos os meus irmãos trabalhavam na roça. Naquele tempo, filho de pobre não estudava, nem tampouco se formava, e os que estudavam não passavam do Ensino Fundamental.

Aos meus dezoito anos, em 2005, casei-me e me mudei para o Sítio Campinas, no Município de Curral de Cima-PB. Infelizmente não pude dar continuidade aos meus estudos. Nesse período só havia terminado o Ensino Fundamental.

O Ensino Médio, nesse ano, de 2005, só funcionava no período noturno. Tive meus planos e sonhos adiados, pois meu esposo, por não ter estudado, tinha a opinião de que mulher casada não podia estudar à noite. Eu me acomodei naquela situação, mas dentro de mim, meu desejo de melhorar não acabou.

Nunca desisti de estudar, guardei esta vontade, pois sempre soube que só através dos estudos, de uma formação profissional, que eu poderia mudar de vida. Alguns anos se passaram e a esperança de uma vida melhor permanecia dentro de mim.

Aos meus vinte e um anos, em 2007, nasceu minha primeira filha. Com isso, as dificuldades financeiras da minha casa foram aumentando cada vez mais. Ser mãe tornava tudo mais complicado e os meus planos

ficavam cada vez mais distantes. Até que em 2009 surgiu a oportunidade de ensinar. Meu Deus, que alegria eu senti!

Ao mesmo tempo veio uma grande decepção, de repente a ficha caiu, pois com essa oportunidade que surgiu, veio junto o seguinte aviso: é necessário anexar os documentos pessoais e seu respectivo certificado de Conclusão de um Curso Superior. Naquele momento, eu me senti fraca, triste e revoltada.

Estava passando por tantas dificuldades e quando finalmente aparece uma luz, eu não estava preparada; e não pude ficar com a vaga de professora que me foi oferecida, pois não havia terminado nem sequer o Ensino Médio, tampouco o Ensino Superior.

No entanto, dois anos depois, surgiu uma nova oportunidade, e dessa vez abracei com todas as minhas forças. Tomei esta decisão e não perguntei a opinião de ninguém: voltar a estudar. Sabia que iria ser muito difícil, pois agora tinha uma criança que precisava muito de mim, porém, também era por ela que eu precisava retomar os meus estudos, pois não queria que a minha filha passasse por tudo o que eu passei.

Então, voltei a estudar. Foi muito difícil, tive que ser muito forte, pois estava desatualizada e fora de todos os padrões da escola, e até me adaptar e me encontrar no meio daqueles jovens foi bastante complexo, mas consegui. Foram três longos anos, até que terminei o Ensino Médio. Mal consegui acreditar quando recebi meu certificado, o que para muitos era sem importância, para mim era uma vitória.

Quanto ao meu esposo, entendeu que realmente é necessário se preparar para a vida. Ao término do Ensino Médio, fiz meu primeiro vestibular, pois queria dar continuidade aos meus estudos. Na primeira tentativa não passei, mas não desisti, resolvi seguir em frente. Até que consegui entrar em uma universidade particular, então comecei uma grande luta para conseguir pagar as mensalidades, o transporte, a alimentação e o material didático, uma vez que não tinha um emprego fixo.

Foram tantas as dificuldades. Houve dias em que tive que optar entre me alimentar ou comprar as apostilas. Foram tantos professores, muitas

informações transmitidas e recebidas. Quantas novidades e informações, importantes projetos, planos e sonhos. A universidade chegou como um divisor de águas em minha vida. Segui em frente nesses quatro longos anos de universidade.

Recordo que no sétimo período tive um sério problema de saúde, mas não desisti. Em seguida, outra surpresa, engravidei de minha segunda filha. Nossa, quando eu descobri pensei: “E agora o que será de mim? Falta tão pouco”. Pensei: não posso parar agora. Por conta da minha saúde, tive uma gravidez de risco e era muito complicado para mim, visto que meu único transporte era uma moto. Não tinha outra alternativa, mesmo assim, resolvi enfrentar esta situação.

Quando cheguei ao oitavo período, veio o tão temível Trabalho de Conclusão de Curso. Não sabia ao certo como faria tudo aquilo. Passado algum tempo, tive minha filha e com a ajuda de meus colegas de faculdade, amigos, finalmente consegui e realizei meu grande sonho que era ter uma formação profissional. Estou trabalhando e me realizando como professora, mas ainda tenho alguns objetivos a alcançar.

Dos meus nove irmãos, apenas eu e minha irmã mais nova conseguimos concluir a Educação Básica e uma graduação. Os outros continuam trabalhando na agricultura.

Hoje sou Pedagoga formada e estou em sala de aula. Como profissional, pretendo melhorar e estudar muito, pois ainda pretendo percorrer um longo caminho na minha vida acadêmica.

Não sou rica, mas convivi de perto com a pobreza e posso afirmar com toda a certeza que foi a Educação que me proporcionou mudanças relevantes para a minha qualidade de vida e da minha família. Não são apenas os bens materiais que acabam contribuindo, mas trabalhar faz toda a diferença.

Ninguém escolhe ser pobre, mas essa é a dura realidade de milhares de brasileiros. É muito triste não ter o que comer, o que vestir, onde morar. É cruel ver a pobreza e a desigualdade social entre as pessoas.

É notório que indivíduos que têm mais chance na vida têm muito mais facilidade de sair dessa linha de pobreza. Talvez esse seja o grande

problema do nosso país e do mundo. As autoridades governamentais acabam não se comovendo com esta situação, não procuram fazer nada para mudar esta realidade.

A falta de emprego é um grande fator que contribui para esta desigualdade, mas se fala tanto e pouco se faz. Temos um país tão rico, mas esta riqueza está mantida nas mãos de poucos. A desigualdade é algo gritante. Quantas vezes senti e sinto até hoje na pele quando você chega em determinados lugares públicos e a discriminação pela condição social? Ela influencia muito na forma de tratamento.

As pessoas é que são responsáveis pelas mudanças. Os políticos, os poderes constituídos e o povo têm uma grande parcela de culpa. Acredito que quando um indivíduo quer sair dessa linha de pobreza, ele consegue, e a primeira atitude a ser tomada é procurar os meios educacionais. Para isso é necessário entender que só através do conhecimento proporcionado por meio da educação é que essa mudança pode acontecer.

A pobreza existe e o primeiro passo é reconhecer que ela se faz presente. Avalio a minha história de vida e a relação a pobreza porque é uma condição de vida, no entanto existe uma saída para esta situação. Eu sempre acreditei, mas acreditar não é o suficiente. É preciso lutar e acreditar em si próprio e procurar meios de amenizar o estado de pobreza em que se está inserido. Na minha visão como professora, é necessário que aconteça uma grande mudança na sociedade civil organizada para que esse tema ganhe a importância que ele merece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de Aperfeiçoamento em Educação, Pobreza e Desigualdade Social foi de grande importância, pois nos proporcionou uma discussão aberta sobre o tema. É necessário primeiramente reconhecer que a pobreza e a desigualdade existem e, ainda, é necessário expor suas várias faces. Este curso contribuiu para que pudesse refletir sobre a situação que vivi na infância e que vivo hoje.

Queria muito dar minha contribuição neste processo de reconhecer a pobreza como fenômeno que tira o futuro das crianças e dos jovens. A desigualdade social é gritante e as pessoas se sentem diminuídas. Tudo isso precisa ser revisto pela nossa sociedade. A mudança se faz necessária.

Foi de grande aprendizagem participar deste curso, ele me proporcionou inúmeros conhecimentos sobre o tema abordado. Agradeço a toda a equipe de professores deste curso e especialmente ao meu tutor Wellington Pedro, pois o mesmo foi fundamental para a minha orientação e para o término do curso.

REFERÊNCIAS

ARROYO, MIGUEL GONZÁLEZ. **Módulo introdutório:** pobreza, desigualdades e educação. In: Ministério da Educação – SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, 2018.

DELGADO, L.A.N. **História oral e narrativa:** tempo, memória e identidades. HISTÓRIA ORAL, n. 6, 2003, p. 9-25.

SOBRE OS AUTORES

CÉLIA REGINA TEIXEIRA

CV: <http://lattes.cnpq.br/0160751688492465>

Professora Doutora da Universidade Federal da Paraíba (2010). E-mail: cel.teix@terra.com.br. Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Jales (1991), Especialização em Didática e Currículo do Ensino Fundamental pela Universidade do Estado de Mato Grosso (1992, 1998), Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (2001) e Doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006). Atualmente é membro do Núcleo Docente Estruturante do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba e do curso de Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas Educativas, Currículo e Cultura (CNPq). As publicações em periódicos estão inseridas no macro campo da Educação, discutindo os micros temas: Formação de Professores, Currículo e Avaliação Educacional. Projetos de Pesquisas e Orientações versam sobre o papel da escola e a importância do ofício docente, do currículo, avaliação da aprendizagem, da avaliação em larga escala, ensino e aprendizagem, escolas públicas e da gestão escolar.

FRANCYMARA ANTONINO NUNES DE ASSIS

CV: <http://lattes.cnpq.br/7307663118914288>

Possui graduação em Fonoaudiologia pela Universidade Católica de Pernambuco, graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professora da Universidade Federal da Paraíba junto ao Departamento de Educação do Campus IV. Vincula-se ao Grupo de Estudos e Pesquisas História da Educação da Paraíba – HISTEDBR/PB; e ao Grupo de Pesquisa Práticas Educativas, Currículo e Cultura Es-

colar. Atua como pesquisadora nos campos da educação inclusiva; práticas disciplinares; práticas educativas; cultura material escolar; história de vida de professores.

JOEL ARAÚJO QUEIROZ

CV: <http://lattes.cnpq.br/4432575322141234>

Possui graduação (licenciatura e bacharelado) em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba (2004), mestrado e doutorado em Biologia Vegetal pela Universidade Federal de Pernambuco (2009 e 2014, respectivamente). É docente da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Aplicadas e Educação, lotado no Departamento de Educação, campus IV. Tem experiência na área de Botânica, com ênfase interação plantas-polinizadores noturnos. Nos últimos três anos vem se dedicando à formação de docentes em diferentes cursos (Pedagogia, Biologia, Matemática, Letras e Ciências da Computação), trabalhando com temas relacionados ao ensino de ciências, alfabetização científica, ecoalfabetização, alfabetização de adultos.

JOSEVAL DOS REIS MIRANDA

CV: <http://lattes.cnpq.br/6303738632950566>

Universidade Federal da Paraíba/ Centro de Educação/ Departamento de Metodologia da Educação, Doutor em Educação. Doutor e Mestre em Educação pela Universidade de Brasília – UnB. Master en Promoción de la Salud Sexual pela Universidad Nacional de Educación a Distancia – UNED. Posuo Especialização em Psicopedagogia Aplicada a Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, em Supervisão Escolar e também em Educação Sexual. Sou Licenciado em Pedagogia. Atualmente sou professor e pesquisador Adjunto III, em Regime de Dedicção Exclusiva da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Centro de Educação – CE no Departamento de Metodologia da Educação – DME. Os termos mais frequentes na contextualização da

minha produção científica são: Didática, Formação de Professores, Avaliação das aprendizagens, Organização do Trabalho Pedagógico, Currículo, Educação de Jovens e Adultos e Educação e diversidade Sexual.

MARIA VALDENICE RESENDE SOARES

CV: <http://lattes.cnpq.br/0670947991478100>

Pedagoga, doutora e professora adjunta. E-mail: valdenicejp@hotmail.com. Graduada em Pedagogia com habilitação em Educação de Jovens e Adultos (2006) e Orientação e Supervisão Escolar (2007) pela UFPB. Mestre em Educação pelo PPGE/UFPB (2012), doutora em Educação pelo PPGED/UFRN. Dedicase aos seguintes temas: educação e jovens e adultos, história da educação e organização do trabalho pedagógico. Professora adjunta do departamento de Educação do CCAE, Campus Litoral Norte – UFPB.